

isciweb.com.br/revista ISSN: 2446-8436

Instituto Saber de Ciências Integradas

Revista Científica

36^a Edição | Volume 10
Número 6 | jun./2023

ISCI

- Ciências Agrárias

- Educação

- Empresarial

- Engenharia

- Jurídica

- MBA Executivo

- Saúde

- Social

- Tecnologia

MULTIDISCIPLINAR



ISCI Revista Científica

Multidisciplinar

ISSN 2446-8436

Instituto Saber de Ciências Integradas - Revista Científica

36ª Edição | Volume 10 | Número 6 | junho/2023



Conselho editorial

Prof.^a Me. Luzinete da Silva Mussi (Editora-chefe)

Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Especialista Lúcio Mussi Júnior

Instituto Saber de Ciências Integradas - Revista Científica. n.6, v.10, Sinop, MT: Instituto Saber de Ciências Integradas, junho, 2023.

Publicação Científica do Instituto Saber de Ciências Integradas - ISCI

Mensal

ISSN 2446-8436

1.Educação, 2.Problemas sociais e serviços sociais, 3.Administração e relações públicas, 4.Medicina e saúde, 5.Direito, 6.Engenharia, 7.Tecnologia.

370

360

650

610

340

620

000

Instituto Saber de Ciências Integradas

– Publicação de artigos científicos através de nossa Revista Científica Digital Multidisciplinar: isciweb.com.br/revista



– Publicação de ebooks das mais variadas linhas editoriais: isciweb.com.br/livros



Direitos Reservados

As responsabilidades pelo conteúdo de cada um dos trabalhos aqui publicados, bem como seus direitos autorais, são dos autores que os assinam.

Proibida a reprodução dos Artigos aqui publicados sem a autorização de seus respectivos autores.

(art. 184 do Código Penal e Lei n 1º 9.610, de fevereiro de 1998)

Sumário

EDITORIAL	7
EDUCAÇÃO	9
- A CULTURA DA DANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA (Cristiane da Silva Moreira; Daiana Felix de Oliveira; Evanderson dos Santos Antunes; Marina Rolim Aragão; Renata Rayane Pereira dos Santos)	11
- A EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA (Ana Laura Cavalcante Teixeira, Cristiane da Silva Moreira, Daiana Felix de Oliveira, Evanderson dos Santos Antunes, Renata Rayane Pereira dos Santos)..	21
- A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL (Edinalva Rosa dos Santos Alves; Eva Rodrigues da Silva)	32
- A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM (Emanoele Lionara de Almeida Santos Borges, Heneia Pedrosa Pereira da Silva, Isabel Frederica De Arruda, Orcione Maria Carvalho dos Santos, Lais Ramos)	54
- A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO COMO ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL (Maria Rosa da Silva Gama)	65
- A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL (Isanira Amorim Pereira Rodrigues Magalhães, Marly Joice Silva Dockhorn, Vivyan Dockhorn).....	85
- ANSIEDADE INFANTIL NOS ANOS INICIAIS (Eliane Maria dos Santos Kerber, Daiane Aparecida Lourenção, Karina Costa Paes de Sousa)	95
- ARLINDA E ROZINER: UM PARALELO ENTRE DUAS POETAS DO VALE DO ARAGUAIA (Mariel Alves Ferreira)	112
- AVALIAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL (Rafaela Lucília Silva Bandeira)	137
- MEMÓRIAS DE UMA ESTUDANTE (Rafaela Lucília Silva Bandeira) .	175

- OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS DA BNCC NA EDUCAÇÃO INFANTIL (Cássia Regina Alves de Oliveira, Jucileide de Jesus Oliveira Arrais, Marcilene Pereira Souza, Marli Scartezeni, Patrícia Juchem)..... 178
- OS RECURSOS UTILIZADOS PARA CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL (Daiane Aparecida Lourenção)..... 193
- UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA (Lúcio Mussi Júnior)207

EDITORIAL

"Todas as artes contribuem para a maior de todas elas: a arte de viver."

Bertolt Brecht

O mês de junho traz à tona uma grande manifestação cultural do povo brasileiro. Por meio das festas juninas, cada região do país apresenta suas particularidades culturais, mostrando que o Brasil é um país rico em cultura, dada a pluralidade de povos que aqui se juntaram.

É impressionante como muitos ainda relutam em aceitar essa mistura cultural como nossa identidade. Somos o povo brasileiro, fruto dessa mistura e agraciados com a diversidade.

É preciso aproveitar mais os meios digitais para divulgar e conhecer culturas. Ser diferente não significa ser melhor ou pior e quando as diferenças interagem, todos saem ganhando.

Cultura é história, religião, tradição, identidade e arte. Cultura é o povo interagindo, é vida e também é conhecimento. E sendo conhecimento, deve ser compartilhado.

Deste modo, nós da equipe da ISCI Revistamos Científica temos o orgulho de, juntamente com os autores e leitores, manter viva essa ferramenta de compartilhamento de conhecimento e cultura.

Gostaria ainda de parabenizar todo o ser humano que ama e propaga sua cultura e que, além disso, sabe respeitar a diversidade cultural.

Por fim, agradecemos aos autores, leitores, parceiros e colaboradores, por juntos estarmos mantermos a ISCI Revista Científica ativa e cumprindo seu papel de compartilhar conhecimento.

Prof.^a Ma. Luzinete da Silva Mussi¹
Diretora Editorial da ISCI Revista Científica

¹ Diretora do Instituto Saber de Ciências Integradas. Pedagoga. Licenciada em Educação Física. Psicopedagoga Clínica e Institucional. Especialista em Sociologia e Filosofia e em Gestão Educacional. Mestra em Ciências da Educação. Atua na Área Educacional desde 1976. prof.luzinetemussi@gmail.com

EDUCAÇÃO

- A CULTURA DA DANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA (Cristiane da Silva Moreira; Daiana Felix de Oliveira; Evanderson dos Santos Antunes; Marina Rolim Aragão; Renata Rayane Pereira dos Santos)

A CULTURA DA DANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Cristiane da Silva Moreira

Daiana Felix de Oliveira

Evanderson dos Santos Antunes

Marina Rolim Aragão

Renata Rayane Pereira dos Santos

RESUMO

O presente trabalho sobre a cultura da dança no espaço escolar e o processo de ensino e aprendizagem da criança, tem como objetivo demonstrar, através da literatura, que a dança traz diversos benefícios, desenvolvendo inúmeras capacidades. Sendo assim, a dança enquanto um processo educacional, não se resume simplesmente em aquisição de habilidades, mas sim, poderá contribuir para o aprimoramento das habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento, no desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo. Diante disso, o uso da dança como prática pedagógica favorece a criatividade, além de favorecer no processo de construção de conhecimento. Portanto a dança, sendo uma experiência corporal, possibilitará as crianças novas formas de expressão e comunicação, levando-os à descoberta da sua linguagem corporal, que contribuirá para o processo ensino aprendizagem. Sendo assim pode-se dizer, que a dança enquanto um processo educacional, não se resume simplesmente em aquisição de habilidades, mas sim, poderá estar contribuindo para o aprimoramento das habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento, no desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo. Além de favorecer no processo de construção de conhecimento. Por fim conclui-se que a cultura da dança na escola é uma estratégia inteligente para que as crianças aprendam a expressar as suas emoções. Pois o movimento corporal é essencial para o desenvolvimento dos pequenos, visto que expande os conhecimentos e aprimora habilidades motoras. Nesse contexto a pesquisa foi de natureza qualitativa, do tipo bibliográfico. O estudo mostrou que a dança pode melhorar a aprendizagem, o comportamento social dos alunos, desenvolvendo aspectos motores e cognitivos, que levam à cidadania moral, moldando suas perspectivas e ideias.

Palavras chaves: Dança, cultura, espaço escolar, processo ensino aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como reflexões a cultura da dança no espaço escolar e o processo de ensino e aprendizagem da criança, diante disso a dança entra nos espaços escolares como componente lúdico capaz de oferecer aos alunos um importante instrumento pedagógico para o desenvolvimento corporal, além de contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem.

Diante disso pode-se dizer que a dança é cultura, é expressão corporal, é comunicação e por isso reforça-se que a mesma precisa ser entendida, estudada de uma forma específica, pois abrange muitos conceitos (DARIDO; SANTOS, 2012).

Nesse contexto a dança pode ser um meio de motivar os alunos a vivenciar a novas práticas, trazendo exemplos passados de que ela é importante, de que é necessária. Os professores devem dar a tónica formal e estimular a criatividade para se expressarem. Fomentar que a mesma os envolva de forma integrada, pois não se trata apenas de conteúdo, os sentimentos, as emoções, são importantes para sua formação (VARANDA, 2012).

Assim sendo, este trabalho justifica-se pela necessidade de conscientizar que a dança como componente curricular não pretende formar bailarinos, antes disso, pretende oferecer ao aluno uma relação mais efetiva e intimista com a possibilidade de aprender e expressar-se criativamente através do movimento. Entretanto a dança na escola não é a arte do espetáculo, é educação através da arte. Pois a dança tem suma importância para alcançar os objetivos da Educação, um deles sendo o desenvolvimento dos aspectos afetivo e social, portanto esta prática propicia ao aluno grandes mudanças internas e externas, no que se refere ao seu comportamento, na forma de se expressar e pensar.

Os objetivos desse artigo foram investigar, sob forma bibliográfica, de que forma a cultura da dança como prática educativa pode contribuir com o processo ensino aprendizagem. A fim de levar os educadores a refletirem sobre suas práticas pedagógicas, contribuindo de maneira significativa para a entrada definitiva da dança no currículo das escolas brasileiras. Conscientizar sobre a importância da dança no espaço escolar. Incentivar a reflexão de novas idéias e discussões sobre a educação pela dança.

O artigo trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa, inserida na metodologia de pesquisa bibliográfica, onde foram analisados dados, selecionando apenas os resultados que expressam significados sobre o tema cuidado, obtidos pela análise temática de conteúdo. Assentada nos pressupostos teóricos do tema em ação, que propõem a cultura da dança no espaço escolar e o processo de ensino e aprendizagem da criança.

Diante desse estudo pode-se concluir que tais estudiosos acreditam que a dança é tão importante para a criança quanto falar, cantar, brincar. Inclui uma riqueza de movimentos que envolvem corpo, espírito, mente e emoções, que enriquecem a aprendizagem. Os gestos e movimentos expressivos nela existentes favorecem uma ação livre e prazerosa. Por meio de ações que envolvem a dança, o processo de aprendizagem ocorre de forma direta e íntima, pois a criança assimila informações com o corpo, mente e emoções.

UM POUCO DA HISTÓRIA DA DANÇA

A dança nasceu com os primeiros seres humanos. Através do movimento do corpo, da batida do coração, do caminhar, os seres humanos criaram a dança como forma de expressão. Por meio das pinturas encontradas nas cavernas, sabemos que homens e mulheres já dançavam desde a pré-história. A dança é uma expressão artística que usa o corpo como instrumento. Assim como o pintor utiliza pincéis e tela para criar seus quadros, o bailarino serve-se do corpo. Presente em todos os povos e culturas, a dança pode ser executada em grupo, duplas ou solos. Pela dança se expressa a alegria, a tristeza, o amor e todos os sentimentos humanos.

O surgimento da dança, se deu ainda na época da Pré-História, quando os homens batiam os pés no chão. Com o passar do tempo, foram dando mais intensidade aos sons, descobrindo que seriam capazes de criar outros ritmos, conciliando os passos com as mãos, através das palmas.

Sendo a dança uma das três principais artes cênicas da antiguidade, ao lado do teatro e da música. No antigo Egito já se realizavam as chamadas

danças astro-teológicas em homenagem a Osíris. Na Grécia, a dança era frequentemente vinculada aos jogos, em especial aos olímpicos.

A história da dança cênica representa uma mudança de significação dos propósitos artísticos através do tempo.

Com o Balé Clássico (século XV), as narrativas e ambientes ilusórios é que guiavam a cena. Com as transformações sociais da época moderna, começou-se a questionar certos virtuosismos presentes no balé e começaram a aparecer diferentes movimentos de Dança Moderna. É importante notar que nesse momento, o contexto social inferia muito nas realizações artísticas, fazendo com que então a Dança Moderna Americana acabasse por se tornar bem diferente da Dança Moderna Europeia, mesmo que tendo alguns elementos em comum.

A dança contemporânea como nova manifestação artística, sofrendo influências tanto de todos os movimentos passados, como das novas possibilidades tecnológicas (vídeo, instalações). Foi essa também muito influenciada pelas novas condições sociais - individualismo crescente, urbanização, propagação e importâncias da mídia, fazendo surgir novas propostas de arte, provocando também fusões com outras áreas artísticas como o teatro por exemplo. Em 1982, o Comitê Internacional da Dança da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) instituiu o dia internacional da dança em "29 de abril", em homenagem ao criador do balé moderno, Jean-Georges Noverre.

A DANÇA NO BRASIL

Originou-se dos mais variados lugares, recebendo muitas influências de outros países. Com as danças, há uma mistura de ritmo e som, que fazem as pessoas criarem cada vez mais passos e modos diferentes para dançar. As danças no Brasil são diversas em cada região do país, sendo as mais conhecidas, o Samba, o Maxixe, o Xaxado, o Baião, o Frevo e a Gafieira.

Muitos são os derivados dessas danças, que recebem influências principalmente africanas, árabes, europeias e indígenas. E ainda tem espaço para as danças folclóricas e tradicionais que vão de acordo com cada região e localidade no Brasil como farró, axé, entre outras. No Brasil também há danças

mais modernas como o funk por exemplo, e de influências estrangeiras como rock, pop, pop rock, K-pop, heavy metal são muitas porque uma simples variação de ritmo pode mudar o título do estilo. Por isso podemos deduzir que as danças brasileiras tem origem de diferentes lugares no mundo.

A DANÇA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A dança na escola não deve ser formar artistas, ainda que isso possa acontecer. Em primeiro lugar, a atividade extracurricular deve ser vista como uma ferramenta de aperfeiçoamento da aprendizagem. Ou seja, ela deve ser parte das práticas pedagógicas, estando integrada com outras atividades e objetivos escolares. Portanto por meio da dança, os alunos podem explorar sua capacidade de criar, de aprender e de se expressar.

VERDERI (2009) declara que:

... a dança na escola deve proporcionar oportunidades para que o aluno desenvolva todos os seus domínios do comportamento humano e, por meio de diversificações e complexidades, a professora contribua para a formação de estruturas corporais mais complexas.

Dessa forma, a atividade contribui para o processo de aprendizagem, pois ajuda o aluno na construção de seu conhecimento e no desenvolvimento de habilidades. Do mesmo jeito, a dança também possibilita que os alunos desenvolvam diferentes domínios do comportamento humano — social, emocional, corporal e intelectual. Além de ampliar o repertório cultural. Por isso, atua na formação integral do indivíduo. Com isso a a cultura da dança na escola pode ir além das experiências corporais. Ela deve ser integrada com outras disciplinas. Assim, contribui positivamente com a aprendizagem de conteúdos de outros domínios, o que é muito importante no processo escolar.

Nessa perspectiva a dança no ambiente escolar, pode ser um processo e uma ferramenta de aprendizagem importantes. Mas, além disso, essa atividade também gera muitos benefícios para o desenvolvimento integral dos alunos em diferentes aspectos. A dança é uma excelente atividade para o desenvolvimento motor. Ela permite que o indivíduo tenha consciência corporal e saiba como o seu corpo se relaciona com o espaço. Assim, ele pode desenvolver coordenação motora, equilíbrio e flexibilidade, por exemplo. Essas

competências são importantes para realizar diferentes atividades do dia a dia. Ainda em relação ao corpo, a dança também aperfeiçoa diferentes sentidos de crianças e adolescentes. Eles precisam usar a visão, a atenção e a concentração para aprender as coreografias e a audição para ouvir a música e interpretar os ritmos, por exemplo.

Sendo assim a cultura da dança é muito útil para o processo de ensino e aprendizagem da criança, pois ela pode criar condições que se estabeleçam relações interativas, proporcionando o conhecimento do próprio corpo e de suas possibilidades, tendo uma compreensão de modo crítico do mundo em sua volta. Entretanto ao vivenciar a cultura da dança, seja ela em expressão artística, recreativa, expressão humana, de sentimento entre outras, tais expressões leva ao enriquecimento. Segundo SARAIVA (2009), é preciso uma vivência da dança, pois ela afirma:

Os processos que envolvem a aprendizagem da dança visam o “sujeito criador”, a partir de sujeitos cuja expressão interior e emoções humanas já estão mediatizados pela vivência cultural e pelo meio que os cerca; um sujeito histórico, que emerge nos processos educativos imprimindo, também, seu “registro” nas suas “produções”. (SARAIVA – 2009).

A dança na escola também é muito importante no desenvolvimento das habilidades socioemocionais, competências cada vez mais apreciadas na sociedade. Isso porque a expressão corporal é uma forma dos indivíduos se comunicarem com os outros. Dessa maneira o trabalho com a dança também possibilita a descoberta do próprio corpo, o reconhecimento de que cada indivíduo possui diferentes maneiras de se movimentar, o que resultara na conscientização do aluno com relação ao respeito à individualidade dos seres humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura da dança no espaço escolar, precisa-se continuar avançando, pois, a dança contribui no processo ensino aprendizagem. Por meio dessa arte adquire-se um desenvolvimento gradativo, com melhora no rendimento escolar,

mudança positiva no comportamento, entre muitos outros aspectos, devido à dança ser uma atividade completa que exercita corpo, mente e alma. Por isso é necessário a introdução dessa arte nas escolas, a fim de que as crianças tenham acesso à arte e à cultura.

Nesse contexto em estudo o aprendizado por meio de atividades como a dança, possibilita uma melhora significativa no comportamento social dos alunos, além de desenvolver os aspectos cognitivos e motor, resultando na formação de um cidadão ético, formador de suas opiniões e ideias. Portanto, o educador deve ter uma atitude consciente na busca de uma prática pedagógica mais coerente com a realidade, como a dança, que leva o indivíduo a desenvolver sua capacidade criativa numa descoberta pessoal de suas habilidades, contribuindo de maneira decisiva para a formação de cidadãos críticos autônomos e conscientes de seus atos, visando a uma transformação social.

Dessa forma conclui-se que espera-se que essas reflexões levem a novas idéias e discussões, sobretudo, do aprofundamento da cultura da dança, nos espaços escolares enquanto um conteúdo importante para auxiliar o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem. Assim a dança, entendida como a arte de expressão em movimento, destaca na educação a ótica da sensibilidade, da criatividade e da expressividade, como uma nova direção que se quer dar para a razão, a ética e cultura – pelo saber através do sentir, da intuição, e com o objetivo de uma formação integral do aluno.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DARIDO; SANTOS . Livro didático: Uma ferramenta possível de trabalho com a dança na educação física escolar. Motriz , Rio Claro , SP, v.18, n.1 jan/ mar. 2012

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia geral e Brasil**. 3ª Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARRUDA, Solange. **Arte do movimento: as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana**. São Paulo: PW Gráficos; Editores Associados, 1988.

BERTONI, Íris Gomes. **A dança e a evolução: O ballet e seu contexto histórico**; Programação didática. São Paulo: Tans do Brasil, 1992.

BRASIL - **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação física Brasília: MEC/ SEF, 1997.

CUNHA, M. **Aprenda dançando, dance aprendendo**. 2 ed. Porto Alegre:Luzatto, 1992.

FIAMONCINI, Luciana. **Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética**. Revista Pensar a prática: Revista da Pós-Graduação em Educação Física, Goiânia, v. 6, p. 59-72, jul./jun. 2002-2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FUSARI, M. F. e Ferraz, M. H. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

GEHRES, Adriana de Faria. **A dança popular na pré-escola e no primeiro grau menor**. Córporis – Revista da Escola Superior de Educação Física da UPE, ano 1, v. 1, n. 1, jul./dez. 1996.

MARQUES, I. Parâmetros Curriculares Nacionais e a Dança: Trabalhando com os Temas Transversais. Revista Ensino de Arte., no.2, ano I, 1998.

MARQUES, IA **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

NANNI, Dionísia. **Dança Educação – Pré –Escola à Universidade**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995.

OSSONA, Paulina. A educação pela dança. São Paulo: Summus, 1988.

PEREIRA, SRC et all. **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. Revista Kinesis. Porto Alegre, n. 25, 2001.

REVISTA DIÁLOGO EDUCACIONAL. **Formação para o ensino de dança**. Curitiba, jan./abr. 2008 REVISTA KINESIS. Porto Alegre, n. 25, 2001.

REVISTA NOVA ESCOLA. Entrevista Moacir Gadotti. São Paulo (53), p. 22-25, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação**, curvatura da vara. 32ª edição – Campinas, Autores Associados, 2003.

STOKOE, Patrícia & HARF, Ruth. **Expressão corporal na pré-escola**. São Paulo: Summus, 1987.

STRAZZACAPPA, M. A Educação e a Fábrica de Corpos: a dança na escola. Caderno Cedes, Campinas, ano XXI, n. 53, abr./ 2001.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

**- A EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NO
PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA (Ana Laura Cavalcante
Teixeira, Cristiane da Silva Moreira, Daiana Felix de Oliveira, Evanderson
dos Santos Antunes, Renata Rayane Pereira dos Santos)**

A EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Ana Laura Cavalcante Teixeira

Cristiane da Silva Moreira

Daiana Felix de Oliveira

Evanderson dos Santos Antunes

Renata Rayane Pereira dos Santos

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade contextualizar sobre a educação infantil e a importância das brincadeiras no processo de desenvolvimento da criança, pois as brincadeiras vêm ganhando espaço e importância em todas as abordagens referentes à infância. Dessa forma, iremos discutir as principais perspectivas teóricas que abordam o uso das brincadeiras na escola, bem como a sua importância para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança a partir de uma abordagem teórica. Diante desse ensinamos estimular o profissional docente a refletir e compreender as brincadeiras como elemento fundamental do trabalho pedagógico, sobretudo de alunos com manifestações de dificuldades de aprendizagem e demonstrar que o emprego de atividades lúdicas pode ajudar no desenvolvimento de várias capacidades, além de auxiliar na exploração e entendimento sobre a realidade, a cultura, as regras e os papéis sociais. Entretanto as brincadeiras são atividades essenciais no dia a dia da Educação Infantil, alguns estudos mostram que as brincadeiras infantis são mais do que meros passatempos da infância; são, sobretudo, meios de a criança se desenvolver e construir significações culturais e sociais importantes. Conclui-se que o trabalho proposto parte da reflexão sobre a importância das brincadeiras para o desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil, buscando entender qual a concepção docente diante do lúdico na educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil, brincadeira, desenvolvimento, criança

INTRODUÇÃO

As brincadeiras na educação infantil, contribuir como o aperfeiçoamento da humanidade em termos materiais, sociedade, cultural, emocional e cognitivo, portanto, é necessário sensibilizar, educadores e toda a sociedade e principalmente os pais, para o brincar na infância e o que deve ser vivenciado

neste período, ou seja, brincar não é apenas lazer, mas também parte do comportamento no processo de aprendizagem. De forma breve, este artigo discute o valor das brincadeiras no dia a dia das crianças nas escolas, ou seja, o desenvolvimento intelectual e mental da aprendizagem infantil. Entretanto o comportamento lúdico é fundamental para o amadurecimento infantil de forma geral, pois não é apenas um prazer momentâneo, mas também assimila o conhecimento da criança e a absorve em suas vidas futuras.

Segundo (Freitag, 2012 p.07)

Brincando, as crianças exploram e renetem sobre a realidade cultural na qual estão inseridas, questionando regras e papéis sociais, demonstrando assim, através do brincar, situações que ainda não conseguem expor através de palavras. Dessa forma, o brincar proporciona para a criança a autonomia que ela tem de si, do mundo, e assim explorando toda a sua imaginação, interação com o mundo.

Diante disso é de grande relevância a brincadeira ser vista como um recurso de aprendizagem, pois a criança demonstra toda sua agilidade, crescimento e desenvolvimento nos aspectos sociais e culturais. Pois a brincadeira é um dos caminhos que possibilitará o desenvolvimento da criança. O lúdico é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem, pois não é apenas um momento divertido, é um momento em que adquire-se o conhecimento para vida futura.

Nesse contexto o presente trabalho analisou como uma criança desenvolve sua personalidade e habilidades, através da brincadeira, exercita sua imaginação, expressa sua autonomia nas coisas, exercita emoções e amplia horizontes participando de atividades lúdicas, descobrindo assim o mundo no espaço escolar. A pesquisa explorou diversos conceitos de infância partindo de uma visão histórica, social e cultural, que é a primeira fase do desenvolvimento da criança. Sendo assim no espaço escolar, os jogos e as brincadeiras são essenciais para o progresso infantil, pois as crianças brincam de faz-de-conta exercitando sua imaginação, estimulando suas habilidades, desenvolvendo sua personalidade e demonstrando suas vontades e expressando suas emoções.

Nesse contexto pode-se ressaltar que nos momentos das brincadeiras as crianças adquirem conhecimentos, alegria e diversão, buscando envolver e

interagir com as outras crianças enquanto brincam e aprendem, tornando-as uma fonte de ideias e de aprendizado, fazendo com que elas se tornem uma existência especial em uma boa sociedade.

O presente trabalho busca estudos teóricos na literatura bibliográfica. Esses estudiosos foram iniciados para estimular pesquisas sobre a educação infantil e a importância das brincadeiras no processo de desenvolvimento da criança. Para a composição do estudo foi de caracterização qualitativo e descritivo, acerca da concepção dos profissionais que atuam na Educação Básica, especialmente no campo da Educação Infantil, tomando como base aporte teórico.

Assim conclui-se que as brincadeiras são de suma importância para a educação infantil, sendo o principal meio para que a criança se desenvolva interiormente e com o mundo, o presente artigo mostra que o lúdico não deve ser compreendido como um mero passatempo nas escolas, desnecessário para a aprendizagem das crianças, mas sim como um recurso pedagógico. Sabendo que é uma prática necessária para o desenvolvimento desde o início da vida de uma criança e toda a sua caminhada. Com isso, o desenvolvimento desse trabalho proporcionará o conhecimento para os educadores de que as brincadeiras devem ser praticadas e vivenciadas pelas crianças como processo de ensino-aprendizagem.

O CONCEITO DE BRINCADEIRAS

Brincadeira é a ação de brincar, de entreter, de distrair. Pode ser uma brincadeira recreativa como brincar de "esconde-esconde" ("jogar às escondidas", em Portugal) ou um gracejo, como trocadilhos ou insinuações.

É uma forma de jogo livremente estruturada que geralmente inclui encenação, substituição de objetos e comportamento não-literal. O que separa a brincadeira de outras atividades diárias é o seu aspecto divertido e criativo, em vez de ser uma ação realizada em prol da sobrevivência ou da necessidade. As crianças se envolvem em brincadeiras por uma série de razões, que fornecem à criança um ambiente seguro para expressar medos e

desejos. Quando as crianças participam do jogo de fantasia, elas estão integrando e fortalecendo o conhecimento adquirido anteriormente. As crianças que têm melhores capacidades de pretensão e fantasia também mostram uma melhor competência social, capacidades cognitivas e uma capacidade de tomar a perspectiva dos outros. Para que a atividade seja referida como brincadeira, o indivíduo deve estar se desviando intencionalmente da realidade. O indivíduo deve estar ciente do contraste entre a situação real e a situação de fazer crer. Se a criança acredita que a situação de fazer crer é realidade, então ele / ela está interpretando mal a situação ao invés de fingir. Fingir pode ou não pode incluir ação, dependendo se a criança escolhe projetar sua imaginação na realidade ou não.

“O brincar é uma necessidade básica e um direito de todos. O brincar é uma experiência humana, rica e complexa.” O brincar em família pode ser a via privilegiada para se estabelecer, com o filho, interação rica que favoreça um vínculo e que contribua para o seu desenvolvimento afetivo.

A brincadeira contribui muito para o desenvolvimento da criança. Através dela, o professor estimula a autonomia de cada indivíduo. Ainda, quando a criança encontra-se no Pré-Operatório (caráter lúdico do pensamento simbólico), segundo Jean Piaget, ela é extremamente egocêntrica, centrada em si mesma e para tudo deve haver uma explicação. A brincadeira nessa etapa da educação é fundamental, pois ela passa a ter de lidar com os diferentes pontos de vista de seus colegas e tenta resolver diferentes problemas de diferentes formas, sempre com o auxílio da professora e respeitando as regras/combinados.

A importância de brincar na educação infantil é essencial e necessária, pois ajuda na construção da identidade, na formação de indivíduos na capacidade de se comunicar com o outro, reproduzindo seu cotidiano e caracterizando o processo de aprendizagem. O ato de brincar possui uma dimensão simbólica que contribui para impulsionar o desenvolvimento infantil, pois, "nas brincadeiras, a criança tenta compreender seu mundo ao reproduzir situações da vida. Quando imita, a criança está tentando compreender".

É inquestionável a necessidade de brincar para o desenvolvimento das crianças, logo justifica-se de imediato a natureza do negócio dos brinquedos.

Objetos de cultura, os brinquedos capturam e transmitem valores, ideologias, expectativas no campo social, sendo também uma ferramenta fundamental através da qual a criança se desenvolve fisicamente.

Atualmente, as brincadeiras ganharam novas formas, pois os brinquedos passaram a fazer parte dos bens de consumo corrente. A oferta de brinquedos é muita nas prateleiras das lojas, o que torna mais fácil o consumo, até, porque, cada vez mais são criativos e com tecnologias avançadas. Os brinquedos tradicionais e simples estão a perder espaço nas prateleiras e categorizá-las cada vez mais é difícil.

A EDUCAÇÃO INFANTIL /BRINCADEIRAS

Quando o assunto é brincadeira pode-se ressaltar que a criança tem a necessidade de brincar, o ato de brincar não se resume a brinquedos, mas na atitude que a criança expressa nas atividades realizadas. Essa experiência é cheia de alegria e satisfação. Na educação infantil é importante que as crianças convivam em ambientes que possam manipular objetos, brinquedos e interagir com outras crianças e principalmente que possam aprender, pois o brincar é uma importante forma de comunicação. O lúdico auxilia na aprendizagem, pois ajuda na construção da reflexão, autonomia e da criatividade.

Segundo RCNEI, Brasil, (1998):

... brincar é umas das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. 82 Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 1 (1): 76-88, 2014.

Entretanto a criança ao brincar, pensa e analisa sobre sua realidade, cultura e o meio em que está inserida, discutindo sobre regras e papéis sociais. Pois ao brincar a criança aprende a conhecer, a fazer, a conviver e a ser, favorecendo o desenvolvimento da autoconfiança, curiosidade, autonomia, linguagem e pensamento. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades

importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, p. 22). Independente da época, cultura e classe social, o brincar faz parte da vida das crianças, pois vivem em um mundo de fantasias, onde a realidade e o faz de conta se confundem. De acordo com RCNEI, Brasil, (1998), brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la.

Sendo assim é através das brincadeiras que a criança forma conceitos, seleciona ideias, percepções e se socializa cada vez mais. A brincadeira é uma atividade que auxilia na formação, socialização, desenvolvendo habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas, cognitivas e emocionais. Ao brincar as crianças expõem seus sentimentos, aprendem, constroem, exploram, pensam, sentem, reinventam e se movimentam. Fantasiando a criança revive angústias, conflitos, alegrias, desiste e refaz, deixando de lado a sujeição às ordens e exigências dos adultos, inserindo-se na sociedade onde assimilam valores, crenças, leis, regras, hábitos, costumes, princípios e linguagens: As crianças são capazes de lidar com complexas dificuldades psicológicas através do brincar. Elas procuram integrar experiências de dor, medo e perda. Lutam com conceitos de bem e mal.

Diante do contexto em estudo o lúdico é considerado prazeroso devido a sua capacidade de absorver a criança de forma única, intensa e total possibilitando demonstrar sua personalidade e conhecer melhor a si mesma. Segundo Kishimoto, (2001), enquanto a criança brinca, sua atenção está concentrada na atividade em si e não em seus resultados ou efeitos. “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral; e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (WINNICOTT, 1975, p.80).” No ato de brincar a criança estabelece vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, ou seja, no lúdico a criança transforma os conhecimentos que já possuem anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. Diante disso, o brincar é uma atividade natural, espontânea e necessária; para brincar é preciso que as

crianças tenham certa independência para escolher seus companheiros, os papéis que assumirão no decorrer da brincadeira, o tema, o enredo, todos dependendo unicamente da vontade de quem brinca. Através do lúdico a criança constrói seu próprio mundo, dá evolução aos pensamentos, colaborando sobremaneira no aspecto social, integrando-se na sociedade. Não se deve esquecer que o brincar é uma necessidade física e um direito de todos.

Assim sendo a brincadeira é uma experiência humana, rica e complexa. Portanto: Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também tornam-se autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em práticas suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata, brincar é a fase mais importante do desenvolvimento humano. Por ser a auto ativa representação do interno, ocorre a representação de necessidades e impulsos internos. Fica claro então, que o brincar para a criança não é apenas uma questão de diversão, mas também de educação, construção, socialização e desenvolvimento de suas potencialidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizado e análise bibliográfica referente ao tema desse artigo é possível ressaltar que ao realizar essa pesquisa foi possibilitado aos educadores o desenvolvimento de uma visão mais ampla sobre a educação infantil e a importância das brincadeiras no processo de desenvolvimento da criança. Portanto o educador deve levar em consideração não somente a teoria para ser trabalhada em sala de aula, mas a prática no ambiente conta muito, por meio da vivência, experimentação, dinâmica, incentivo, para que desperte a motivação das crianças, visando assim um melhor resultado no desenvolvimento e na aprendizagem delas. Dessa forma o lúdico é um fator indispensável para esse processo, pensando sempre no bem-

estar da criança, reflete a ideia que, tanto o jogo, quanto a brincadeira deve estar presente sempre em nossas vidas, pois, todos nós já passamos por essa fase e nos lembramos de como é importante resgatar e praticar mais frequentemente o lúdico nas escolas, trazendo para dentro do ambiente escolar diferentes tipos de atividades, de forma dinâmica e prazerosa.

Sendo assim pode-se concluir que durante a infância a criança se torna única a singular, aprende a brincar e ao aprender ela pensa, analisa sobre sua realidade, cultura e o meio em que está inserida, criando forma, conceitos, ideias, percepções e cada vez mais se socializa através de interações. Portanto através das brincadeiras a criança se desenvolve integralmente, passa a conhecer o mundo em que está inserida. Entretanto, o brincar não é apenas uma questão de diversão, mas uma forma de educar, de construir e de se socializar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. T. F. O brincar na escola sob a perspectiva de crianças: construção de representações sociais. XI Congresso Nacional de Educação, PUC-PR, Curitiba. 2015.

ALVES, M. S. J.; RODRIGUES, E. N.; SOBRAL, M. S. C. O Brincar e o Aprender na Educação Infantil. ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA, v. 13, n. 43, p. 187-196, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. BNCC - Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, Secretaria da Educação. 2018. 600 p. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 19 de março de 2021.

ALBERGUINE, M.R.S. a importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento da criança na educação infantil. Monografia apresentada ao

Curso de Pós- Graduação – Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais: Perspectivas Contemporâneas, ofertado pelo Centro Universitário Filadélfia - Unifil.

ANDRADE, V.T.L. A IMPORTÂNCIA DA INTEGRAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA. Monografia apresentada ao Curso Pedagogia da FACECAP/CNECCapivari, para obtenção do título de Pedagogo, Capivari SP, p.10-38,2011.

BARBOSA, S.S.M. O PAPEL DA ESCOLA: Obstáculos e Desafios Para Uma Educação Transformadora. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Porto Alegre, p.8-234, 2004.

BEZERRA, S.L.J. A importância da intervenção do professor nas brincadeiras nas crianças da creche. Trabalho de conclusão Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira- PB, p.6-21.2011.

CÂNDIDO, V.S. JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Trabalho de conclusão de curso ao Centro de Ciências Humanas e Exatas na Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro- PB, p.13-43, 2014.

CADORIN, T.C.; MORANDINI, P.L. OLHAR PSICOPEDAGÓGICO NA PRÁTICA DA LUDICIDADE. Centro de Educação IDEAU – Colégio Santa Clara – Getúlio Vargas, RS, p. 2-13,2014.

FREITAG, M.E.C.V. O brincar na educação infantil. Trabalho de conclusão de curso em Especialização Educação Infantil. Florianópolis- SC, p.5-19, 2012.

ALMEIDA, N. P. EDUCAÇÃO LÚDICA: TÉCNICAS E JOGOS. São Paulo: Loyola, 1998.

ANTUNES, Celso. MANUAL DE TECNICAS DE DINÂMICAS DE GRUPO. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHATEAU, J. O JOGO NA CRIANÇA. São Paulo: Summus, 1981. PIAGET, Jean. A FORMAÇÃO DO SIMBOLO NA CRIANÇA. Rio De Janeiro: Zahar, 1975.

VYGOTSKY, L.S . A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE. São Paulo: Martins fontes, 1994.

**- A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL (Edinalva
Rosa dos Santos Alves; Eva Rodrigues da Silva)**

A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Edinalva Rosa dos Santos Alves

Eva Rodrigues da Silva

RESUMO:

Este trabalho tem por finalidade mostrar para os alunos da Educação Infantil a importância de trabalhar através do jogo. Será desenvolvida durante o projeto a brincadeira da amarelinha com números, para os alunos de cinco anos, proporcionando a eles conhecer os números decimais, envolvendo também os conteúdos de educação física, com objetivo de trabalhar os movimentos e equilíbrio, através da leitura da brincadeira o pensamento será trabalhado como conteúdo de português de forma divertida. Portanto de acordo com a atividade podemos questionar: É possível trabalhar diversos movimentos, pensamento e números dentro de uma única brincadeira, porém a brincadeira tem como intuito trabalhar com o pensamento das crianças, raciocínio, coordenação motora, criatividade, interpretação enfim envolver a criança em uma única atividade. A amarelinha será trabalhada com a divisão de dois grupos, cada aluno iniciará jogando a pedra dentro do quadrado terra e o mesmo não poderá pisar na linha, indo até a casa céu e falando os números. Para isso buscou se através da pesquisa bibliográfica analisar as principais ideias dos mais renomados autores, Piaget, Vygotsky, Kishimoto e Freire. Os materiais para construção do jogo será o pátio, giz e papel colorido. As atividades que trabalha com jogos deve estar inserido na escola desde o início da aprendizagem, isso implica em um bom convívio entre os próprios alunos durante seu período de formação, as brincadeiras constroem conhecimento para os alunos, assim eles tem mais interesse e aprendendo melhor as atividades. A forma avaliativa será em observação aos objetivos e desempenho que foram alcançados.

Palavras-chave: Brincadeira, Jogos, Desenvolvimento, Aprendizagem, Conhecimento.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vem discutir as contribuições do jogo amarelinhas

juntamente com a matemática para ser desenvolvimento na docência da educação infantil nos anos iniciais. Tem como tema de pesquisa A Brincadeira Da Amarelinha Na Educação Infantil, sendo que os jogos são de fundamental importância para o aprendizado nos anos iniciais.

O jogo como estratégia de ensino e de aprendizagem em sala de aula favorece a criança na construção do conhecimento científico, proporcionando a vivência de situações reais ou imaginárias, propondo à criança desafios e instigando-a a buscar soluções para as situações que se apresentam durante o jogo, levando-a a raciocinar, trocar ideias e tomar decisões.

Além disso, a brincadeira da amarelinha proporciona a criança vários desenvolvimentos de aprendizagem, trabalhando a coordenação motora, a interação dos alunos, aprender os números decimais de 1 a 10 de maneira lúdica.

Portanto, através da atividade vamos instigar as seguintes situações. É possível trabalhar com diversos movimentos? Ter alguma noção com relação aos números, tempo, espaço? Portanto brincando também se aprende pois o jogo facilita a aprendizagem.

Então o jogo permitirá ao aluno conhecer os números de 0 a 10 através da matemática integrada na amarelinha, trabalhar com a mente e raciocínio construindo uma grande área de aprendizado ao estudante.

Este trabalho voltado para a docência na Educação infantil torna-se aproximar a criança ao conhecimento através do jogo da amarelinha é uma atividade que na fase da educação infantil favorece para as crianças vários desenvolvimentos em diversas áreas escola, portanto na educação física vai trabalhar coordenação motora, concentração equilíbrio, envolvendo também a matemática, aprendendo a noção de espaço, competição imaginação, conhecimentos numéricos, regras, , incluindo também conteúdo do português para trabalhar pensamento, interpretação enfim tudo que faz o jogo se desenvolver.

A construção da amarelinha será feita pelos alunos com fita crepe demarcando a sequência numérica de 0 a 10ª a organização da brincadeira contará com a ajuda dos próprios alunos. A amarelinha com o início céu o fim terra, terá a criança posicionada no início céu e jogará a pedra nos quadrados

seguintes até chegar ao céu, caso ela erre perde a vez e passa para o próximo e assim sucessivamente, para complementar as crianças também usara a linguagem verbal para fazer a leitura dos números.

Utilizaremos os seguintes materiais: fita crepe pátio da escola, giz colorido, papéis colorido e pedra para assim o projeto se desenvolver.

A avaliação a essa atividade consiste no acompanhamento do desenvolvimento infantil, individualmente, de acordo com o domínio próprio e com a vontade de acertar.

REVISÕES BIBLIOGRÁFICAS

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A elaboração do trabalho foi através de pesquisas bibliográficas e através dos seguintes autores Piaget, Vygotsky, Freire e Kishimoto o jogo, vincula-se ao sonho, à imaginação, ao pensamento e ao símbolo, pois brincando a criança tem um convívio melhor com a sociedade em geral se socializa melhor, aprende maneira simples mas com confiança, o jogo contribui na criança em diversas maneiras psicológicas, coordenação motora, raciocínio enfim, propicia um bom desenvolvimento.

Na sociedade em que vivemos podemos notar que o novo método de ensino para a educação infantil tem evoluído de acordo com a necessidade dos alunos, tendo em vista a melhoria para a educação e a formação cidadãos para a sociedade. Para o grande pensador do século XX

Por meio das atividades lúdicas, a criança reduz muitas situações vividas em seu cotidiano, as quais, pela imaginação e pelo faz-de-conta, são reelaboradas. Esta representação do cotidiano se dá por meio da combinação entre experiências passadas e novas possibilidades de interpretações e reproduções do real de acordo com suas afeições, necessidades, desejos e paixões. Estas ações são fundamentais para a atividade criadora do homem. (Piaget. 1973)

Para PIAGET (1967) “o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral”. Percebe-se que além da diversão por meio da brincadeira.

Masashi Kishimoto um grande escritor e desenhista nos apresenta a aprendizagem com o jogo lúdico da seguinte maneira:

A função lúdica na educação: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente a função educativa, o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. O brincar e jogar é dotado de natureza livre típica de uns processos educativos. Como reunir dentro da mesma situação o brincar e o educar. Essa é a especificidade do brinquedo educativo. (KISHIMOTO, 2003, p.37).

As atividades lúdicas que tem por objetivo de ensinar, e proporcionar ao aluno facilidades para o mesmo aprender.

Para FREIRE (1988), “Além de estimularem os alunos a estudar e redescobrir as maravilhas do mundo e da vida, nós podemos também descobrir o quanto competente é a pessoa através de seu desenvolvimento nas atividades que realizam em seu dia a dia”. Portanto esta representação do cotidiano se dá por meio da combinação entre experiências passadas e novas possibilidades de interpretações e reproduções do real de acordo com suas afeições, necessidades.

Assim vale destacar que essa atividade leva a criança a se expressar, recordar coisas passadas de maneira prazerosa onde se aprende brincando.

Assim como o jogo simbólico inclui, frequentemente, um conjunto de elementos sensório – motores, também o jogo com regras pode ter o mesmo conteúdo dos jogos precedentes exercício sensório – motor como jogo das bolas de gude ou imaginação simbólica, como nas adivinhações e charadas. Mas apresentam a mais um elemento novo, a regra tão diferente do símbolo quanto este pode ser do simples exercício e que resulta da organização coletiva das atividades lúdicas. (Piaget, 1971, p. 148)

Piaget (1971) buscou apresentar uma parte do desenvolvimento que o indivíduo realiza e, para tanto, mostrou a formação do símbolo na criança, e

para explicar melhor apresentou o jogo dividido em três grandes estruturas explicativas desse desenvolvimento.

Jogos, com regras determinadas, não permitem que a criança se expresse e repense, requer apenas a repetição de atitudes condicionadas.

Segundo KISHIMOTO, citado por SANTOS (1999, p. 24) "... um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los." Assim, o brinquedo é visto como exemplo das experiências, do mundo real que a criança faz parte. tradicionalidade e universalidade dos jogos assenta-se no fato de que povos distintos e antigos como os da Grécia e Oriente brincaram de amarelinha, de empinar papagaios, jogar pedrinhas e até hoje as crianças o fazem quase da mesma forma. Esses jogos foram transmitidos de geração em geração através de conhecimentos empíricos e permanecem na memória infantil. (KISHIMOTO 1999:15)

VYGOSTSKY (1989 p. 109) afirma que: "É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança... É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos. "

Para Vygotsky (1998), a brincadeira está relacionada ao desenvolvimento infantil. Para ele, é o brinquedo que proporciona o maior avanço na capacidade cognitiva da criança. E é por meio do brinquedo que a criança se apropria do mundo real, domina conhecimentos, se relaciona e se integra culturalmente.

Ao brincar e criar uma situação imaginária, a criança pode assumir diferentes papéis: ela pode se tornar um adulto, outra criança, um animal, ou um herói televisivo; ela pode mudar o seu comportamento e agir e se comportar como se ela fosse mais velha do que realmente é. É na brincadeira que a criança consegue ir além do seu comportamento habitual, atuando num nível superior ao que ela realmente se encontra.

É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva que depende de motivações internas. Para uma criança muito pequena os objetos têm força motivadora, determinando o curso de sua ação, já na situação de brinquedo os objetos perdem essa força motivadora e a criança, quando vê o

objeto, consegue agir de forma diferente em relação ao que vê, pois ocorre uma diferenciação entre os campos do significado e da visão, e o pensamento que antes era determinado pelos objetos do exterior, passa a ser determinado pelas ideias (VYGOTSKY, 1998, p. 112).

[...] no contexto cultural e biológico as atividades são livres, alegres e envolve uma significação. É de grande valora social, oferecendo possibilidades educacionais, pois, favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo preparando para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sócias. (1994, p.13)

Para Kishimoto atividades lúdicas criam um clima de entusiasmo, é este aspecto de envolvimento emocional que torna a ludicidade um forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia.

Uma das tarefas centrais do desenvolvimento nos primeiros anos de vida é a construção dos sistemas de representação, tendo papel-chave neste processo a capacidade de “jogar” com a realidade. É neste sentido que podemos dizer que o jogo simbólico constitui a gênese da metáfora, possibilitando a própria construção do pensamento e a aquisição do conhecimento. (Kishimoto 2003, p. 46 – 47)

Os pesquisadores estão cada vez mais trabalhando em cima do lúdico e comprovando que essa atividade está sempre auxiliando no desenvolvimento infantil.

A imaginação em ação ou brinquedo é a primeira possibilidade de ação da criança numa esfera cognitiva permitindo ultrapassar a dimensão perceptiva motora do comportamento, através do jogo simbólico. Na criança a imaginação criadora, nasce em forma de jogo, instrumento de pensamento no enfrentamento da realidade, ampliando suas possibilidades de ação e compreensão de mundo. (Vygotsky 1988).

Questiona-nos Vygotsky, que o brincar com objetivos pedagógicos vem mostrando através de longos estudos que é um recurso no qual ensina, desenvolve e educa assim como KISIMOTO ressalta que:

A utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros bem como a sistematização de conceitos em outras situações que

não jogos. Ao utilizar de modo metafórico a forma lúdica (objeto suporte de brincadeira) para estimular a construção do conhecimento, o brinquedo educativo conquistou espaço definitivo na educação infantil. (Kishimoto, 2009b, p. 37).

O jogo também é um recurso pedagógico que auxilia a linguagem através do pensamento lógico, do físico e cognitivo juntamente com as habilidades e a cultura em a criança está inserido assim o autor afirma que:

Os jogos foram transmitidos de geração por meio de sua prática, permanecendo na memória infantil. A que a tradicional idade e a universalidade dos jogos são observadas pelo fato de que os povos distintos e antigos, como os da Grécia e Orientes brincaram de Amarelinha, empinar papagaio e jogar pedrinhas. O jogo tradicional infantil é um tipo livre, espontâneo, no qual a criança brinca pelo prazer de fazê-lo. (Kishimoto 1999, p.38).

Destacando ainda mais a importância dos jogos, ou seja, atividades lúdicas lembraram as palavras de: Freire (1996, p. 52) sugere o “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Segundo Vygotsky, (1998). “As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”.

Segundo Piaget (apud RAMOS, [200-], p.3), “o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral”.

Entretanto tem a existência de um esforço que auxilia na aprendizagem que atividade como o brincar proporciona, a ideia de infantilização prevista no brincar mediante ao processo de educação, mencionando que:

[...] no brincar a criança está sempre acima de sua idade média, acima de seu comportamento diário. Assim, na brincadeira de faz-de-conta as crianças manifestam certas habilidades que não seriam esperadas para a sua idade. Nesse sentido, a aprendizagem cria a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, a aprendizagem desperta vários processos internos de desenvolvimento. (Vigostsky, 2000, p. 132)

Vivenciando as atividades complexas incluindo matemática de forma lúdica, percebe se a satisfação e alegria das crianças durante o seu

envolvimento nas atividades. Ao que indica Freire (1989, p. 48), “A vantagem do trabalho lúdico é que o prazer conferido pela atividade é muito motivante e estimula a criança a superar dificuldades que normalmente não superaria em outras circunstâncias”.

Em seu livro, Medo e ousadia, Freire escreve:

(...) a educação dialógica parte da compreensão que os alunos têm de suas experiências diárias (...), minha insistência de começar a partir de sua descrição sobre suas experiências da vida diária baseia-se na possibilidade de se começar a partir do concreto, do senso comum, para chegar a uma compreensão rigorosa da realidade. (FREIRE, 2008a, p.131)

De acordo com as palavras de Vygotsky:

É na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir numa esfera cognitiva. Na visão do autor a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras. (Vygotsky, 1984, p. 27),

De acordo com (Kishimoto, 2002, p.146), “por ser uma ação iniciada e mantida pela criança, a brincadeira possibilita a busca de meios, pela exploração ainda que desordenada, e exerce papel fundamental na construção de saber fazer”.

Entre os vários benefícios que o lúdico traz para os alunos e a infinidade de autores que abordam esses assuntos o lúdico deve ser considerado como uma parte da vida do ser humano como uma maneira de penetrar no âmbito da realidade[...] (Kishimoto, nos diz que:

Brincando [...] as crianças aprendem [...] a cooperar com os companheiros [...], a obedecer às regras do jogo [...], a respeitar os direitos dos outros [...], a acatar a autoridade [...], a assumir responsabilidades, a aceitar penalidades que lhe são impostas [...], a dar oportunidades aos demais [...], enfim, a viver em sociedade. (Kishimoto, 1993, p.110)

Através do lúdico a criança vai aprender com prazer, com grande disposição não sendo apenas uma brincadeira de passatempo. Piaget (1998) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa.

Vygotsky (1989 p. 109), ainda afirma que: é enorme a influência do

brinquedo no desenvolvimento de uma criança. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos. Portanto o jogo constitui-se em expressão e condição para o desenvolvimento infantil, já que as crianças quando jogam assimilam e podem transformar a realidade.

Notamos que o jogo da amarelinha envolve demais atividades como a matemática, portuguesas e educação física, portanto no contexto de educação física o autor Freire destaca que o proposto como forma de ensinar é igual a um trabalho e não uma simples brincadeira ou um jogo qualquer, algumas pessoas podem até dizer que é um jogo sem nenhum proveito para o aprendizado do aluno, Freire enfatiza que:

Entre as múltiplas funções cumpridas pelo jogo, destaca – se uma muito especial. Diante de uma situação nova, para adaptar – se o sujeito exercita aquilo que já aprendeu. Na prática, todavia, não é possível separar adaptação de jogo, pois enquanto brinca a criança aprende incessantemente. (FREIRE, 1997, p.118).

De acordo com Freire (1997), usar o jogo é essencial pois, não representa apenas o que a criança viveu, mas prepara para o que vai vir a acontecer. Sem pressões, no jogo ou na brincadeira que as possibilidades surgem para melhor conviver em comunidade. Vygotsky valoriza o fator social, mostrando que no jogo de papéis a criança cria uma situação incorporando elementos do contexto cultural adquirido por meio da interação e comunicação.

Então Vygotsky (1984, p. 97) complementa que “a distância entre o nível de desenvolvimento real costuma determinar através da solução e problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.”

“Vygotsky, (1999:12) afirma que: “o jogo da criança não é uma recordação simples do vivido, mas sim a transformação criadora das impressões para a formação de uma nova realidade que responda às exigências e inclinações da própria criança”. A atividade direta do aluno sobre os objetos do conhecimento é o que ocasiona aprendizagem-ação do sujeito mediante o equilíbrio das estruturas cognitivas, o que sustenta a aprendizagem

é o desenvolvimento cognitivo.

A aprendizagem está subordinada ao desenvolvimento. Nesta concepção de aprendizagem “o jogo é elemento do ensino apenas como possibilitador de colocar o pensamento do sujeito como ação”. O jogo é elemento externo que irá atuar inteiramente no sujeito, possibilitando-o a chegar a uma nova estrutura de pensamento.

Através do jogo abre-se possibilidade para o conhecimento de acordo com Kishimoto, (1994, p22). ““O jogo exerce um papel importante na educação matemática” Ao permitir a manifestação do imaginário infantil por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança”

Vygotsky e Kishimoto (1989:109) afirma que “é enorme a influência do brincar no desenvolvimento de uma criança. “É no brincar que a criança aprende agir numa esfera cognitiva” Segundo ele, o brincar estimula a curiosidade e a autoconfiança, proporcionando o desenvolvimento da linguagem do pensamento, da concentração, da atenção. Os jogos devem ser preparados e escolhidos com grande cuidado pois é um jogo que vai facilitar a aprendizagem do aluno.

Segundo Kishimoto (2000) “para o desenvolvimento do raciocínio lógico matemático, o mediador Deve organizar jogos voltados para a classificação, seriação, sequência, espaço, tempo e medidas. ”

Hoje a imagem da infância é enriquecida, também, com o auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas, que reconhecem o papel de brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil. (KISHIMOTO, 2006, p.21).

Vygotsky (1998) vê o ato de brincar como uma necessidade que a criança possui. É a necessidade de se envolver com algo, criar e exercitar a sua imaginação. Ao brincar a criança transfere o seu cotidiano para a brincadeira, buscando entender e compreender a realidade em que está inserida. A atividade lúdica permite a explicitação de valores, conceitos, sentimentos e vivência, a partir do envolvimento pessoal e sentimental dos participantes estimulando a socialização e a imaginação.

A grande maioria das crianças passam grande parte do seu tempo

envolvidos com os jogos e brincadeiras buscando novas formas de compreender a realidade em que estão inseridas, suas coisas boas e ruins. Muitos autores observam o brincar como um espaço de criação cultural, sendo assim uma das fases mais importantes na infância.

FREIRE, (1997) cita que "os brinquedos educativos estimulam o raciocínio, atenção, concentração, compreensão, percepção visual, coordenação motora, dentre outras. Onde a criança utiliza brincadeiras com cores, formas, tamanhos que exigem a compreensão."

O ato de brincar representa a expressão de imagens da realidade em que a criança está inserida. Ao brincar ela reproduz tudo o que está vivendo, KISHIMOTO, (2006, p. 18). "Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um instrumento substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los".

Vygotsky (1998) define a brincadeira como uma 'situação imaginária', na qual a criança cria relações com o pensamento e a realidade, podendo ser considerada como um recurso de construção do seu conhecimento, pois ao agir sobre os objetos, a criança vai estruturando seu tempo e espaço, desenvolvendo noções de causalidade, passando pela representação e, finalmente, à lógica.

Segundo PIAGET (1971), o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico, ela precisa brincar para crescer. KISHIMOTO, (2010). Ressalta a importância que o lúdico pode proporcionar um desenvolvimento sábio harmonioso, que o brinquedo é objeto concreto da brincadeira e envolve a afetividade, convívio social e operação mental facilitando a apreensão da realidade.

Kishimoto (1996) comenta que o brinquedo educativo é utilizado nas escolas desde o renascimento. Afirma, ainda, que desde recém-nascida a criança brinca de se movimentar, sorrir, olhar e falar. Na opinião de Kishimoto (1996, p. 28):

Vygotsky (1998) entende que o brincar e os brinquedos são importantes, mas que, por si só, não deixam explícitos de que forma contribuem para o desenvolvimento da criança. Sendo assim, é primordial a análise da motivação interna da criança na atividade lúdica.

O jogo serviu para divulgar princípios de moral, ética e conteúdo de história, geografia e outros a partir do Renascimento, o período de compulsão lúdica. O Renascimento vê a brincadeira como uma conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo. Ao atender às necessidades infantis, o jogo infantil torna-se forma adequada para a aprendizagem dos conteúdos escolares. Assim, se contrapor aos processos verbais de ensino, à palmatória vigente, o pedagogo deveria dar forma lúdica ao conteúdo.

Kishimoto (1996) também diz que no renascimento os jogos serviam para propor princípios morais, éticos e conteúdo de algumas disciplinas. Eram vistos como um instrumento para facilitar o desenvolvimento e o estudo, descobrindo assim, uma maneira de se usar o lúdico como metodologia de ensino, ajudando no entendimento de conteúdo. Vygotsky (1989 109), ainda afirma que:

É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos. (Vygotsky 1989 109) ”

Freire (1997) comenta que ainda há escolas que não utilizam o lúdico como metodologia de ensino, negando a cultura infantil, ignorando esses momentos de brincadeiras que poderiam ser direcionados pelo objetivo do educador, mas encontra-se ainda criança que apenas brinca.

Para Kishimoto (1994, p. 13) Os jogos e brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem podem ser de grande valia para o desenvolvimento do aluno, sobre o qual nos fala O jogo como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento, passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que colocar o aluno diante de situações lúdicas como jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-lo dos conteúdos culturais a serem veiculados na escola.

Com isso, percebe-se a necessidade de o professor buscá-los nos diferentes momentos de seu planejamento; não esquecendo que existe divisão, confrontos, negociações e trocas, promovendo, assim, conquistas cognitivas, emocionais e sociais. Freire (2006, p. 37) dispõe que:

Viajando pela fantasia, a criança vai longe. Conhece coisas que nós, adultos, já vivemos e esquecemos, e muitas vezes vão além de quase todos os adultos. No entanto, há pessoas mais velhas que enveredam pela ficção, e são capazes de trazer de lá conhecimentos que revolucionam o mundo. É uma pena que os homens quase sempre esqueçam suas fantasias e sonhos!

Para Kishimoto (1996), "a exploração dos conhecimentos é potencializada através dos jogos, mas o trabalho pedagógico precisa de mais estímulos e influências, mesmo assim, o lúdico conquistou um espaço concreto na educação infantil."

Para Vygotsky (1989), "a criança, quando brinca, coloca-se no lugar do adulto no ato da brincadeira, deixa de ser criança, e age como se fosse um adulto, com essa mudança ela ensaia seus futuros papéis e valores."

Para Vygotsky, a brincadeira se configura como uma situação privilegiada de aprendizagem infantil, à medida que fornece uma estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência.

A assimilação, segundo Piaget (2001), é o processo pelo qual a criança incorpora elementos do mundo externo ao interiorizar seu próprio esquema. É o processo de entrada, é a incorporação de elementos novos a estruturas já existentes.

Para Kishimoto:

Todos os jogos envolvem movimentação das crianças de acordo com os versos por elas cantados. O conteúdo das músicas, em consonância com os movimentos, facilita o conhecimento espontâneo sobre os elementos do ambiente. O papel educativo do jogo é exatamente esse. Quando desenvolvido livremente pela criança, o jogo tem efeitos positivos na esfera cognitiva, social e moral. (Kishimoto 2010, p.102)

É interessante esclarecer que os jogos, os brinquedos e as brincadeiras são vistos de diferentes formas e interpretações, por diferentes características e aspectos. Brincar é, para a criança, fonte de prazer e lazer, aliado à fonte de conhecimento. É esta dupla natureza que nos leva a considerar o brincar como parte integrante da atividade educativa.

PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE ENSINO

TEMA E LINHA DE PESQUISA

Este projeto tem como tema de pesquisa A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, que será trabalhado com a docência da educação infantil, com alunos de cinco anos de idade, desta forma procurou se ao longo da pesquisa mostrar as contribuições que a matemática nos apresenta, trabalhando com os números através do jogo sendo uma amarelinha.

Portanto, trabalhar conteúdos lúdicos com a matemática permite ao aluno ter conhecimento e expor suas ideias de maneira mais ampla e objetiva.

De acordo com os temas estudados, nota se que os números fazem parte de uma variedade de contexto. O profissional da área da educação, poderá explorar através desse projeto grande conhecimento, ao trabalhar com números de forma divertida torna se aula mais dinâmica.

JUSTIFICATIVA

Muitos alunos têm certo medo com relação a matemática portanto, o jogo da amarelinha além de ser simples vai despertar a curiosidade e a vontade de aprender brincando pois é através da brincadeira que as crianças aprenderam sequência de números decimais de 1 a 10 também trabalhando com o mundo imaginário dos alunos.

É importante criar um ambiente espaço escolar para estimular a capacidade de aprender a gostar da matemática, com diversas maneiras através de brincadeiras e jogos assim estimulara o desenvolvimento da inteligência, a cooperação com os colegas, trabalhara o pensamento e o ato de reflexão. Nesta perspectiva é de fundamental importância o desenvolvimento desta pesquisa no sentido de conhecer as razões pelas quais levam as crianças a não gostarem de matemática.

PROBLEMATIZAÇÕES

Entretanto vamos trabalhar as várias ações que dificultam a realização da atividade, como trabalhar os movimentos da criança? É possível pular com

diversos movimentos? Pode se trabalhar a coordenação motora e assim ter as noções dos números, sequência numérica contagem, noção de espaço e tamanho?

OBJETIVOS

Portanto este trabalho tem como aprimoramento três objetivos que são os seguintes.

-Através de o jogo permitir os conceitos básicos matemáticos conhecendo os números.

-Realizar os movimentos básicos de arremessar, saltar com um e dois pés, girar e equilibrar-se;

-Que após o jogo os alunos possam saber reconhecer os números de 0 a 10, sem grande grau de dificuldades.

CONTEÚDOS

Então essa atividade envolve vários conteúdos do âmbito escolar, trabalhando de forma lúdica a matemática no estudo das regras e números. O pensamento a interpretação vai ser estudado com o português, entretanto sem deixar de trabalhar com a educação física através dos movimentos e equilíbrio.

PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO

Este projeto será trabalhado com a docência na educação infantil, para iniciar a vamos questionar em uma grande roda conversa com os alunos sobre a brincadeira. Se alguém conhece, ou já brincou de amarelinha, como se brinca e como são as regras para essa brincadeira.

Qual a origem da brincadeira enfim, quais são os pontos que ela pode ajudar em nossa saúde, esse deve ser um momento onde os alunos expõem suas ideias, que os alunos possam descrever como eles brincam de amarelinha.

A amarelinha é uma das atividades mais importantes que compõem os planejamentos dessa fase, pois desenvolve a consciência corporal, envolvera atividade física capacidade de se equilibrar e saltar em um pé só, ao pular a

criança desenvolve a coordenação motora ampla, o equilíbrio e a concentração, oralidade, noção de espaço a socialização, o processo ensino-aprendizagem, tanto no desenvolvimento psicomotor, no desenvolvimento da motricidade fina e ampla, bem como no desenvolvimento de habilidades do pensamento.

Como, a interpretação, a tomada de decisão, a criatividade, o levantamento de hipóteses, a obtenção e organização de dados e a aplicação dos fatos e dos princípios a novas situações, a Brincadeiras serão realizadas em pequenos grupos, sem finalidade competitiva e sem a divisão em equipes, para que não haja rivalidade.

A construção da amarelinha será feita no pátio da escola, juntamente com os alunos. Vamos utilizar fita crepe e fazer quadrados iguais no chão.

Os quadrados serão marcados com giz colorido com a numeração de 1 a 10 colocando cada número em seu devido lugar, separando as casas terra (início) e Céu (final) Os alunos serão divididos em dois grupos para que assim eles possam ver o momento da brincadeira de cada um. As regras da brincadeira e o procedimento são os seguintes:

O jogador posicionado na casa terra joga uma pedrinha na casa de número 1 e inicia uma sequência de saltos alternados com um pé nas casas simples e dois pés nas casas duplas até a casa céu.

Em seguida, retorna percorrendo a sequência de trás para frente, e ao chegar na casa dupla 2 e 3, deve recolher a pedrinha que está na casa 1 e saltar sobre ela para a casa terra. Se completar essa sequência de saltos com êxito, joga a pedrinha novamente, agora na casa 2, e realiza a sequência de saltos da mesma forma da rodada anterior.

No trajeto de ida e de volta, o jogador deve pisar dentro das casas sem tocar em nenhuma linha. Caso isso aconteça, passa a vez para o jogador seguinte e, quando chegar novamente a sua vez, retoma a sequência da casa em que acertou pela última vez, lembrando que ganha o jogo quem conseguir ser o dono da maioria das casas.

Após o jogar a amarelinha, o aluno vai jogar a pedra em uma das casas e vai dizer qual é aquele número e assim sucessivamente.

Segue abaixo um modelo de amarelinha que pode ser trabalhado com

os

alunos.



TEMPOS PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO

Será trabalhado o projeto durante aula de quatro dias distribuída da seguinte forma:

Trabalhando o jogo da amarelinha	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia
Trabalhar os conteúdos conhecendo o jogo	X			
Construir a amarelinha		X		
Jogar a			X	

brincadeira				
Roda de conversa sobre o fim da atividade				X

RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS

Para a realização da atividade utilizamos os seguintes materiais: fita crepe, pátio da escola, giz colorido e papéis colorido e o professor juntamente com os alunos.

AVALIAÇÕES

Portanto para a avaliação da atividade, deve se levar em consideração se os alunos conseguiram de forma divertida entender a brincadeira e executa lá, quais foram os pontos de dificuldades, se as mesmas conseguiram alcançar os objetivos proposto, reconhecer os números, trabalhar os movimentos e respeitar as regras da atividade, a avaliação deve ser feita de forma individual, voltado para o desempenho e esforço de cada um.

CONCLUSÃO

Neste trabalho sobre as contribuições dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento da criança, notamos para que a criança pode construir seu próprio conhecimento. Portanto através da educação, tudo pode se realizar até transformar, o que parece difícil em uma coisa fácil, como mudar o modo de conduzir as aulas tanto na educação infantil quanto no geral, como questionada acima, através de jogos, brincadeiras entre outras coisas que envolvam o lúdico para que a criança venha a ter a matemática como amiga e não como uma coisa de outro mundo.

Pular amarelinha se torna difícil para as crianças pequenas que precisam coordenar muitas ações: jogar a pedra pular movimentar se e posicionar os pés, ir e voltar, lembrar-se de pegar a pedrinha, não pisar na linha, seguir a sequência numérica, portanto leva um tempo, pois não é segunda a criança começará a pular facilmente. Como já se vimos jogos e brincadeiras não são apenas entretenimento e recreação, mas algo indispensável no processo de ensino aprendizagem.

Portanto os jogos de regras podem ser inseridos no período da pré-escola, assim que iniciam a educação infantil, pois a atividade lúdica é essencial para a construção do sujeito ou seja da criança, o jogo traz uma grande formação para o indivíduo. A amarelinha contribui para o desenvolvimento de várias áreas de conhecimento inclusive da matemática.

Sendo assim jogo da amarelinha realmente contribui para a construção da inteligência, desde que sejam usados em atividade lúdica prazerosa respeitando as etapas de desenvolvimento intelectual da criança.

Através dos jogos as crianças conseguem se desenvolver melhor com as outras crianças e também com os adultos, assim elas interagem proporcionando um melhor conhecimento e fazendo grandes descobertas no mundo em que convive.

A amarelinha com os números influencia em aprender brincando, sem deixar a criança com medo, mas, é claro que inicialmente ela pode ficar retraída, portanto, aos poucos ela vai se interagindo de maneira prazerosa na atividade. Durante a brincadeira a criança pode ser incentivada a fazer contagens, comparação de quantidades, identificar algarismos, adicionar pontos que fez durante a brincadeira, perceber intervalos numéricos, isto é, iniciar a aprendizagem de conteúdos relacionados ao desenvolvimento.

Vale ressaltar que a brincadeira da amarelinha desenvolve a autoestima, criatividade, raciocínio, noções de regras, pensamento enfim tem um papel importante para o intelectual das crianças. Ao brincar de maneira espontânea a criança consegue expressar ideias, ela vai formando do decorrer do tempo o seu vocabulário linguístico, ou seja, as crianças se expressam mais, vai perdendo o medo aos poucos.

Portanto, trabalhar com jogos nos anos iniciais tem grande importância,

pois a criança tem grande interação com os outros, a amarelinha é um jogo de muitos anos de existência, é um jogo tradicional que está sempre presente nas atividades escolares. Jogos tradicionais proporciona para as crianças um desenvolvimento integral, pois a atividade contribui para vários movimentos como vimos anteriormente, manter o resgate desses jogos tradicionais dentro da escola é propiciar ao resgate da nossa cultura popular.

Diante disso é possível afirmar que as brincadeiras constroem a ampliação de conhecimento nos acontecimentos diário, tudo o que acontece no dia a dia da criança. Quando trabalhado em grupo a amarelinha faz com que os alunos aprendam a respeitar as diferenças existentes. Brincando a criança vai se desenvolver, apesar de que muitos ainda dizem que o aluno só desenvolve fazendo tarefas escrevendo, mas percebemos no decorrer do trabalho que jogo traz resultados sim, resultados que abrangem diversas disciplinas.

Brincar nos refere se ao ato do descobrimento de novas táticas de aprendizagem através simplicidades da brincadeira, nunca deixando que o jogo fique de lado, mas, sempre renovando esses conhecimentos para novas práticas pedagógicas.

As crianças em suas brincadeiras apresentam várias características de jogo simbólicas, assim suas brincadeiras se, tornam combinações simbólicas, elas podem ter combinações simples, mas estão sempre presentes nos jogos simbólicos. As crianças se interessam muito fácil pelas atividades quando se tem envolvido brincadeiras, através das atividades por meio dos jogos as crianças se concentram e aprende mais.

REFERÊNCIAS

PIAGET, Jean. A construção do real na criança. 3ed. São Paulo: Ática, 2001.

Dallabona, Sandra Regina. O lúdico na educação infantil.

Rolim, Amanda Alencar Machado. Guerra, Siena Sales Freitas. Uma leitura sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil.

Dumond, Simone Hellen. O lúdico: jogos brinquedos e brincadeiras na construção do processo de aprendizagem na educação infantil.

Oliveira, Pamela Faria. Brincando de amarelinha e aprendendo números 2013

FROEBEL, Friedrich. The education of man. Trad. Hailmann, W.N. Nova York: D. Appleton, 1912c, 1887.

Braga, C. F. Recreação e jogos: informações técnico-pedagógicas. Brasília [s, n,], 1977.

GALLAHUE, David L. Compreendendo o desenvolvimento motor de bebês, crianças, adolescentes e adultos, São Paulo- SP – Brasil, 2 Ed. Phorte, 2008

SUZUKI, Juliana Telles Faria; CAVA, Laura Célia Sant'Ana Cabral; STEINLE Marlizete Cristina Bonanfini; JÚNIOR Orlando Mendes Fogaça. Ludicidade e educação. Ed. Pearson Education do Brasil 2013

Brolesi, Margarete. Steinle, Marlizete Cristina Bonanfini. Silva, Suhellen Lle Porto Orsoli Silva. Jogos Brincadeiras e brinquedos-Londrina editora e distribuidora Educacional S. A.,2015

Lima, Fabiana Cristina. Gomes, Cleomar Ferreira. Jogando, brincando e calculando: A matemática em ação. 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos tradicionais Infantil: O jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes 1993.

Santos, Gidalva Conceição. A importância de brincar na educação infantil.

KISHIMOTO, T. M. (Org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 2003.

_____. O Brincar no Cotidiano da Criança. São Paulo: Moderna, 2006.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. Brincar: Prazer e Aprendizado. 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

PRADO, P. D. O Espaço Pedagógico e o Jogo: algumas possibilidades. São Paulo, 1996. FEUSP. Dissertação de Mestrado.

VYGOTSKY, Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 2ª ed. São Paulo: Ícone Editora, 1988.

FREIRE, J. B. (Org.); VENÂNCIO, S. O jogo dentro e fora da escola, Campinas, SP: Autores Associados, apoio Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2005. - (Coleção educação física e esportes).

- A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM (Emanoele Lionara de Almeida Santos Borges, Heneia Pedrosa Pereira da Silva, Isabel Frederica De Arruda, Orcione Maria Carvalho dos Santos, Lais Ramos)

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Emanoele Lionara de Almeida Santos Borges

Heneia Pedrosa Pereira da Silva

Isabel Frederica De Arruda

Orcione Maria Carvalho dos Santos

Lais Ramos

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade compreender a importância da contação de histórias na educação infantil e o processo de ensino e aprendizagem, bem como entender o mundo literário participa de nossas vidas, transvestido de diferentes formas. Para execução da pesquisa foram desempenhadas algumas leituras e análises de textos caracterizando um estudo bibliográfico de cunho exploratório. Diante desse contexto pode-se dizer que através das histórias, as pessoas galgam a oportunidade de se tornar leitores assíduos e competentes linguisticamente, além de poder caminhar por uma estrada infinita de descobertas e compreensão do mundo. Diante dessas considerações, é possível ressaltar que a contação de histórias é de grande relevância, devendo ser valorizada e desenvolvida no ambiente escolar para potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas. Desse modo pode-se contextualizar que o uso da contação de história em sala de aula, todos os atores da educação compartilham emoções, seja o aluno que será instigado a imaginar e criar, como também o professor que terá uma aula mais agradável e produtiva. Outro ponto em que compartilham tais emoções é no desenvolvimento comunicativo, devido ao estímulo da sua oralidade, que leva a criança a dialogar com seus colegas ouvintes e professores. Sendo assim conclui-se que a contação de histórias é uma ferramenta que implica diretamente no desenvolvimento infantil, promovendo desdobramentos que afetam a criatividade e a imaginação da criança. Pois a contação de história possibilita a interação social que se consolida na relação da criança com os outros sujeitos e com o mundo, propiciando a apropriação e construção de novos significados ao ouvir narrativas infantis.

Palavras-chave: Contação de História. Educação Infantil. Processo de Ensino e Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como finalidade evidenciar que as histórias na educação infantil, introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências. Diante disso sabe-se que as

histórias existe no mundo das escolas há muito tempo, porém muitos professores ainda não descobriram o quanto às histórias podem ajudá-los em sua missão de educadores. Portanto a contação de história na educação infantil é uma arte milenar presente em diversas culturas. Elas são organizadas de acordo com o repertório de mitos que a sociedade determina, ou seja, produz. Podemos dizer que a contação de histórias em sala de aula é divertir, estimulando a imaginação dos alunos e é claro despertar o interesse pela leitura, pois narrar uma história será sempre um exercício de renovação de vida, um ponto de partida para ensinar os conteúdos programáticos ou até mesmo entender o que se passa com os alunos no campo pessoal. Quando são contadas para crianças, abre-se uma oportunidade para que estes mitos, tão importantes para construção de sua identidade social e é claro, possam ser apresentadas a elas. Sendo assim o contar história parte do princípio deste olhar, da necessidade de comunicação, da vontade de estar junto a outras pessoas e partilhar o sentimento que se move do coração e sai pelo olhar, da história oralizada pela palavra.

De acordo com Máximo-Esteves (1998, p.125):

O prazer que a criança tem de ouvir e contar histórias são um claro indicador de que a fantasia e a imaginação são muito importantes para ela conhecer e compreender. Ora as histórias são o modo mais corrente de integrar a cognição e a imaginação, a Educação Ambiental e a fantasia.

Entretanto a contação de história na educação infantil tem grande utilidade no desenvolvimento das crianças, pois, é muito importante que os educadores busquem utilizar a contação de história em sala de aula, criando momentos agradáveis e confortáveis para o bom desenvolvimento de todos na educação infantil. Diante desse contexto que o referido trabalho foi desenvolvido, mostrando propostas para enriquecer a prática docente em sala de aula. Pois uma história contada na forma adequada ao momento levará uma criança a um mundo imaginário que lhe levará a sentir prazer. As instituições de ensino têm o papel fundamental para contribuir e estimular a contação de história na educação infantil.

Diante desse contexto conclui-se que a escolha do tema ocorreu devido a um grande interesse por pesquisar as especificidades a contação de história, buscando fundamentar, através dessas, a importância de se estimular, desde cedo, na formação das crianças, o contato com os mais variados contos infantis. Como também, o intuito de

oferecer, aos futuros professores, um suporte teórico que os permita selecionar adequadamente textos a serem apresentados em sala de aula.

CONCEITUANDO DE HISTÓRIA

Narração de histórias (também conhecido como Contação de histórias) é a atividade que consiste em transmitir eventos na forma de palavras, imagens, e sons muitas vezes pela improvisação ou embelezamento. Histórias ou narrativas foram compartilhadas em cada cultura e em toda a terra como um meio de entretenimento, educação, preservação da cultura e para inculcir valores morais. Elementos cruciais de histórias e narrativas incluem enredo e personagens, bem como o ponto de vista narrativo.

Segundo a National Storytelling Network (NSN), dos Estados Unidos, a definição de storytelling (narração de histórias em inglês) é esta: “storytelling é uma forma de arte muito antiga e uma valiosa forma de expressão humana usada de diversas maneiras.”

A narrativa é anterior à escrita, pois as primeiras formas de contar histórias eram geralmente orais combinadas com gestos e expressões. Além disso, alguns arqueólogos acreditam que a arte rupestre pode ter sido um meio de contar histórias de e para muitas culturas antigas.

Os aborígenes australianos, por exemplo, pintavam símbolos nas paredes das cavernas como um meio de guiar o contador de histórias a se lembrar da narrativa. Sendo assim, a história foi então contada usando uma combinação de narrativa oral, música, arte rupestre e dança, uma vez que trazem a compreensão e o significado da existência humana por meio da lembrança e da encenação de histórias. Ademais, as pessoas usavam também os troncos esculpidos de árvores vivas e outros elementos da natureza, para registrar histórias em imagens, por escrito, ou ainda por através da tatuagem também, com informações sobre genealogia, afiliação e status social.

Com o advento da escrita e o uso de mídias estáveis e portáteis, as histórias foram gravadas, transcritas e compartilhadas em amplas regiões do

mundo. Essas narrativas foram esculpidas, riscadas, impressas ou pintadas em madeira, bambu, marfim, ossos, cerâmica, tabuinhas de argila, pedra, livros de folha de palmeira, peles (pergaminho), tecido de casca de árvore, papel, seda, tela e outros tecidos, gravado em filme e armazenado eletronicamente em formato digital. As histórias orais continuam a ser criadas, de forma improvisada por contadores de histórias, bem como comprometidas com a memória e passadas de geração em geração, apesar da crescente popularidade da mídia escrita e televisiva em grande parte do mundo.

Contar histórias é um meio de compartilhar e interpretar experiências e memórias. Peter L. Berger diz que a vida humana está enraizada narrativamente, uma vez que os humanos constroem suas vidas e moldam seu mundo em casas em termos dessas bases e vivências. As histórias são universais porque podem fazer a ponte entre as diferenças culturais, linguísticas e relacionadas à idade. A narrativa pode ser adaptativa para todas as idades, deixando de fora a noção de segregação por faixa etária. A narração de histórias também pode ser usada como um método para ensinar ética, valores, normas e diferenças culturais.

Contar histórias é muito mais do que ler, relaciona-se à ideia de interpretar aquilo que se lê, tanto para si quanto para o outro; significa desvelar os signos e deleitar-se com o que se lê. O professor/contador apresenta-se às crianças também como alguém que expõe suas impressões de mundo, encorajando-as a fazerem o mesmo. As crianças nesse processo, manifestam-se ao dar significações ao que está à sua volta, ao expressar suas visões diante das relações familiares e com as demais crianças e os adultos de seu convívio. Manifestam-se ainda, por meio de vontades, desejos e anseios e precisam ser ouvidas, pois são agentes ativos na sociedade.

A tarefa fundamental do professor e/ou contador de histórias na Educação Infantil fica sendo a de contar histórias que provoquem a imaginação, estimulem a criação e também a interação tanto com o mundo e os objetos como entre si. As histórias devem ativar a imaginação das crianças para que a partir disso se enxerguem nas situações e personagens, conectando sua própria realidade ao universo imagético.

A aprendizagem é mais eficaz quando ocorre em ambientes sociais que fornecem pistas sociais autênticas sobre como o conhecimento deve ser aplicado, pois as histórias funcionam como uma ferramenta para transmitir conhecimentos em um contexto social. Portanto, toda história tem 3 partes. Primeiro, a configuração (o mundo do herói antes do início da aventura). Em segundo lugar, o confronto (o mundo do herói virou de cabeça para baixo). Terceiro, a resolução (o herói vence o vilão, mas não é o suficiente para o herói sobreviver. O herói ou o mundo devem ser transformados). Qualquer história pode ser enquadrada nesse formato.

O conhecimento humano é baseado em histórias e o cérebro humano consiste na maquinaria cognitiva necessária para compreender, lembrar e contar histórias. Os humanos são organismos contadores de histórias que, tanto individual quanto socialmente, levam vidas históricas. Isso posto, as histórias espelham o pensamento humano como os humanos pensam em estruturas narrativas e na maioria das vezes se lembram dos fatos na forma de histórias. Os fatos podem ser entendidos como versões menores de uma história maior, portanto, a narrativa pode complementar o pensamento analítico. Porque contar histórias requer sentidos auditivos e visuais dos ouvintes, pode-se aprender a organizar sua representação mental de uma história, reconhecer a estrutura da linguagem e expressar seus pensamentos.

Nesse ponto, é vital a compreensão da contação de histórias como conhecimento e fruição, porquanto ela envolve linguagens que abrangem desde a oralidade, a leitura, o gestual, até as próprias percepções extraídas do texto lido, visto ou ouvido.

As histórias tendem a se basear no aprendizado experimental, mas aprender com uma experiência não é automático. Frequentemente, uma pessoa precisa tentar contar a história dessa experiência antes de perceber seu valor. Nesse caso, não é apenas o ouvinte que aprende, mas o narrador que também toma consciência de suas experiências e antecedentes únicos. Este processo de contar histórias é muito rico, pois o narrador transmite ideias de forma eficaz e, com a prática, é capaz de demonstrar o potencial da realização humana, reavivando suas memórias.

A contação de histórias nas Bibliotecas Escolares

Visto que a função cultural da biblioteca escolar é contribuir para a formação nos alunos do gosto pela leitura e busca do conhecimento, existem diversas atividades que este setor da escola pode realizar, como a contação de histórias (ou hora do conto), horários para jogos educativos e recreativos, exposições de livros, seção de arte, dramatização, teatro infantil e atividades para crianças portadoras de necessidades especiais. [26] (DUBOIS, 2014. pg 21)

Segundo Dubois, a contação de histórias na biblioteca escolar desenvolve para além da criatividade e interesse pela leitura, mas também o letramento das crianças, uma vez que elas estão entrando em contato com um mundo totalmente diferente da delas, um mundo letrado, repleto de narrativas, comunicação e informacional. De acordo com a autora, ao ter contato com a narrativa da história, ver o livro, as ilustrações, encenações, dentre outras formas de narração, a criança consegue compreender melhor o conteúdo da história e recontar com as palavras dela. Além da importância do contato com os livros que conversam com a narrativa, Dubois (2014), profere sobre o movimento das crianças conhecerem novas histórias, novos contextos e culturas, que fazem parte da sua formação como sujeito. A vista disso, a contação de histórias dentro da biblioteca, também incentiva os alunos a utilizarem esse espaço, fazerem os empréstimos dos livros e a participarem das atividades promovidas ali.

O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser. (BUSATTO, 2003, p. 10).

Sendo assim, a contação de histórias também possui um papel de suma importância no ambiente das bibliotecas escolares, na área do letramento, criatividade, construção da narrativa e formação desses sujeitos, por meio dessas trocas culturais, dos diálogos que podem envolver desde culturas contemporâneas, até as da antiguidade,

principalmente nesse dispositivo cultural chamado biblioteca, que por sua vez é um espaço relacional.

Contar história portanto, contribui para a formação de leitores e para a mobilização do imaginário infantil. Miranda (2015, p. 9) afirma ainda que “contar histórias é uma arte ancestral, cujo fascínio sobre o ser humano permanece, ao longo do tempo, colaborando para a consolidação do imaginário coletivo e enredando narradores e ouvintes de uma mesma trama”. A contação acompanha-nos desde as infâncias como construção de identidades; é um modo de percebermos a realidade com o olhar renovado e constituído de sentidos.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A contação de histórias na educação infantil é uma forma lúdica de transmissão de conhecimentos e um poderoso estímulo à imaginação. Por auxiliar no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional das crianças, se destaca como uma importante aliada da educação infantil. Partindo da afirmativa de que empregamos a contação de histórias para promover estímulos à leitura, podemos então dizer que sonhar imaginar, sentir, são contribuições essenciais nesse processo. A contação de histórias na educação infantil atenta nas crianças o desenvolvimento de operações mentais auxiliares na construção dos significados das palavras ouvidas, de forma que incorporadas ao contexto da história, possam, além de enriquecer o seu vocabulário, auxiliar no desenvolvimento da leitura e da escrita. Diante desse contexto, a contação de histórias na educação infantil são distinguidas como um importante auxiliar na formação das crianças, na compreensão e absorção dos significados, assim como o desenvolvimento das práticas leitoras. As crianças que escutam as histórias incorporam uma atitude analítica exemplificada pelo orador, por meio de seus comentários e problematizações durante a contação de histórias, permitindo o desenvolvimento do seu senso crítico.

Entretanto por essas razões que o texto literário, em especial a contação de história na educação infantil se caracteriza como um instrumento importante para que o professor possa propiciar momentos reais de atividades em sala de aula, gerando motivação e necessidade de ler nas crianças, desde muito pequenas.

Sendo assim, a contação de história atua na formação da criança em várias áreas, contribui no desenvolvimento intelectual despertando assim o interesse pela leitura e instigando a imaginação por meio da construção de imagens no mundo da realidade e ficção, atuando também no desenvolvimento comunicativo logo, que a sua provocação da oralidade leva o aluno a dialogar com seus colegas, desenvolvendo, além disso, a interação sócio-cultural da criança ao proporcionar essas interações entre os alunos e criação de laços sociais e formação de gosto pela literatura e artes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do trabalho em evidência, pode-se enfatizar sobre a importância da contação de história na educação infantil, como também sua contribuição para os aspectos social, cognitivo, reforçando as intenções educativas e de aprendizagem da criança. Ouvir e contar histórias é uma atividade que dentre outras, pode desenvolver o emocional da criança, ajudá-la a se organizar e socializar além de auxiliá-la no processo de alfabetização.

Portanto, a contação de história pode mudar o mundo infantil e estimular a imaginação das crianças para um mundo onde só elas têm a chave que as levam e as trazem de volta para a realidade. Diante disso é surpreendente e fantástico mergulhar nesse mundo de imaginação. A contação de história na educação infantil é considerada um instrumento pedagógico prazeroso e de grande auxílio no processo de construção da aprendizagem da criança.

Nesse contexto, pode-se concluir que o estudo aqui apresentado é um recurso valioso na formação dos acadêmicos, especialmente por proporcionar aos sujeitos envolvidos a possibilidade de ampliar seus conhecimentos na área além de levá-los a refletir sobre a prática vivenciada.

Sendo assim, percebemos que essa prática de contação de histórias na educação infantil, de forma bem trabalhada, contribuiu de forma significativa e produtiva para a construção de textos cada vez mais coerentes e cheios de imaginação e que a oralidade instigou um melhor desenvolvimento, tornando a criança mais predisposta a sentir-se criativa e capaz de superar seus próprios obstáculos na escrita. Portanto constata-se,

ainda, que a prática do docente em inovar suas aulas, buscando meios que facilitem o ensino aprendizagem, é cada vez mais conveniente ao fazer pedagógico.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. Estão mortas as fadas? Petrópolis, RJ: Vozes. Natal: EDUFRN, 1997.

CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juventude: dinâmicas evidências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

FARIA, Maria Alice. Como usar a literatura infantil em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2010.

JOLIBERT, Josette. Formando crianças leitoras. Vol. 1; Tradução Bruno C.

Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Chapecó: Argos, 2001.

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo, SP: Scipione, 2003. ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaso Afonso. Etnografia da Prática Escolar. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

ARIÈS, P. O sentimento da Infância. In: História social da criança e da família. 2ed.

BUSATO, Cléo. A Arte de Contar Histórias no século XXI. Petrópolis, RJ: 2006.

COELHO, Betty. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo, 2002. Editora Ática.

FERRARI, Alfonso Trujillo. Metodologia da Ciência, 2ª edição, Rio de Janeiro,

RJGÓES, M.C.R.; SMOLKA, A.L.B. (Org.) A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

GÓES, Maria Cecília Rafael. As relações Intersubjetivas na construção de conhecimentos. In:

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.

MÁXIMO-ESTEVEZ, Lúcia. Da Teoria a Prática: educação ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história. Porto, Portugal: Porto Editora Ltd., 1998.

PARASURAMAN, A. Marketing research. 2. ed. New York: Addison-Wesley Publishing Company, 1991.

LAKATUS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6ª ed. Art Med, Porto Alegre, 1998 Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981, p.29- 164.

TRIVIÑOS, Nivaldo Silva. Questões preliminares básicas. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. Editora Atlas, 1995, São Paulo, SP.

VIGOTSKI, Lev S. La imaginacion y el arte em la infância. México: Hispânicas, 1987.

SEVERINO, Antônio Joaquim, metodologia do trabalho científico, 23ª edição, editora Cortez, São Paulo, 2007.

**- A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO COMO ENSINO APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL (Maria Rosa da Silva Gama)**

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO COMO ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Rosa da Silva Gama²

RESUMO:

Por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. O brincar consiste em um excelente método que facilita a aprendizagem das crianças na educação infantil, pois o educador através desse método poderá propiciar situações que despertem nas crianças o respeito interpessoal de ser e de estar com os outros, priorizando a aceitação, respeito e confiança e o acesso aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. O presente trabalho tem por objetivo abordar a importância do lúdico como ensino aprendizagem na educação infantil, contextualizando o lúdico no ambiente escolar, bem como os benefícios e a aprendizagem das crianças na escola. A metodologia presente no trabalho deu-se por meio de uma pesquisa bibliográfica de autores que dão embasamento teórico a esta pesquisa. Esta pesquisa tem por intuito geral relatar a importância do lúdico na educação infantil como requisito básico para o processo de aprendizagem dos alunos através do lúdico. Como objetivos específicos, buscou-se abordar o lúdico como uma importante ferramenta no ensino aprendizagem das crianças, bem como os benefícios que a ludicidade traz por meio dos jogos e das brincadeiras. Portanto, O lúdico compreende os jogos as brincadeiras e os próprios brinquedos, tanto as brincadeiras de antigamente, bem como as atuais, pois são de cunho educativo e auxiliam na aprendizagem dos alunos, assim como no convívio social. É com a interação que as crianças vão desenvolvendo suas criatividade e liberdades. Sendo assim, é fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver.

PALAVRAS CHAVE: Lúdico. Educação Infantil. Ambiente Escolar

INTRODUÇÃO:

O lúdico é um recurso metodológico de suma importância para auxiliar a aprendizagem das crianças na educação infantil. Os jogos ensinam os

² rosa.paschoal@outlook.com

conteúdos através de regras, pois possibilita a exploração do ambiente a sua volta, os jogos proporcionam aprendizagem de maneira prazerosa e significativa assim agrega conhecimentos.

O presente trabalho tem por objetivo abordar a importância do lúdico como ensino aprendizagem na educação infantil, contextualizando o lúdico no ambiente escolar, bem como os benefícios e a aprendizagem das crianças na escola.

A metodologia presente no trabalho deu-se por meio de uma pesquisa bibliográfica de autores que dão embasamento teórico a esta pesquisa.

Esta pesquisa tem por intuito geral relatar a importância do lúdico na educação infantil como requisito básico para o processo de aprendizagem dos alunos através do lúdico.

Como objetivos específicos, buscou-se abordar o lúdico como uma importante ferramenta no ensino aprendizagem das crianças, bem como os benefícios que a ludicidade traz por meio dos jogos e das brincadeiras.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro refere-se a uma contextualização do lúdico no ambiente escolar, no qual busca mencionar que o lúdico é uma das principais vias de aprendizagem e comunicação da criança com o mundo, possibilitando a aquisição de valores já esquecidos, o desenvolvimento cultural, e, com certeza, a assimilação de novos conhecimentos, desenvolvendo, assim, a sociabilidade e a criatividade. No segundo capítulo aborda-se a importância do lúdico, os benefícios e a aprendizagem, uma vez que a brincadeira exerce uma situação importante de aprendizagem a ser valorizada e incentivada, com a brincadeira as crianças têm a oportunidade de conferir novos significados aos elementos da realidade que vivenciam em seu dia a dia, podendo expressar sua forma particular de compreendê-lo.

Na sequência, as considerações finais, será tecida alguns argumentos sobre a importância do lúdico como ensino aprendizagem, tornando a criança protagonista de sua história social, a peça-chave na construção de sua

identidade. Nas referências são listadas as fontes que fundamentaram este estudo.

DESENVOLVIMENTO:

Contextualizando o lúdico no ambiente escolar

O lúdico é uma das principais vias de aprendizagem e comunicação da criança com o mundo. Portanto, é imprescindível que os jogos estejam presentes no processo de evolução dos pequenos, e dentro do espaço escolar, deve ser visto como auxiliador no processo de ensino-aprendizagem. O lúdico é uma importante ferramenta na mediação do conhecimento, pois enquanto a criança brinca com material concreto, jogos, ou seja, tudo o que ela possa manusear ela está sendo estimulada a refletir e reorganizar; por outro lado se a brincadeira é defaz de conta o estímulo é voltado para o recriar e o inventar, e assim se pode dizer, imaginar fantasiar. (CUNHA,2014).

Segundo Cunha (2014) A partir das ideias acima, verifica-se que atividades quando entrelaçadas com o lúdico a aprendizagem acontece com mais facilidade e entusiasmo, pois a criança aprende sem perceber, pois, ela aprende brincando.

Para Santos (2010) a utilização do lúdico na escola é um recurso muito rico para a busca da valorização das relações, onde as atividades lúdicas possibilitam a aquisição de valores já esquecidos, o desenvolvimento cultural, e, com certeza, a assimilação de novos conhecimentos, desenvolvendo, assim, a sociabilidade e a criatividade.

O ensino lúdico é uma forma de desenvolver a criatividade dos alunos e proporcionar novos conhecimentos através de jogos, brincadeiras, músicas e danças. O intuito dessa forma de docência é ensinar divertindo e interagindo com os demais colegas. Almeida (1994) diz que:

“O grande educador faz do jogo uma arte, um admirável instrumento para promover a educação das crianças.” Isso porque, quando a criança ingressa na escola, ela sofre um considerável

impacto físico- mental, pois, até então, sua vida era voltada aos brinquedos e ao ambiente familiar. (SANTOS, 2010).

De acordo com Cunha (2014) O termo jogo compreende uma atividade de ordem física ou mental, que mobiliza ações motrizes, pensamentos e sentimentos, no alcance de um objetivo, com regras previamente determinadas, e pode servir como um passatempo, uma atividade de lazer, ter finalidade pedagógica ou ser uma atividade profissional.

O lúdico é uma necessidade do ser humano, mas não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento lúdico é muito importante pois além de facilitar a aprendizagem, também colabora para o desenvolvimento pessoal, cultural e social das crianças. Também é importante destacar que através das atividades lúdicas, os alunos aprendem enquanto brincam e isso torna o desenvolvimento cognitivo fácil e espontâneo. “Dentro da escola acredita ser possível o professor se soltar e trabalhar os jogos como forma de difundir os conteúdos”. Assim, é papel indispensável a professores e gestores escolares refletir acerca da importância da ludicidade na prática pedagógica como facilitadora do ensino e da aprendizagem. (FRIEDMANN, 2003, p. 3 apud SANTOS, 2010).

Segundo Cunha (2014) nestes termos o que se vê é que o brincar (jogo) enriquece a dinâmica das relações sociais em sala de aula (mas também fora dela), como na brinquedoteca fortalecendo a relação entre o ser que ensina e o ser que aprende.

O lúdico é um adjetivo masculino com origem do latim ludos que remete para jogos e divertimento. Uma atividade lúdica é uma atividade de entretenimento, que dá prazer e diverte as pessoas envolvidas. Kishimoto (2002) menciona:

“Nesse sentido, a brinquedoteca deve ser na escola, um lugar integrado a uma proposta pedagógica que incorpora o lúdico como eixo do trabalho infantil”. Lendo esta afirmação o que se pode dizer é que essa é uma visão viável, pois muitas vezes algumas crianças só têm a escola para se soltar e interagir com seus colegas através da brincadeira. (KISHIMOTO, 2002, p.23 apud CUNHA, 2014).

Santos (2010) relata que é através do lúdico que a criança encontra o equilíbrio entre o real e o imaginário, desenvolvendo a aprendizagem de forma prazerosa e significativa, possibilitando que as aulas sejam um sucesso e resultando na satisfação de professores e alunos.

Sobre o lúdico, Piaget (1975) enfatiza:

“A criança ao brincar externa traços de sua aprendizagem através da interação com atividade lúdica que está sendo desenvolvida”. Como se vê é uma grande verdade, pois existem crianças consideradas como introvertida na sua vida cotidiana, mas elas conseguem expor de maneira sucinta sua capacidade de aprendizagem. (PIAGET, 1975, p.55 apud CUNHHA, 2014).

A brincadeira é um tema que vem conquistando o espaço escolar, focada em recreação e lazer, oferece grandes contribuições para a educação infantil, favorecendo a aprendizagem, a produção de conhecimento e a melhora do corpo, desenvolvendo aspectos da emoção, prazer, afetividade, saúde e bem-estar das crianças, nesta fase de desenvolvimento. De acordo com Almeida (1998, p.19) citado por Gomes (2009), Platão afirmava que “os primeiros anos da criança deveriam ser ocupados com jogos educativos”.

Na afirmação de Cunha (2014) O brincar consiste em um excelente método que facilita a aprendizagem das crianças na educação infantil, pois o educador através desse método poderá propiciar situações que despertem nas crianças o respeito interpessoal de ser e de estar com os outros, priorizando a aceitação, respeito e confiança e o acesso aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Sobre a aprendizagem na educação infantil, Pestalozzi (1746-1827) afirmava que:

A escola é uma verdadeira sociedade, na qual o senso de responsabilidade e as normas de cooperação são suficientes para educar as crianças; e o jogo é um fator decisivo que enriquece o senso de responsabilidade e fortifica as normas de cooperação. (PESTALOZZI, 1746-1827 apud GOMES. 2009, p. 16).

Mediante este contexto, Cunha (2014) diz que:

Na escola a ludicidade deve acontecer nos momentos de brincadeira livre como o recreio, e nas atividades fora e dentro de sala de aula. Mas, também é possível se constatar o ato de ludicidade em forma de atividades direcionadas desde a chegada dos alunos a entidade escolar, incluindo a hora da alimentação até a chegada dos pais, e toda essa estrutura e planejamento será compreendida como o lúdico e pode ser disponibilizado integralmente favorecendo essa ligação entre brincar e o aprender sendo mediado e realizado pelos professores com a total participação das crianças. (CUNHA, 2014).

Segundo Froebel (1782-1852) citado por Gomes (2009) “o grande educador faz do jogo uma arte, um admirável instrumento para promover a educação para as crianças”.

Pereira (2005) citado por Cunha (2014) relata que as atividades lúdicas são muito mais que momentos divertidos ou simples passatempos e, sim, momentos de descoberta, construção e compreensão de si; possibilitam, ainda, que educadores e educandos se descubram, se integrem e encontrem novas formas de viver a educação.

Sobre as atividades lúdicas, Gomes (2009) menciona:

O jogo não é apenas entretenimento, é um meio de enriquecer o desenvolvimento intelectual; brincando a criança se sente pertencente a um grupo. O brincar envolve emoções, afetos, inteligências e movimentos. Brincar deixa a criança mais flexível, e busca alternativas de ações para situações cotidianas. (GOMES, 2009, p. 17).

Ainda segundo Gomes Sabendo da importância do lúdico para o desenvolvimento da criança, não se pode deixar de defender seu valor dentro do contexto escolar, uma vez que a escola acolhe crianças em fase de crescimento, ativas e dispostas a aprender.

O lúdico em sala de aula é ingrediente importante para a socialização, observação de comportamentos e valores. Nesse sentido, a ludicidade funciona como um interventor e facilitador da aprendizagem no espaço escolar. O uso do lúdico no âmbito escolar faz da sala de aula um espaço de reelaboração do conhecimento vivencial e constituído, tanto no coletivo quanto no individual e a criança passa a ser a protagonista de sua história

social, a peça chave na construção de sua identidade. Pois, a criança que convive com atividades lúdicas percorre de forma natural o caminho pela busca de uma autoafirmação social, dando a ela continuidade nas suas ações e atitudes, possibilitando o despertar para aprender. (CUNHA, 2014).

Sobre o uso do lúdico no âmbito escolar Froebel aborda:

É brincando que a criança realiza sua interação social. Sua vida social fica mais sadia devido à troca de experiência e liberação de energias, onde as mesmas valorizam as regras de convívio e amplia seus conhecimentos e conseqüentemente sua criatividade, tornando-se cidadãos capazes de transformar sua realidade. “Brincar é a fase mais importante da infância, do desenvolvimento humano; neste período pode ser a auto ativa representação do interno, a representação de necessidade e impulsos internos”. (FROEBEL apud KISHIMOTO, 2002; p.68 CITADO POR BARROS, et al, 2005, p.10).

É necessário que ao chegar na escola o indivíduo se depare com um ambiente atrativo que relacione os conhecimentos prévios aos novos conhecimentos. Uma vez que, O lúdico toma dimensões mais amplas, principalmente na educação, pois contribui para a formação de alunos que sejam capazes de buscar conhecimentos e construí-los de forma prazerosa, vivenciando atitudes de vida em grupo, enfim, tornando-se pessoas sem medo de enfrentar as dificuldades que encontrarem pela frente e mais, poderem contribuir para o processo de transformação da sociedade que estão inseridos, tornando a aprendizagem significativa. (BARROS, et al, 2005, p.10),

Segundo Santos (2010) o jogo pode envolver cooperação, conflito e uma série de outros sentimentos tais como: insegurança, autoafirmações, medo, e curiosidade, que são situações da vida real. Não dão só prazer à criança, mas para ela em primeiro lugar estão as experiências de prazer [...].

Sobre o jogo, o autor Santos (2010) relata:

É importante garantir o espaço do jogo na educação pré-escolar e nas séries iniciais do ensino fundamental, onde a educação esteja em perspectiva criadora, imaginativa e construtiva do significado do seu cotidiano, em uma atividade consciente e voluntária, na busca do conhecimento. Através dos jogos e brincadeiras a criança constrói conceitos e supera dificuldades de aprendizagem,

mantendo vivo o prazer de aprender, fazendo disto uma deliciosa aventura. (SANTOS, 2010, p. 25).

Para Huizinga (2001) citado por Pereira (2018), o jogo é dotado de regras, porém, essas mesmas devem ser livremente aceitas para aqueles que farão parte do jogo. Tais regras devem ser respeitadas e são, no momento da brincadeira, essenciais para que o mundo inventado naquele momento ganhe sentido, sendo tais normas, portanto, indiscutíveis.

As habilidades e os conhecimentos adquiridos no jogo preparam e tem a capacidade de preparar as crianças para a vida em sociedade. Sant'na e Nascimento (2012) exclamam:

“Piaget atribui ao jogo um papel essencial para o desenvolvimento infantil; acredita que ao jogar as crianças assimilam e transformam a realidade” Assim sendo, seja no espaço escolar ou não, o jogo dotado de regras tende a contribuir de forma significativa para o crescimento cognitivo do ser, tendo em vista as regras que envolvem o mesmo assim como a atenção disponibilizada o que certamente contribui para a assimilação e transformação da realidade. (SANT'NA E NASCIMENTO, 2012, p.21 apud PEREIRA, 2018, p. 24).

De acordo com Brougère (2003) citado por Pereira (2018), o brincar permite o desenvolvimento das significações da aprendizagem e quando o professor o instrumentaliza, o mesmo colabora para o aprendizado. A brincadeira se constitui assim uma intervenção aberta uma vez que não há como delimitá-la, sob pena de acabar com o jogo. Nesse sentido o autor considera o brincar do momento com o jogo, e conforme o planejamento e intenção do educador este jogo tem a possibilidade de provocar o aprendizado.

Importância do Lúdico: Benefícios e a Aprendizagem

A brincadeira exerce uma situação importante de aprendizagem a ser valorizada e incentivada, com a brincadeira as crianças têm a oportunidade de conferir novos significados aos elementos da realidade que vivenciam em seu

dia a dia, podendo expressar sua forma particular de compreendê-lo. Silva (2014) nos diz que:

O lúdico está associado a jogos, brincadeiras, interesse, prazer, ajuda a desenvolver a criatividade e proporciona bem-estar aos educandos, cabe ao profissional de educação utilizar a ludicidade como meio para desenvolver inúmeras capacidades em seus alunos para que o ensino aprendizagem aconteça de forma espontânea, divertida e principalmente significativa. (SILVA, 2014, pág. 14).

A ludicidade é uma forma de linguagem que permite a criança se comunicar com os outros, possibilitando não só a liberdade de expressão, mas a autonomia criativa, ampliando o seu conhecimento sobre o mundo e proporcionando seu desenvolvimento emocional e social, e auxilia no desenvolvimento da criança, quando brinca, inventa, cria e fantasia fatos que presencia em seu cotidiano. De acordo com o Referencial Curricular (1998) citado por Silva (2014) “se trata de uma atividade que permite que a criança imite uma realidade por ela vivenciada, onde a brincadeira se torne uma “imitação transformadora”.

Quando a criança brinca, e se relaciona com brinquedos educativos ela é levada pela mediação do professor e a partir disso, ela cria, experimenta, monta, usa a imaginação e através disso ela começa a distinguir a diferença entre o certo e o errado, assim ela começa a refletir e superar suas limitações. Silva (2023) relata:

O lúdico é uma metodologia pedagógica que ensina brincando e não tem cobranças, tornando a aprendizagem significativa e de qualidade. Tanto os jogos como as brincadeiras proporcionam na educação infantil desenvolvimento físico mental e intelectual. (SILVA, 2023).

Por meio dos jogos é possível experimentar coisas novas, interagir com o outro, desenvolver a capacidade de comunicação, aprender a dividir, a respeitar regras e a adquirir autonomia, hábitos e atitudes de suma importância para uma vida em sociedade saudável. Segundo Horn (2004, p.24) citado por Silva (2023), o lúdico, ou seja, as brincadeiras jogos e brinquedos, na Educação Infantil são de suma importância para o

desenvolvimento das crianças, pois são atividades primárias, as quais trazem benefícios nos aspectos físico, intelectual e social.

O brincar não significa apenas diversão, mas também proporciona o desenvolvimento de capacidades como atenção, imitação, memória, além do desenvolvimento nas áreas da criatividade, sociabilidade, motricidade e inteligência. É por meio dos jogos que as crianças passam a interagir entre elas trocando assim experiências. Friedmanm (1996) aborda:

As brincadeiras estão presentes na vida das crianças, com diferenciações em diversos tempos e culturas, mas destaca-se praticamente em relação ao desenvolvimento da aprendizagem das crianças na Educação Infantil, ação esta natural na vida das crianças, integrada ao seu dia a dia, a sua rotina, além de proporcionar prazer e alegria, são ações universais, estão na história da humanidade ao longo dos tempos, fazem parte da cultura de um país, de um povo. (FRIEDMANN, 1996, p. 69 apud SILVA, 2014, pág.14).

Para a criança o ato de brincar é algo vital, é sinônimo de vida ativa, ou seja, por meio do jogo a criança passa a adquirir mais confiança nela mesma, pois uma vez que consegue resolver um problema percebe que é capaz, buscando ir mais além, trabalhando assim sua autoconfiança e autonomia. O brincar atualmente é uma ação considerada lúdica no qual trabalha na criança seu desenvolvimento cognitivo, motor, social e afetivo, principalmente por ser uma ação no qual proporciona a socialização e interação com outras crianças, estimulando consecutivamente a autonomia, curiosidade, criatividade, raciocínio, ou seja, ela aprende brincando, se divertindo, pois, a brincadeira proporciona as crianças uma aprendizagem alegre e prazerosa (FRIEDMANN, 1996, p. 71 apud SILVA, 2014, pág. 14).

O lúdico compreende os jogos as brincadeiras e os próprios brinquedos, tanto as brincadeiras de antigamente, bem como as atuais, pois são de cunho educativo e auxiliam na aprendizagem dos alunos, assim como no convívio social. É com a interação que as crianças vão desenvolvendo suas criatividade e liberdades. Para Silva (2023) no processo de ensino aprendizagem é fundamental valorizar o lúdico, pois para a criança o mesmo

é espontâneo e permiti sonhar, fantasiar e realizar desejos como crianças de verdade.

A utilização dos recursos materiais é muito importante e desenvolve a capacidade de concentração nas crianças, justamente por permitir que ela manipule e possa pensar no que está realizando. Por meio do lúdico o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. (KISHIMOTO, 1996, p.24 apud SILVA, 2023).

Contudo, todas as atividades que vão ser aplicadas aos alunos devem ser estudadas e preparadas previamente, para que durante a exposição seja apresentado de acordo com o desenvolvimento particular de cada área do conhecimento, pois isto possibilitará maior assimilação e aprendizagem por parte da criança, que por sua vez se sentirá mais convicta e segura na realização de suas atividades do seu conhecimento. É com as atividades lúdicas, que as crianças conseguem reproduzir muitas situações vividas por elas em seu cotidiano, as quais, pela imaginação e pelo faz de conta, são reelaboradas. Estareprodução do cotidiano acontece por meio da combinação entre experiências vividas e a possibilidades de novas interpretações e representações do real, de acordo com aquilo que para elas representem suas afeições, necessidades, desejos e paixões. (DALLABONA; MENDES, 2010, p.06 apud CUNHA, 2014).

Segundo Silva (1019) deste modo, as atividades lúdicas exercem um papel importante para elaboração do conhecimento, tendo em vista que através desta prática os sujeitos exercem a compreensão do próprio corpo, valores, conceitos, percepção de si mesmo como parte integrante no processo de construção de sua aprendizagem.

Sobre as atividades lúdicas, Cunha (1997) expõe:

A ludicidade facilita no processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que as crianças podem aprender de maneira prazerosa, tornando-se mais fácil a interação em grupo, fazendo-se a percepção do mundo mais significativa. A ludicidade depende, diretamente, da compreensão do texto e as figuras do livro como brinquedo, contribuem na formação de um futuro leitor. Em suas palavras: "O objeto, sons, movimentos, cores, figuras, pessoas, tudo

pode virar brinquedo através de um processo de interação em que funcionam como alimentos que nutrem a atividade lúdica, enriquecendo” (CUNHA, 1997, p. 29 apud SILVA, 2019, pág. 15).

Portanto, as atividades lúdicas são importantes de forma que, a criança desenvolva também o raciocínio lógico, evoluindo mentalmente, intelectualmente e favorecendo o amadurecimento social. Dessa maneira, estas atividades têm por objetivo aprofundar e desenvolver os conhecimentos do aluno, de forma divertida e não tradicional. “O jogo é essencial para que seja manifestada a criatividade e a criança utilize suas potencialidades de maneira integral, indo de encontro ao seu próprio eu”. (MODESTO & RUBIO, 2014, p. 03 apud CUNHA, 2014).

De acordo com Cunha (2014) ao brincar a criança desenvolve a capacidade para determinado tipo de conhecimento, sendo assim, depois de aprendida tal capacidade dificilmente será esquecida ou mesmo perdida. Pode-se assim dizer que a aprendizagem se dá a partir da formação de conceitos, e tais conceitos são formados muito mais facilmente no ato do brincar.

As atividades lúdicas propiciam a criança um momento para expor seus sentimentos, pensamentos, medos e preocupações que estão em seu interior, demonstrando-as através das brincadeiras como, por exemplo, o faz de conta, ou seja, a criança expressa a forma como vê o mundo ou como gostaria que ele fosse por meio da brincadeira. A atividade lúdica infantil fornece informações elementares a respeito da criança, compreendendo suas emoções, a forma como interage com seus colegas, seu desempenho físico motor, seu estágio de desenvolvimento, seu nível linguístico, sua formação moral (RODRIGUES, 2000, p. 46 apud SILVA, 2019, p. 17).

Segundo Silva (2019) o ato do brincar também é relacionado com a aprendizagem, tendo em vista que é aprender, uma vez que na brincadeira, encontra-se o suporte daquilo que posteriormente, proporcionará à criança aprendizagens mais aprimoradas. O lúdico converte-se em uma proposta educacional para enfrentar as dificuldades no encadeamento da aprendizagem. Ao brincar, a criança relaciona-se consigo mesma, conhece

suas singularidades e amplia seu olhar sobre o mundo. Ao estreitar o vínculo com o outro por meio do brincar, ela divide seu imaginário e desenvolve diversas habilidades socioemocionais. “Crianças precisam brincar, seja sozinha ou com amigos. “... quanto mais se permite à criança explorar, mais ela está perto do brincar”. Assim, o brinquedo seja entendido sempre como objeto, suporte de brincadeira, brincadeira como a descrição de uma conduta estruturada, com regras e jogo infantil para designar tanto o objeto e as regras do jogo da criança. (KISHIMOTO, 2005, p. 7 apud SILVA, 2014, p. 17).

A brincadeira aparece como um grande instrumento de aprendizagem para a Educação Infantil, permitindo a criança ter liberdade de agir, criar e dar significado a sua ação enquanto brinca. Brincar auxilia no desenvolvimento cognitivo da criança, sendo a brincadeira a criadora das chamadas zonas de desenvolvimento proximal, apresentando aumentos satisfatórios no que diz respeito ao desenvolvimento e a aprendizagem infantil. (VYGOTSKY, 1991 apud SILVA, 2014, p. 17-18).

O lúdico é uma característica fundamental do ser humano, do qual a criança depende para se desenvolver. Para crescer, brincar e para se equilibrar frente ao mundo precisa do jogo. Aprender brincando tem mais resultados, pois a assimilação infantil adapta-se facilmente à realidade. Silva (2011) explica:

[...] A atividade lúdica quando bem aplicada desencadeia momentos de integração dos pensamentos, dos sentimentos e dos movimentos em sua prática pedagógica cotidiana. Sendo assim, vê-se que “essas atividades são relevantes para a formação da criança, pois contribuem com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança. (SILVA, 2011, p. 27 apud CUNHA, 2014).

É fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção (...) como se fora brincadeira de roda. Durante as atividades lúdicas, o professor precisa criar

situações para o desenvolvimento da autonomia, com incremento de ações que favoreçam as interações, surgindo trocas. (SANTOS, 2010, p. 28).

Jogar/brincar é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância. O brincar não significa apenas diversão, mas também proporciona o desenvolvimento de capacidades como atenção, imitação, memória, além do desenvolvimento nas áreas da criatividade, sociabilidade, motricidade e inteligência. É por meio dos jogos que as crianças passam a interagir entre elas trocando assim experiências. Silva (2014) exclama:

A brincadeira valoriza o espaço para que a criança possa brincar o professor utilizar o lúdico como forma de poder facilitar a construção da aprendizagem, além de possibilitar reconhecer a identidade, despertar a autonomia, local cheio de estímulos, agrados, alegria, diversão, desenvolve muitas habilidades, considera-se um local transformador. (SILVA, 2014, p. 15).

É importante ressaltar que o lúdico não pode ser visto, apenas, como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral. É a construção de conhecimento principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operatório, agindo sobre os objetos, as crianças desde pequenas estruturam seu espaço e seu tempo, desenvolvem a noção da causalidade chegando a representações e a lógica. Modesto & Rubio (2014) explanam:

Ao se fazer uso do lúdico, a sala de aula torna-se um espaço de reelaboração do conhecimento vivencial e constituído, isso de forma coletiva ou mesmo de forma individual e a criança passa a ser a protagonista de sua história social, a peça chave na construção de sua identidade. Cabe ainda ressaltar, que a criança que convive com “as atividades lúdicas percorre de forma natural o caminho pela busca de uma autoafirmação social, dando a ela continuidade nas suas ações e atitudes, possibilitando o despertar para aprender. (MODESTO & RUBIO, 2014, p. 05 apud CUNHA, 2014).

O educador precisa ter um olhar diferenciado sobre o seu próprio trabalho, observando os alunos, analisando as ações do processo de ensino aprendizagem e seus resultados, transformando a sua sala de aula um ambiente de experimentações, e novas descobertas e múltiplas emoções na hora de aprender, pois a ludicidade trabalhada em sala de aula propicia, por

meio de teatros, jogos, dinâmicas, contação de histórias, são importantíssimas para que os alunos adquiram o seu autoconhecimento, isto e muito mais a ludicidade pode proporcionar em uma aula, podendo despertar talento e habilidades do aluno. Desta forma cada atividade educacional se transforma em uma arte que encanta e gera resultados muito além dos tradicionais. “A ação de brincar proporciona as crianças o desenvolvimento de uma aprendizagem que valoriza a criatividade, os valores, a vontade de aprender como um ser integral”, destacando-se na pré- escola. (VASCONCELLOS, 2005, p. 78 apud SILVA, 2014, p. 15).

Quando uma atividade de jogo é realizada no momento certo e adequado pode fornecer para a criança condições de desenvolver seu raciocínio, desenvolver relações sociais, com isso aprendendo a se conhecer melhor e a conhecer os outros também. O professor precisa despertar em seu aluno o espírito de cooperação, trabalhando em grupo, com metas em comum, precisa aprender, compreender e aceitar. Santos (2010) relata:

O brincar deve ser visto como um fato marcante na vida da criança, assim, a ludicidade passa a ter característica marcante na vida da criança. As escolas precisam primar pela valorização da criança, buscando, através da brincadeira dentro dos conteúdos curriculares, a dinamização do processo construtivo do conhecimento. É preciso entender a contribuição da brincadeira no desenvolvimento cognitivo- afetivo-social das crianças. (SANTOS, 2010, p.28).

É de suma importância que durante o processo de aprendizagem a criança adquira a capacidade de superar desafios e barreiras e os jogos é uma forma de mostrar as crianças desde cedo que existem regras a seguir, que há obstáculos a pular e que podem ser realizados de forma divertida. O brincar e o educar são atividades complexas que devem ser estudadas as relações, pois de uma forma ou outra auxiliam no desenvolvimento humano, sendo mediadoras na construção do conhecimento, onde a criança através do lúdico, poderá encontrar o equilíbrio entre o real e o imaginário. (SANTOS, 2010, p. 29).

De acordo com a citação acima na educação infantil, o lúdico é uma maneira de oferecer à criança um ambiente de aprendizagem prazeroso,

planejado e motivador. Portanto, cabe aos professores proporcionar um ambiente adequado aos olhos infantis, uma vez que o perfil da criança ao ingressar na educação infantil se caracteriza pela imaginação, curiosidade, movimento e vontade de conhecer o mundo, principalmente pelo brincar. Cunha(2014) enfatiza que:

O brincar consiste em um excelente método que facilita a aprendizagem das crianças na educação infantil, pois o educador através desse método poderá propiciar situações que despertem nas crianças o respeito interpessoal de ser e de estar com os outros, priorizando a aceitação, respeito e confiança e o acesso aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (CUNHA, 2014).

Nesse contexto, durante as brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. Vigotsky (1998) expõe:

(...) o brinquedo promove o desenvolvimento da criança, criando o quechama zona de desenvolvimento proximal, no qual a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário, no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. (VIGOTSKY, 1998, p. 117 apud SANTOS, 2010, p.20).

Mediante o sentido acima, torna-se essencial e imprescindível perceber a relação que o jogo, a brincadeira e o brinquedo desenvolvem na criança. É através dessa atividade lúdica que o desenvolvimento da criança acontece e fornece estruturas para evoluir do simples para o complexo; é a forma como ocorre o processo de ensino e aprendizagem. O jogar, o brincar, o fantasiar são meios naturais pelos quais a criança aprende e entra em contato com o meio em que está inserido. A imaginação criadora é a principal atividade da infância, sendo assim a aprendizagem torna-se significativa a partir do momento em que a criança relaciona a teoria com fatores imaginários tentando substituir o concreto atribuindo-lhe novas características para a resolução dos problemas.(BARROS, et al, 2005, p. 15)

Portanto, os professores precisam conscientizar-se de seu papel enquanto educadores, buscando ser o elo entre os alunos e a aprendizagem. Os mesmos necessitam confiar nos discentes, pois eles não são “caixas vazias” que necessitam ser preenchidos. Pelo contrário, são pessoas que possuem uma grande bagagem intelectual, que necessitam apenas de aperfeiçoamento. Quando explorado traz resultados surpreendentes. (BARROS, et al, 2005, p.10) Nesse sentido, percebe-se que a aprendizagem significativa tem como referência ao processo de o discente aprender fazendo de forma dinâmica, questionadora, participativa, interativa e crítica assumindo um papel atuante perante sua construção do saber.

CONCLUSÃO:

Conclui-se que o lúdico é uma importante ferramenta para o ensino aprendizagem das crianças, pois por meio dos jogos, das brincadeiras favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral dos pequenos.

Que o jogo não é apenas entretenimento, é um meio de enriquecer o desenvolvimento intelectual; brincando a criança se sente pertencente a um grupo. O brincar envolve emoções, afetos, inteligências e movimentos. Brincar deixa a criança mais flexível, e busca alternativas de ações para situações cotidianas.

Durante as brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

O lúdico em sala de aula é ingrediente importante para a socialização, observação de comportamentos e valores, uma vez que a ludicidade funciona como um interventor e facilitador da aprendizagem no espaço escolar. O uso

dolúdico no âmbito escolar faz da sala de aula um espaço de reelaboração do conhecimento vivencial e constituído, tanto no coletivo quanto no individual e a criança passa a ser a protagonista de sua história social, a peça chave na construção de sua identidade.

A brincadeira valoriza o espaço para que a criança possa brincar o professor utiliza o lúdico como forma de poder facilitar a construção da aprendizagem, além de possibilitar reconhecer a identidade, despertar a autonomia, local cheio de estímulos, agrados, alegria, diversão, desenvolve muitas habilidades, considera-se um local transformador.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Adriana Andrade; Silva; Cláudia Gomes dos Santos; ROCHA, Maria Alcina Pimentel da; FREIRE, Maria de Fátima da Silva. Lúdico na aprendizagem escolar, 2005. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/6678/1/40300026.pdf>. Acesso: 09 de junho de 2023.

CUNHA, Edilene Batista da. A contribuição do lúdico para a aprendizagem das crianças da educação infantil, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4188/1/EBC06022015.pdf>. Acesso: 08 de junho de 2023.

GOMES, Kálita Fernanda. O lúdico na escola: atividades lúdicas no cotidiano das escolas do ensino fundamental I no município de Araras, 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119288/gomes_kf_tcc_rcla.pdf?sequen.%20Pagina%2018. Acesso: 09 de junho de 2023.

PEREIRA, Roseane Ramos. Uma revisão bibliográfica sobre o lúdico com enfoque no ensino de ciências, 2018. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/>

biolic/tccc/category/10-2018-1? Download=30: Roseane-ramos-pereira.
Acesso:09 de junho de 2023.

SANTOS, Simone Cardoso dos. A importância do lúdico no processo ensino-aprendizagem, 2010. Disponível em:
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/393/Santos_Simone_Cardoso_dos.pdf. Acesso: 09 de junho de 2023.

SILVA, Natália Zanatta da. A importância do lúdico na educação infantil, 2014. Disponível em:
https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/21111/3/MD_EDUMTE_VII_2014_94.pdf. Acesso: 08 de junho de 2023.

SILVA, Thamíris Cristina Alves da. Educação Infantil: a importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem, 2019. Disponível em:
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16270/1/TCAS10102019.pdf>. Acesso: 08 de junho de 2023.

SILVA, Benedita da Conceição Mendes. A importância do lúdico na educação infantil, 2023. Disponível em:
<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-ludico-na-educacao-infantil.htm>. Acesso: 08 de junho de 2023.

**- A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL (Isanira Amorim
Pereira Rodrigues Magalhães, Marly Jóice Silva Dockhorn, Vivyan
Dockhorn)**

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Isanira Amorim Pereira Rodrigues Magalhães

Marly Jóice Silva Dockhorn

Vivyan Dockhorn³

RESUMO

O presente artigo realizado conceitua e compreende sobre a importância do lúdico na educação infantil, como um fator fundamental para que se desenvolva o aprendizado da criança. Quanto a metodologia a qual foi escolhida, será realizada em dois tipos, no qual o primeiro tipo expõe a pesquisa de cunho indutivo como metodologia, e sendo realizado a pesquisa bibliográfica, como em artigos e em periódicos, contando também à consulta em bibliotecas virtuais de notáveis universidades brasileiras. O referido artigo abordará o tratamento do lúdico como ferramenta fundamental no conceito de aprendizagem visando na Educação Infantil. Expondo que através de jogos e brincadeiras usando-os como metodologia que auxilia a construção do processo de ensino e aprendizagem, com enfoque de relatar sobre toda a importância do lúdico na educação Infantil. Incluindo o psicopedagogo com papel fundamental na intervenção por meio lúdico, assumindo o papel preventivo e remediador na educação infantil. Pois o modo lúdico de ser ensinado, é crucial para a criança, sendo que ela precisa de que haja uma atenção maior relacionado a brincadeiras, jogos, alegria, teatros, músicas, dramatizações, por fim, a criança carece de desafios, em que precisa saber o que é respeitar o limite de cada tipo brincadeira, desde que desperte algum tipo de interesse que consiga motivá-la na construção e reconstrução do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Lúdico. Educação Infantil. Ensino. Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

O estudo abordado neste artigo tem o enfoque sobre a importância do lúdico na Educação Infantil, que é vivenciado de modo agradável para ser ensinado juntamente com o prazer de aprender. Por meio das atividades de caráter metodológico, com bom humor para que seja despertado o sentimento de prazer que é o da descoberta que consegue ser levado ao ponto para que seja construído o conhecimento que produz um sentimento de satisfação que é de se aprender brincando.

³ Email: vivyan.dockhorn@icloud.com

A importância da ludicidade na educação infantil é conceituar e compreender como um tipo de ferramenta que possa ser usado já em sequência no ato de ser construído com todo o processo de ensino e aprendizagem, que proporcione a criança no momento de aprender algo prazeroso e que seja incentivado durante sua vida escolar.

O trabalho com a ludicidade precisa ter flexibilidade para que seja passado claramente e com leveza o que foi preparado para aquela criança no ato de aprender algo novo, para auxiliar nesse momento as brincadeiras e os jogos são fundamentais, mas carecem de um espaço seguro e maior já como se trata de crianças da educação infantil. Nesse espaço a organização é primordial para que as atividades lúdicas possam ser desenvolvidas e que consiga ocasionar em aprendizagem e conhecimento.

Neste referido artigo salientar e conceituar sobre a palavra lúdico, da brincadeira, do brinquedo e do ato brincar como é introduzido no processo de ensino e aprendizagem. Os jogos é um tipo de atividade que consegue despertar um elevado interesse no aluno.

E por último expor a importância do lúdico e o psicopedagogo na educação infantil, onde é evidenciado o favorecimento sob investigação que desenvolva os jogos e brincadeiras de modo de intervenção, para que consigam desenvolver o processo de aprendizagem como uma ferramenta facilitadora do desenvolvimento infantil.

Sendo assim, o artigo exposto foi elaborado com o foco de retratar o lúdico como fator principal voltado a educação infantil, como ferramenta essencial para os professores consigam de maneira progressiva e constante estimular seus alunos a seguirem o caminho que os leve a novas experiências e aprendizados, sendo importante que o educador veja cada pequena conquista e vibre com a criança para que se sinta incentivada, mas sempre respeitando o ciclo do tempo de cada aluno e as suas necessidades.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 LÚDICO: CONCEPÇÕES

Ao discorrer sobre o lúdico para poder entender melhor de acordo com o dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras (2011), cita como significado da palavra lúdico como: " [...] que se refere a jogos, brinquedos e divertimentos: o aspecto lúdico da aprendizagem."

Conforme Ferreira (2002) o lúdico está tanto no ato de brincar que consegue provocar divertimento por meio de atividade incluindo o jogo, ação de jogar, que facilita o meio de aprendizagem, mas o lúdico em si não se caracteriza como apenas jogo ou brincadeira, mas sim a ação que consegue provocar uma forma de ensino leve que forma uma junção que acarreta uma aprendizagem divertida.

Passos (2013) discorre que o jogo apesar de estar diretamente ligado ao lúdico consegue provocar na criança o sentimento relacionado ao de prazer, ou seja, o jogo com a falta de regras, que esforça a mente e o trabalho físico, conseguira atingir apenas o objetivo de lazer e fornecer entretenimento. Precisa do foco no processo de construção da criança para que haja o estímulo de aprendizagem para adquirir novos meios de conhecimento.

Consegue observar que no decorrer da história conforme Kishimoto (2003) na Grécia antiga e inclusive em Roma já existia indícios do lúdico, citando os jogos educativos que era recreação para representar um período de trégua entre os romanos e gregos diante dos momentos de guerra.

De acordo com Kishimoto (2002) alega que os jogos foram passados de geração em geração mediante a sua prática de gravar na memória da criança, e no Oriente e a Grécia os povos antigos já brincavam de pipas, amarelinha e de jogar pedrinhas, visando para que a criança apenas brincava pelo simples ato do prazer de brincar.

Wajskop (2009) relata que a criança que desfruta do momento de brincadeira ela consegue apossar-se do conhecimento por intermédio da prática adquirida, sendo assim o ambiente escolar precisa suprir de ferramentas para que seja construído um tipo de aprendizagem que haja significado.

Em concordância com todo conceito estabelecido do que se trata como lúdico, busca a necessidade de expor as limitações e delimitar o que é o chamado brincar espontâneo para que o que envolve a parte da ludicidade

para fazer presente no processo da construção do ensino-aprendizagem, como relata Santos (2002), que se faz mostrar que o momento lúdico possui uma necessidade abrangente do próprio ser humano, e sem possuir interferência de qualquer idade.

Concluindo com o ponto de vista de Vygotsky (1991), quando é mencionada a palavra brincar logo já se reflete diretamente a infância da criança sendo assim tem que ser explorado em um grau elevado as brincadeiras e os jogos, que no âmbito escolar dentro da sala de aula age de forma facilitadora para se desenvolver a inventividade, criatividade e a interação das crianças umas com as outras.

2.2 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO EM RELAÇÃO A EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando é retratado sobre a palavra lúdico logo já se interligado com a educação infantil, que na visão psicopedagógica é um aliado para ser desenvolvido o início da aprendizagem das crianças nessa faixa etária, consegue despertar o sentimento de querer conhecer o que está sendo proposto, de uma forma leve que as incentive-as a gostar dos jogos e brincadeiras que em vários aspectos auxilia no desenvolvimento da criança.

De acordo com Maluf (2012), as escolas que possui a Educação Infantil têm de ser um ambiente acolhedor, que possa atrair, estimular e se acessíveis as crianças que estão no seu primeiro contato com o mundo do conhecimento escolar. Precisando oferecer atendimento com boas condições para as famílias, que possa possibilitar a realização de ações socioeducacionais e psicopedagógicas.

ênfase na Educação Infantil é de suma importância direcionar a criança para que seja construído seus saberes e a instruir e conduzir com a utilização de vários tipos de atividades lúdicas.

Segundo Dallabona e Mendes. “O lúdico na Educação Infantil tem por objetivo oportunizar ao educador a compreensão do significado e da importância das atividades lúdicas na Educação infantil, procurando provocá-lo para que insira o brincar em seus projetos educativos”.

Segundo o Vygotsky (1984), "as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro torna-se ao seu nível básico de ação real e moralidade". Em consenso com o autor as crianças criam experiências e envolvem-se em desafios através das brincadeiras e o uso do brinquedo para elevarem a sua imaginação.

Segundo Rodrigues e Rosim (2007, p.11),

"Quando a criança brinca e se relaciona com brinquedos educativos, ela é levada pela mediação do professor e a partir disso, ela cria, usa a imaginação e através disso ela começa a distinguir a diferença entre certo e errado assim ela começa a refletir e superar suas limitações."

Discorrendo sobre a citação do autor mencionado, o ato de brincar da criança e a relação com a importância do uso do brinquedo para que haja uma estimulação da criatividade, onde seja diferenciado entre fazer o certo e o errado com a instrução do professor, com intuito de elevar o grau de conhecimento e agilidade e superando suas limitações.

Embasando no conhecimento de Friedmann, (2012) refere que o professor "possibilitar tempo espaço e materiais para brincarem, livremente, escutar o que as crianças têm a se dizer".

Sendo essencial refletir que o desempenho elevado não é somente do professor, mas sim a escola possui um grande peso para que haja um ambiente adequado, e a entrega dos utensílios para serem usados durante os jogos e brincadeiras, havendo o estímulo para o desenvolvimento e crescimento da criança.

O brinquedo para a criança na fase da educação infantil tem sua importância fundamental, segundo Caetano (2004), "a história do brinquedo é vasta e multiforme, estando sempre associada a criança, contrapondo com o adulto onde prevalece a lógica do trabalho" (p.18).

A criança e seu brinquedo conseguem imaginar além dos nossos olhos, por ser uma fase em que é basicamente construído através do lúdico a formação intelectual, social e com base no seio familiar que desenvolve a criança.

No ambiente escolar e auxílio do professor ajudando com os tipos certos e a como desenvolverem essa imaginação para que seja aliado do processo do conhecimento estabelecido pelo regente.

Portanto, a aplicação do lúdico no planejamento e dia a dia dos professores de educação infantil é importantíssimo, com isso o uso da ludicidade emprega o desenvolvimento cognitivo, motor e sensorial da criança, que através do uso da imaginação consegue desenvolver a oralidade que estimula a leitura e a escrita, que ocasiona sendo mais proveitoso e eficaz no que se referem à métodos tracionais e repetitivos.

2.3 INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS A PARTIR DO LÚDICO

O psicopedagogo está vinculado diretamente com a prática do lúdico na educação infantil, por proporcionar com mais habilidade ambientes lúdicos especiais para cada tipo de criança a desenvolver habilidade e inteligência, por possuir certo conhecimento de analisar o aluno e intervir em suas ações.

Para que seja alcançando um resultado satisfatório, é empregado os jogos e brincadeiras no seu começo do aprendizado na educação infantil de forma lúdica. Nesse meio, o psicopedagogo faz criar situações que estimulam a aprendizagem que desencova o total das suas habilidades cognitivo, psicomotor e socioafetivo, através de intervir com ações psicopedagógicas singulares a cada criança.

O professor capacitado assume um certo tipo de compromisso no requisito de remediar e prevenir incluindo orientações no ensino-aprendizagem, tendo como foco as possibilidades que geram ajudar na adequação que o conhecimento induz de forma lúdica, com o intuito de ser singular para que a criança consiga aprender.

Essa intervenção psicopedagógica surge com seu papel de detectar as variantes tipos de modalidade que visa a aprendizagem e as possibilidades que o torno um modo fácil e prazeroso para aprender de diversas formas. Assim o papel do psicopedagogo é fundamental na intervenção no modo lúdico de aprender.

3 CONCLUSÃO

Por todos os aspectos mencionados sobre o lúdico na educação infantil, conseguiu fomentar com clareza ser de suma importância o uso dele por meio de brincadeiras e jogos para desenvolver as habilidades intelectuais da criança.

O Referencial Curricular Nacional para Educação infantil (Brasil, 1998) corrobora a devida importância do modo lúdico a ser ensinado, ao apresentar que o desenvolvimento intelectual, físico, mental e emocional do aluno ao ser estimulado pelas atividades lúdicas, possa provocar na criança toda a sua criatividade, imaginação, linguagem, pensamento e como se socializar com as outras crianças, que ajuda a florescer a sua personalidade e como interpretar todo o mundo a sua volta.

O lúdico oportuniza a utilização de brincadeiras e jogos elaborados de forma lúdica a ser trabalhada com a turma de educação infantil, que desperta seu conhecimento e imaginação de maneira leve e prazerosa a ser trabalhada com as crianças sem forçá-las, com esse intuito estão aprendendo brincando.

O brinquedo também mostrou um papel importante no trabalho lúdico a ser despertado o conhecimento, sendo ele uma ferramenta que aflora o imaginário da criança.

O psicopedagogo possui um vínculo fundamental com a forma lúdica de ser ensinada, pois a utilização que inclui jogos e brincadeiras possibilita às crianças a se aprimorarem de várias formas de conhecimento que adquirem de meio lúdico.

Contudo, o psicopedagogo consegue intervir de forma a auxiliar a crianças por seus anseios sociais e psicológicos de maneira leve de ser tratadas, conseguindo introduzir diversos brinquedos para que consigam brincar e imaginar, assim intervindo com eficácia nas dificuldades que possam ocorrer.

4 REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo (organizador) **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BRASIL. Educação, Ministério e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental; **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília MEC/SEF, 1998 V 1.

CAETANO, Ricardo Jorge Bastos. **Jogos, Brinquedos e Brincadeiras dos Nossos Avôs: Um Estudo Do Gênero**. Coimbra, 2004. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/17563/1/Monografia%20final.pdf>. Acesso em: 10/06/2021.

DALLABONA, S.R.; MENDES, S.M.S **O lúdico na Educação Infantil**. Revista de divulgação técnico científica do ICPG, v.1, n.4, jan/mar 2004.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FRIEDMANN. **Brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão**. 1ª Ed. São Paulo; Moderna, 2012.

KISHIMOTO. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.

_____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Pioneira, 2002.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Grumetes, pajens, órfãs do rei e outras crianças migrantes**. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de (Org.). Educação da infância: história e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 13-30.

MALUF, Angela Cristina M. **Atividades lúdicas para a educação infantil**. Editora Vozes limitada, 2012.

PASSOS, Marcos P. de. **O ato lúdico de conhecer: a pesquisa como processo dialógico de apropriação de dispositivos informacionais e culturais**. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES, Eliane; ROSIN, Sheila Maria. **Infância e práticas educativas**. São Paulo: Eduem; 2007.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola**. 8. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

- ANSIEDADE INFANTIL NOS ANOS INICIAIS (Eliane Maria dos Santos Kerber, Daiane Aparecida Lourenção, Karina Costa Paes de Sousa)

ANSIEDADE INFANTIL NOS ANOS INICIAIS

CHILD ANXIETY IN THE EARLY YEARS

Eliane Maria dos Santos Kerber

Daiane Aparecida Lourenção

Karina Costa Paes de Sousa

RESUMO

Precisamos entender e compartilhar uma nova postura em torno da ansiedade infantil, acreditando que as escolas tornem-se agentes capazes de transformação e redução de danos, podendo assim impactar, inclusive, na vida futura dessas crianças durante a adolescência e a vida adulta. Precisamos conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes a respeito do tema abordado como: ansiedade; ansiedade infantil X aprendizagem; participação da família na aprendizagem; causas e sintomas da ansiedade bem como estratégias para controlar a ansiedade. Constatou-se que as causas tidas como **biológicas ou hereditárias** são aquelas em que, a princípio, não se pode controlar. São fatores genéticos transmitidos de geração para geração. Já as cognitivas dizem respeito a maneira como essas crianças processam informações e emoções no cérebro. Ou seja, são passíveis de **aprendizado e treinamento** durante a infância e toda a vida. Certamente a escola não terá todo o poder de atuação necessário para resolver casos de ansiedade. **O mais importante é compartilhar a responsabilidade com os pais.** Isso porque, o contexto de suas vidas e o direcionamento de educação que os alunos recebem, possui impacto relevante tanto na prevenção quanto na solução do problema.

Palavras-chave: Ansiedade Infantil. Estratégias. Aprendizagem.

ABSTRACT

We need to understand and share a new attitude around childhood anxiety, believing that schools become agents capable of transformation and harm reduction, thus being able to impact even the future lives of these children during adolescence and adulthood. We need to know and analyze the main existing theoretical contributions regarding the topic addressed, such as: anxiety; child anxiety X learning; family participation in learning; causes and symptoms of anxiety as well as strategies for managing anxiety. It was found that the causes considered as biological or hereditary are those in which, in principle, it cannot be controlled. These are genetic factors transmitted from generation to generation. The cognitive ones are related to the way these children process information and emotions in the brain. That is, they are capable of learning and training during childhood and throughout life. Certainly the school will not have all the power of action necessary to solve cases of anxiety. The most important thing is to share the responsibility with the parents. This is because the context of their lives and the direction of education that students receive has a relevant impact on both prevention and solution of the problem.

Keywords: Child Anxiety. Strategies. Learning

INTRODUÇÃO

A ansiedade está presente no comportamento humano desde os tempos mais primitivos e é parte de sua natureza ter sentimentos de ameaça, perigo, enfim do que ainda não é conhecido. Todavia “a ansiedade passou a ser objeto de distúrbios quando o ser humano colocou-se não a serviço de sua sobrevivência, como fazia antes, mas a serviço de sua existência.” (MARGIS et al, 2003, p. 1).

O transtorno de ansiedade é definido como uma apreensão excessiva de fazer algo, um medo sem explicação e que ocasiona uma tensão desagradável. A diferença entre a ansiedade normal e a patológica é definida por sua intensidade e duração.

A ansiedade em excesso pode influenciar negativamente a aprendizagem escolar. Crianças com Transtorno de Ansiedade –TA – podem apresentar dificuldades em várias áreas de estudo prejudicando especialmente o processo de alfabetização e de numeração. Estas crianças se esforçam, mas o medo excessivo acaba impedindo a aprendizagem. Tendem a realizar rituais como, por exemplo, a carteira que deve estar arrumada de determinada maneira, caderno no centro, estojo a esquerda e garrafa de água a direita; rituais de limpeza, como o pó da borracha ou os restos de lápis. Além disso, apresentam dificuldade para relacionar-se com outras pessoas e se sentem desmotivadas para a escola, apresentam baixa autoestima e baixa expectativa em relação ao futuro.

De seu lado, a instituição escolar pode ou não colaborar para a redução e controle do nível de ansiedade de seus alunos em condição patológica.

WEISS (2010, p. 169), chama a atenção que situações mal conduzidas na escola podem gerar e exacerbar a condição de ansiedade dos alunos. A autora alerta que a aprendizagem é acompanhada de “um nível de ansiedade ótimo” a ansiedade paranoica e a ansiedade depressiva, contudo, a ultrapassagem desse limite acarreta prejuízos neste processo. As situações de aprendizagem quando são mal conduzidas são geradoras de um excesso de

ansiedade que se torna insuportável para o aluno, chegando à desorganização de sua conduta, o que acarreta o fracasso na produção escolar.

As dificuldades de aprendizagem podem se iniciar desde a educação infantil e tornar-se mais evidentes no ensino fundamental. Cabe à instituição escolar reconhecê-las e encaminhar os alunos para uma avaliação psicoeducacional que possa confirmar ou não as suposições. Entretanto, nem sempre as coisas vêm acontecendo desta maneira e podemos encontrar, ainda hoje, crianças em condições patológicas sem atendimento adequado por parte da escola e da família, bem como crianças medicadas inapropriadamente. Esse é o caso do uso indiscriminado de ritalina na infância, registrada no Brasil e em outros países.

O objetivo desse artigo é compreender a gravidade da ansiedade e seus possíveis transtornos para aprimoramento da prática. O foco da ansiedade será tratado dentro e fora da escola, através de experiências próprias. Este estudo abordará aspectos relacionados a avaliação dessas crianças e, conseqüentemente, um diagnóstico correto para o tratamento das mesmas, inserindo o educador como ferramenta essencial no diagnóstico dos alunos, apresentando-se possíveis orientações para que o rendimento escolar seja satisfatório.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ansiedade está presente no comportamento humano, desde os tempos mais primitivos, visto que faz parte de sua natureza ter sentimentos de ameaça, perigo, enfim do que não é conhecido. Na contemporaneidade a ansiedade pode ser entendida como fruto da pós-modernidade e considerada “normal” para os sujeitos. Reportando-se ao âmbito educacional, estudos na área da psicopedagogia afirmam que a ansiedade em excesso pode influenciar negativamente na aprendizagem. Frente a esses estudos, a presente pesquisa objetivou investigar quais práticas pedagógicas podem auxiliar crianças com ansiedade a descentrar seu pensamento.

O QUE É ANSIEDADE?

De acordo com FREEMAM (2015, p.18), *“a ansiedade é ao mesmo tempo, absolutamente normal e incrivelmente complexa”*. A ansiedade está diretamente ligada as nossas emoções, elas podem afetar nossos pensamentos, nosso corpo e comportamentos.

Ansiedade, nada mais é que uma reação do nosso próprio organismo, uma forma que desencadeia diferentes maneiras, sendo elas, emocionalmente e fisicamente, elas se tornam uma reação natural do ser humano, ela é uma função importante e biológica do nosso corpo, geralmente quando ficamos ansiosos, nosso organismo demonstra sensações físicas, como mãos suadas, coração acelerado e dificuldade para respirar.

Os psicólogos definem que nossas emoções podem durar de segundos até mesmo horas, as emoções nos movem e são extremamente importantes na nossa vida, através dela podemos saber os sentimentos de outras pessoas, Segundo McReynolds (1965 apud Pereira, 2008, p. 02) *“O sentimento de ansiedade é parte intrínseca da condição humana. É uma resposta natural a determinados fatores ambientais e psicológicos.”* Este transtorno emocional se faz necessário para nossa sobrevivência e não se sabe quanto tempo pode durar, o que se sabe é que a ansiedade esta presente cada vez mais em nossa sociedade.

A ansiedade já tem causado muitos danos, prejudicando o rendimento escolar dos alunos, (D AVILA E SOARES, 2003, P. 107) Como pressupõe Graeff e Brandão (1996) *“desde as primeiras argumentações sobre a ansiedade, que se registraram na Grécia Clássica, a experiência subjetiva era sempre associada a sintomas corporais.”* Infelizmente a ansiedade vem sendo um mal que atinge grande parte da população hoje, desde os mais velhos até mesmo as crianças, a ansiedade apresenta várias definições de acordo com o Dicionário Aurélio sendo elas: aflição, anseio, medo, angustia, insegurança, entre outros.

Porém o que se deve levar em consideração é que a ansiedade em seus diversos aspectos e formas, pode tanto nos beneficiar quanto nos prejudicar, atrapalhando nosso funcionamento corporal e mental, com as

crianças não seria diferente, este transtorno mental pode causar danos que elas levaram para a vida toda. Podendo se manifestar nos primeiros anos de vida da criança, sendo comum quando a mesma passa por situações novas e que acabe gerando insegurança sendo elas, separação dos pais, mudança de casa, escola nova ou até mesmo a perda de alguém da família, em situações como estas o alerta dos pais deve ser maior, verificando se ela está feliz e confortável com a situação.

ANSIEDADE INFANTIL X APRENDIZAGEM

Infelizmente poucas pessoas se dão conta da gravidade que este transtorno emocional acarreta na vida das crianças, pais e professores podem ajudar positivamente na descoberta deste mal, às vezes quando a criança começa a se isolar, se fechando e tendo dificuldade não é indisciplina da parte dela, e sim a demonstração de que algo não vai bem.

Segundo MAROT (2004, p.14), a ansiedade é um sentimento de apreensão desagradável, vago, acompanhado de sensações físicas como vazio (ou frio) no estômago (ou na espinha), ou pressão no peito, palpitações, transpiração, dentre várias outras.

Sabemos que não é normal uma criança em idade de brincar e explorar o mundo, viver constantemente apreensiva, com medo e preocupada, requer cuidado e dedicação da parte dos professores para poder observar esta criança. A criança precisa de alguém que passe confiança a ela, que faça com que ela se sinta segura, para FREUD (1976, p.216), *"Existem dois modos de diminuir a ansiedade. O primeiro modo seria lidando diretamente com a situação. Resolvemos problemas, superamos obstáculos, enfrentamos ou fugimos de ameaças."* A criança ansiosa vive constantemente em alerta, sente medo e pensam inúmeras vezes em situações que não aconteceram ou que podem nem existir, ela acaba criando seu próprio medo, com isso ela passa a ter dificuldades de concentração, de socialização e um péssimo rendimento escolar.

De acordo com a Psicóloga e professora LIPP (2005, p.91) *"A ansiedade excessiva é muito comum em crianças e talvez seja a dificuldade*

emocional mais identificada por pais e professores.” É fácil identificar uma criança indisciplinada, pois elas fazem de tudo para serem notadas, diferente das crianças ansiosas que passam despercebidas, em outras palavras, crianças ansiosas não “não atrapalham a sala”, dificilmente interagem com outras crianças em brincadeiras e dinâmicas propostas em sala.

Segundo DUARTE e OLIVEIRA (2004, p.58), “alguns componentes importantes da ansiedade que podem interferir na aprendizagem e no desempenho em geral do aluno são a tensão, incerteza e apreensão em relação ao futuro”. A ansiedade pode apresentar sérias dificuldades de aprendizagem, dificultando ainda mais seu rendimento escolar. Os professores possuem papel de extrema importância na vida da criança que sofre deste transtorno emocional, pois uma aula que não chame a atenção do aluno e professores que vivem em constante cobrança vira cada dia mais uma ameaça para a criança.

O comportamento, atitudes e a relação que o professor transmite ao aluno está ligada diretamente com a aprendizagem da criança, de acordo com PATTO (2000, p. 78), “*O professor pode projetar nos alunos seus próprios complexos, dificuldades emocionais, conjugais, sociais, repetindo com a criança suas próprias experiências de uma educação equivocada ou sofrida.*” De forma indireta e sem nem perceber o professor pode tornar uma carga geradora de stress e aumentar a ansiedade da criança cada vez mais. É de extrema importância descobrir a raiz do problema, ir a fundo para descobrir a causa e desenvolver estratégias para lidar com estas dificuldades, ajudando a mesma a enfrentar estas mudanças que ocorrem em sua vida e ter um desenvolvimento que favoreça sua aprendizagem.

Conforme cita GARCIA (1998, p.122), “*isso pode gerar além da dificuldade de aprendizagem o fracasso escolar, prejudicando não só a vida escolar do aluno como também outros aspectos sociais, emocionais, familiares, etc.*” Identificar os problemas que a ansiedade pode gerar causa certo desconforto, receio e medo, mas se deve pensar sempre na criança encontrando formas de ajudar a mesma, uma parceria que pode dar certo é da escola juntamente com os pais, através de conversa os mesmos podem encontrar formas que deixem a criança confortável e segura.

PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM

Antigamente as famílias possuíam padrões de estruturas bem parecidos, a educação era severa e dificilmente existia meio termo, porém hoje grande parte das famílias possuem estruturas distintas, muitas delas sofrem as transformações ocasionadas pela evolução dos tempos modernos, possuindo vários modelos em uma única família, sendo formada por origens distintas e pessoas diferentes.

Segundo WINNICOTT (1982, p.144), *“temos, pois, duas coisas distintas: as tendências inatas do bebê e o lar que você lhe proporciona. A vida consiste na interação dessas duas coisas.”* Todos sabem das mudanças que ocorrem ao longo do tempo, porém o que não se pode deixar de lado é a importância que a família possui no desenvolvimento da criança, bem como a de todos os membros que englobam o meio social que a criança está inserida.

De acordo com ZIMERMAN (1999, p.104),

... uma família bem estruturada requer algumas condições básicas, como é a necessidade de que haja uma hierarquia na distribuição de papéis, lugares, posições e atribuições como a manutenção de um clima de liberdade e de respeito recíproco entre os membros.

A participação da família no desenvolvimento da criança é de suma importância, pois as crianças que possuem uma estrutura familiar que lhe proporcione carinho, um ambiente saudável e acolhedor, desperta na criança segurança para se apoiar em seus pais e se sentir segura com o meio que está inserida.

Porém sabemos que famílias perfeitas não existem, todas enfrentam dificuldades, às vezes na própria estrutura tal como na falta de diálogo e carinho, segundo WINNICOTT (1982, p.142), *“mesmo o mais carinhoso e compreensivo ambiente familiar não pode alterar o fato de que o desenvolvimento humano vulgar é árduo e na verdade, um lar perfeitamente adaptativo seria difícil de perdurar.”* As famílias basicamente exercem o papel de transformar as crianças de hoje em seres humanos capazes de se relacionar com o meio social em que estão inseridos, bem como as mudanças

das quais podem enfrentar no dia a dia, sendo que a família é o conjunto que mais se transmite valores às crianças tendo grande influência em seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

O medo e o receio fazem com que as crianças desenvolvam cada vez mais a insegurança de se afastar dos pais, o pensamento negativo se faz presente, tomando forma e aumentando cada vez mais, conforme cita CASTILHO (2000, p. 47), *“nas crianças e adolescentes, os transtornos de ansiedade mais comuns são o transtorno de separação, atingindo 4% da população desta faixa etária.”* Não resta dúvidas de que a família e a escola são parceiros fundamentais que só tem a favorecer no desenvolvimento da criança, pois é de extrema importância os dois caminharem juntos, com isso cada vez mais a criança irá criar confiança e enfrentar a ansiedade de forma positiva com o intuito de amenizar este transtorno emocional cada vez mais.

Infelizmente muitos dos valores que deveriam ser considerados como primordiais estão se perdendo, a educação quando caminha junto com a família constrói bases que liga diretamente ao desenvolvimento da criança, dando a ela uma autoconfiança maior, atingindo expectativas e promovendo o bem estar.

Diante a tantas transformações que a sociedade enfrenta hoje, as escolas juntamente com os pais, necessitam encontram formas e caminhos para contribuir e ajudar no desenvolvimento da identidade da criança, tornando-a confiante e segura de si.

CAUSAS E SINTOMAS DA ANSIEDADE

Segundo DANIELSKI, (2003, p. 40). Através de alguns sintomas, podemos analisar, se estes se fazem presentes no cotidiano da criança, sendo que se os mesmos durarem algumas semanas e não apresentar melhoras, o melhor que os pais devem fazer é procurar a ajuda e a avaliação de um especialista, contribuindo assim para a melhora e para o desenvolvimento da criança.

SINTOMAS EMOCIONAIS

- ✓ Tristeza;

- ✓ Medo;
- ✓ Preocupação;
- ✓ Culpa;
- ✓ Alterações repentinas de humor.

SINTOMAS FISICOS

- ✓ Dificuldade para dormir;
- ✓ Lentidão nos movimentos;
- ✓ Vergonha;
- ✓ Sono agitado;
- ✓ Mãos e pés suados;
- ✓ Náuseas, alterações gastrointestinais;
- ✓ Arrepios;
- ✓ Músculos tensos;
- ✓ Dores no corpo;
- ✓ Boca seca;
- ✓ Dificuldades para respirar;
- ✓ Tonturas.

SINTOMAS COMPORTAMENTAIS

- ✓ Crises de choro;
- ✓ Isolar-se;
- ✓ Evitar sair de casa;
- ✓ Mostra-se agressivo;
- ✓ Incapacidade de lidar com tarefas diárias;
- ✓ Diminuição da capacidade de atenção, concentração e memória;
- ✓ Contar os passos que dá ao andar;
- ✓ Arrumar objetos por cores e tamanho.

PENSAMENTOS

- ✓ Pessimismo;
- ✓ Pensamentos enviesados;
- ✓ Pensamentos ruins;
- ✓ Perfeccionismo;
- ✓ Pensar somente no que não deu certo.

ESTRATÉGIAS PARA CONTROLAR A ANSIEDADE

Não existe uma solução mágica para acabar com a ansiedade, hoje possuem profissionais que podem ajudar neste transtorno emocional, porém existem técnicas que podem acalmar a criança ansiosa em situações do dia a dia.

Muitos dos pais pronunciam frases prontas como “Não se preocupe” ou “Confia em mim”, a criança sabe que seu pai está ali naquele devido momento, mas quando a criança está ansiosa ela paralisa, em outras palavras ela não consegue absorver palavra alguma, pois seu cérebro não permite que ela ouça.

De acordo com a psicóloga SANCHES (2010, p.52), *“Quando estamos nervosos ou ansiosos não pensamos com a mesma clareza e é fácil focarmos apenas nos aspectos potencialmente negativos.”* O medo e a insegurança impedem a criança a confiar em si mesmo, em suas habilidades e faz com que as crises demorem a passar.

Segundo DANIELSKI, (2003, p. 44). Algumas técnicas que podem ser usadas no dia a dia pelos pais:

- ✓ Pare por breves momentos e faça algumas respirações profundas com a criança;
- ✓ Entenda que a criança precisa da sua ajuda;
- ✓ Seja paciente e encoraje a criança a não desistir;
- ✓ Reforce o que de positivo a criança consegue fazer;
- ✓ Elogie seus esforços;
- ✓ Converse sobre quais são seus medos;
- ✓ Acompanhe a criança e a incentive;
- ✓ Faça coisas diferentes, visite lugares diferentes;
- ✓ Ouça músicas com a criança;
- ✓ Opte por atividades físicas com a criança como andar de bicicleta, passear com cachorro;
- ✓ Inclua atividades lúdicas na rotina da criança;
- ✓ Seja um bom exemplo para seu filho e aluno.

Estas técnicas são simples mais ajudam as crianças a manter uma maior oxigenação no cérebro. A psicóloga LIPP (2005, p.89), sugere para os professores alguns tipos de relaxamentos que podem ser feitos em sala de aula:

- ✓ Feche os olhos;
- ✓ Enrijeçam todos os músculos do corpo de uma só vez;
- ✓ Agora, soltem todos os músculos ao mesmo tempo;
- ✓ Prestem atenção na respiração;
- ✓ Respirem bem fundo, pelo nariz e mantenham a boca fechada;
- ✓ Sintam a barriga se enchendo, como se fosse um balão;
- ✓ Agora soltem o ar devagarinho, pela boca, enquanto contam mentalmente (um, dois, três, quatro...);
- ✓ Mantenham os olhos fechados;
- ✓ Respirem normalmente agora;
- ✓ Soltem os músculos;
- ✓ Imaginem agora uma luz da cor que preferirem (de que mais gostarem), imagine que essa cor vai passar por todas as partes de seu corpo, como se estivesse fazendo uma massagem;
- ✓ Sintam a luz passando pela boca, cabeça, por todo seu corpo;
- ✓ Sintam a calma;
- ✓ Acreditem que tudo vai dar certo;
- ✓ Agora abram os olhos;
- ✓ Movimentem os braços e pernas;
- ✓ Se alonguem;
- ✓ Podem voltar às atividades agora.

Segundo PEREIRA (2008, p.87), *“os métodos de relaxamento são diferenciados de acordo com a situação. Porém, tem resultados em ambos os níveis, seja ele físico ou mental.”* As técnicas usadas em sala ajudam a tranquilizar o ambiente como também acalma a criança que está ansiosa.

A criança necessita que os pais apoiem e sejam presentes, que acima de tudo entendam que ela precisa de paciência e atenção, o acompanhamento e a dedicação tanto dos pais quanto dos professores e de extrema importância, pois ela contando com o apoio das pessoas que estão próximas dela, faz com

que se sinta segura e acima de tudo confiante para enfrentar todo e qualquer dificuldade.

PAPEL DO DOCENTE NO CONTEXTO DA ANSIEDADE

Muitas vezes pais e educadores, WEISS, (2010, p. 160), confundem a ansiedade infantil com birras ou mal comportamento. No início do ano escolar, na volta das férias, muitas crianças choram sem ter motivo específico, onde relatam dores de cabeça, dores de estômago e náuseas. Depois de descoberto que a causa desses sintomas é a ansiedade, nesse momento que o educador tem um papel importante, apesar de toda correria do dia, com a grande quantidade dos conteúdos para passar, é necessário um olhar mais detalhado para essa criança, compreender o que está acontecendo e perceber que não é uma simples birra e sim uma ansiedade muito grande que está gerando um sofrimento enorme.

Na escola é comum encontrarmos crianças ansiosas. Há, da parte delas, uma necessidade muito forte de encontrar alguém que possam confiar e tentar compreender o que estão sentindo. Na fase escolar existem situações causadoras de ansiedade para as crianças, principalmente as situações novas, inexistentes na vida familiar. Ao chegar à escola, a criança vai encontrar uma realidade diferente da sua, um mundo desconhecido e estranho.

Segundo OOM (2008), o professor pode ajudar muito o aluno da seguinte forma: relaxar é a palavra-chave; acalmar é a obrigação; mostrar que aquilo que ela sente até é normal, apenas exagerado; conversar com a criança pode ajudar; estimular a autoestima é fundamental; respeitando a individualidade e o tempo de cada um.

Quando o educador se aproxima e tenta ajudar a entender o que está acontecendo, faz com que a criança se sinta segura e protegida. O papel dos pais também é de grande importância, podendo ajudá-los demonstrando confiança pela escola, cumprindo a promessa de buscar ou de esperar a criança no local combinado, dando espaço para a criança contar tudo sobre

seu dia na escola. Prestar atenção como estão cobrando os rendimentos escolares, pois a ansiedade interfere no desempenho da criança.

Educadores, WEISS, (2010, p. 171), devem agir com disciplina constante e com muita coerência em suas ações, atualmente estão transformando as crianças em pequenos estressados. Cada vez mais cedo, elas assumem responsabilidades, disputam a melhor posição em qualquer atividade e correm atrás de múltiplas competências. Esquecendo que elas deveriam brincar mais, dormir mais e se preocupar menos. A sociedade está cada vez mais exigente, onde as crianças estão sendo cobradas pela perfeição, não podendo errar e ter que ser o melhor em tudo.

Com isso fazendo com que "pulem" etapas preciosas da vida, as quais são de grande importância para seu desenvolvimento emocional como: brincar, passear, divertir, para quando se transformarem em adultos, esteja preparado para enfrentarem essa sociedade tantas responsabilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ansiedade é uma reação natural do organismo, ou seja, um extinto desenvolvido de sobrevivência para que o ser humano reaja diante do perigo. Porém quando excede o nível de normalidade gera grande desconforto em algumas situações da vida do indivíduo

A competição e a realização individual, excessivamente valorizada nos dias atuais, podem dar origem à ansiedade social. Neste contexto, as pessoas desenvolvem atitudes que atendem às expectativas de outrem para que possam ser aceitos, sob pena de serem rejeitados ou desvalorizados. O medo do fracasso, da punição e ridicularização dificultavam iniciativas de exposição e, portanto, impediam novas experiências que mudassem a aprendizagem estabelecida anteriormente.

No meio escolar estes transtornos têm afetado inúmeros indivíduos. Em decorrência disso, o desempenho acadêmico é baixo, há uma maior reincidência em reprovações, dúvidas quanto à escolha profissional ou até mesmo a desistência dos estudos. Cada indivíduo é distinto e, por isso, é

importante que estes indivíduos busquem ajuda, buscar o autoconhecimento, aprendendo, descobrindo ou elaborando técnicas próprias de combate a este sintoma às vezes inconveniente, mas natural, para que frente a uma situação de estresse o nível de ansiedade apresentado não seja prejudicial em suas vidas.

É preciso aceitá-la e aprender a controlar os seus sintomas. Quem sofre de ansiedade generalizada, antecipa acontecimentos que não estão ocorrendo no momento e que não é certo que venham a ocorrer no futuro. É importante concentrar-se no presente e tomar consciência do próprio corpo. Procurar sentir os pés firmes no chão, observar a respiração, corrigir a postura, posicionando-se mais firmemente, tudo isso pode ajudar no momento em que ela aparece.

Mais em longo prazo, praticar regularmente exercícios físicos, aprender práticas de relaxamento e guardar um tempo para fazer o que gosta como estar perto de pessoas queridas, é muito importante. Quando praticamos exercícios físicos, nosso organismo produz substâncias que são responsáveis pela sensação de prazer.

Há vários tipos de transtornos e que cada pessoa reage de uma forma diferente a eles. Assim, não existe uma fórmula única e generalizada que resolva o problema. Algumas estratégias foram apresentadas neste artigo para tentar diminuir os impactos decorrentes destes problemas.

Contudo, há uma grande necessidade de continuidade da discussão nesse campo. Apesar dos avanços nas pesquisas em neurociência e no tratamento da ansiedade, ainda existe muito a ser explorado.

REFERÊNCIAS

ARGIS, Regina et al. Ansiedade. Revista de Psiquiatria, Rio Grande do Sul, v. 25, n. 1, s/p., abr. 2003. Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=181&sec=96>. Acesso em: 3 de abril de 2017.

BARLOW, David H; DURAND, Vicent Mark. Psicopatologia: uma abordagem integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BRANDÃO, Marcus Lira, GRAEFF, Frederico Guilherme. Neurobiologia das doenças mentais. 3. ed. São Paulo: Lemos Editorial, 1996.

CASTILHO, Ana Regina G. L. Transtornos de ansiedade. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, 2000.

CHAGAS, E.P.C. Educação informal - a percepção das mães frente ao desenvolvimento dos filhos. In: V Colóquio internacional de educação e contemporaneidade. São Paulo, 2011.

D AVILA, Geruza Tavares, SOARES, Dulce Helena Penna. Vestibular: Fatores Geradores de Ansiedade na Cena da Prova f. Revista Brasileira de Orientação Profissional. v.4 n.1-2 São Paulo dez. 2003.

DANIELSKI, V. Ansiedade - por que as crianças se sentem sufocadas? São Paulo: Ave-Maria, 2003.

DUARTE, Ângela Maria Menezes, OLIVEIRA Maria Aparecida. Controle de respostas de ansiedade. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Cidade, v. 6, n 2, 2004.

ESPERIDIÃO, Antonio Vanderson; COLOMBO, Marilia Majeski; MONTEVERDE, Diana Toledo; MARTINS, Glaciele Moraes; FERNANDES, Juliana José; ASSIS, Marjorie Bauchiglioni;

BATISTA, Rodrigo Siqueira. Neurobiologia das emoções. Revista de Psiquiatria Clínica, São Paulo. v.35, n.2, 2008.

FREEMAM, Daniel; FREEMAM, Jasson. Ansiedade: o que é, os principais transtornos e como tratar. Porto Alegre: L&PM, 2015.

FREUD, Sigmund. Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GARCIA, J.W. Manual de dificuldade de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: L&PM, 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. Fundamentos da metodologia científica. 6. ed.

LIPP, Marilda E. Novaes. (org). Crianças estressadas - causas, sintomas e soluções. São Paulo: Papyrus, 2005.

MAROT, Rodrigo. Psicosite, 2004. Disponível na internet via WWW URL: <http://www.psicosite.com.br/tra/ans/ansiedade.htm>. São Paulo: Atlas, 2001.

OOM, Paulo. Doenças mentais em crianças. Revista Pais e Filhos, São Paulo, n.3, p.24, ago. 2007.

PATTO, M. H. S. (2000a). Para escrever uma história da psicologia. In *Seminário de Historiografia da Psicologia, 1*, (pp. 81-96). São Paulo: GEHPAI/FAPESP.

PEREIRA, Lara Alexandra dos Santos Morbey Ramos. Efeito de técnicas de relaxamento no estado e traço de ansiedade numa amostra de estudantes de ciências policiais e segurança interna. Lisboa, 2008. Tese, (mestrado de Psicologia). Universidade de Lisboa.

SALVADOR, César Coll. Psicologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SANCHES, Laura. Ansiedade: viver no futuro. Zen Energy. Janeiro, 2010.

ZIMERMAN, David E. Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. A avaliação e a instituição escolar. In: BOSSA, Nadia Aparecida; OLIVEIRA, Vera Barros de (Orgs.)

Avaliação psicopedagógica de criança de 7 a 11 anos. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 166-173.

WINNICOTT, Donald. A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

**- ARLINDA E ROZINER: UM PARALELO ENTRE DUAS POETAS DO VALE
DO ARAGUAIA (Mariel Alves Ferreira)**

ARLINDA E ROZINER: UM PARALELO ENTRE DUAS POETAS DO VALE DO ARAGUAIA

Mariel Alves Ferreira

Monografia apresentada junto ao departamento de Letras/UFMT, como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Letras – Habilitação em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Adenil Costa Claro

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e minha família.

Em especial agradeço à “Maria de Jesus, Rubens e Evaldo” que foram minha rochadurante todo esse curso.

A comunidade escolar “Couto Magalhães”, Campinápolis, famílias, alunos, funcionários e professores.

Ao meu orientador Adenil Costa Claro pela dedicação e tempo a mim dispensado. Agradeço aos meus colegas de trabalho e à “Turma do Fundão”, em especial a Ilene, Michel e Ieda pelo apoio, compreensão e paciência a mim dispensados.

DEDICATÓRIA

À Maria de Jesus (mãe), Evaldo Alves, Rubens Cardoso, Ilene Shwarts e Luciene, sem os quais nada disso estaria acontecendo, por terem me amparado, apoiado e incentivado nos momentos cruciais dessa jornada.

FUGINDO DO MEU OLHAR

Bateu as asas e voou meio sem jeito
Pelo ar, no horizonte se perdeu
Foi parar no céu

Quantas vezes eu te vi
Queria te dizer
O quanto fico feliz em te ver

Na areia fiz meu castelo
Mas tudo num instante desabou
Você partiu sorrindo
Somente lembranças deixou

O dia morreu e o sol se perdeu
Mas chegou uma linda noite de luar
E meu pobre coração de novo voltou a sonhar

(ALMEIDA, Daniela Borges de. TUDO POR ARAGARÇAS. 2006. p. 21.)

RESUMO

Este estudo está fundamentado na pesquisa bibliográfica/histórica e em análises de textos, cujo o objetivo é apresentar e entender melhor as criações literárias de duas poetisas do Vale do Araguaia mato-grossense, Arlinda Pessoa Morbeck e Roziner Guimarães. A compreensão das poesias dessas escritoras é de suma importância ideológica no sentido de fazer menção à importância de ambas para a literatura de Mato Grosso, como também de divulgar obras que retratam a alma da mulher, como ela se relaciona com as dificuldades cotidianas e as belezas desse Estado que ainda é considerado mítico no panorama nacional.

Palavras-chave: Poetas. Poesias. Mulher. Mato Grosso.

ABSTRACT

This study is based on bibliographic/historical research and on text analysis, whose objective is to present and better understand the literary creations of two poets from Vale do Araguaia in Mato Grosso, Arlinda Pessoa Morbeck and Roziner Guimarães. Understanding the poetry of these writers is of paramount ideological importance in the sense of making mention of the importance of both for the literature of Mato Grosso, as well as disseminating works that portray the woman's soul, how she relates to everyday difficulties and beauties of this State that is still considered mythical in the national panorama.

Keywords: Poets. Poetry. Woman. Mato Grosso.

1 INTRODUÇÃO

A poesia brasileira se constrói junto à história e desenvolvimento do país. Em Mato Grosso, a poesia se funde ao desenvolvimento das cidades mais importantes, dando destaque aos poetas locais com suas culturas, crenças e valores.

O estudo parte do interesse em conhecer melhor a obra de duas poetisas que muito contribuíram para a literatura e história mato-grossense. Logo, questiona-se Roziner e Arlinda, que relação há entre essas duas poetisas?

Diante deste questionamento, objetivou-se realizar um estudo sobre as poesias dessas duas escritoras que viveram no Vale do Araguaia mato-grossense em épocas diferentes, já que mais ou menos 40 anos separam uma escritora da outra, fator considerado até aqui sem importância, já que para o pesquisador há algo em comum entre elas, assim como à todas as mulheres.

Logo, justifica-se a pesquisa, visto que para o pesquisador há um ponto, um lugar em que todos os poemas, todas as poesias, todas as canções se encontram, assim como o dia e a noite. Então, apoiado nesta base que somente sonhadores conseguem andar, é que se deu a organização desse paralelo maravilhoso entre duas artistas de épocas diferentes, mas, que conhecem o amor a vida e a luta que se gera para sobreviver e amar, e as formas de se colocar no papel nas mais variadas inversões que a poesia se dispõe.

A seguir encontrarão Arlinda e Roziner, apresentadas como artistas, e, mulheres, amantes e amadas, mas, também na condição abandono e desprezo que somente um poeta pode explicar. É daquela forma que muitos homens não compreendem, mas, se admiram e se encantam com suas peculiaridades e formas expressivas.

2 DUAS BIOGRAFIAS

Arlinda Pessoa Morbeck nasceu em Salvador – BA, no ano de 1889, casou-se com Jose Morbeck e veio às plagas de Mato Grosso fixando residência, inicialmente, em Cuiabá, onde viveram de 1911 a 1916. Tornaram a mudar, indo para Araguaiana – MT, cidade na qual residiram entre 1916 a 1924, quando novamente transferem-se para Alto Araguaia onde permanecem até 1940. Mudam-se para Valparaiso-SP, onde residiram até o seu falecimento em 1961.

Arlinda dedicou toda sua vida ao magistério, deixando uma extensa publicação literária entre poesias e crônicas, sistematizadas em 18 volumes. O único livro publicado é uma coletânea de poesias, publicadas por Valdon Varjão, hoje raro, intitulado poesias. Alguns de seus poemas podem ser encontrados no livro “História da Literatura de Mato Grosso” de Hilda Gomes Dutra Magalhães.

Roziner Guimarães, mãe, professora e romancista, nascida em Ituiutaba – MG. Possui um livro já publicado, Constância, e, outros aguardando publicação. Autora de diversos poemas inseridos nos livros “Café Filosófico das Quatro” e “Poesia do Brasil”.

Atualmente, reside em Barra do Garças e ministra aulas na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT – Campus Pontal do Araguaia e também na Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT – Campus Nova Xavantina.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O MOVIMENTO ROMANCISTA

O Romantismo foi um movimento literário que de forma estética e cultural veio revolucionar a sociedade nos séculos XVIII e XIX, carregada de valores clássicos e apresentando à mesma o advento da modernidade nas artes.

As obras românticas traziam em seu contexto valores da burguesia, classe social que substituíra a elite absolutista em diversos países. Foi um dos maiores movimentos de arte do século XVIII e XIX, compondo-se de centenas de autores entre os quais destacam-se os escritores: Goethe, da Alemanha; Lord Byron, da Inglaterra; Camilo Castelo Branco e Almeida Garret, de Portugal; Victor Hugo, da França; Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves e José de Alencar, do Brasil.

Em cada país o movimento romancista teve suas particularidades. Contudo, pode-se identificar alguns mais comuns em locais distintos onde se desenvolveram essa estética, a saber:

- Egocentrismo (o indivíduo é encarado como o centro do mundo);
- Sentimentalismo exacerbado;
- Nacionalismo;
- Idealização do amor e da mulher;
- Tom depressivo (típico dos autores romancistas. Exaltam a fuga da realidade, seja pela morte, seja pelo sonho ou ainda pela própria arte).

O movimento romancista apostou em três tendências também conhecidas como as fases dessa arte:

Romantismo ultra sentimental, composto por obras que apresentam um forte sentimentalismo, em geral depressivo, exaltando a morte ou a loucura como fugas de uma realidade desastrosa. No Brasil, Álvares de Azevedo seguiu essa tendência romântica.

Romantismo social, o qual teve como destaque o escritor francês Victor Hugo, marcando essa vertente caracterizada por representar a miséria do povo e denunciar as mazelas sociais que marginaliza a sociedade.

Romantismo nacionalista, ainda sob influência de Victor Hugo, nos séculos XVIII e XIX, vários autores construíram obras com forte tom nacionalista. No Brasil foi marcado pelo movimento indianista brasileiro, destacando os autores Gonçalves Dias e José de Alencar.

No Brasil o movimento romântico teve como marco inicial com a publicação do livro *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, em 1836. Na poesia, é possível identificar ao menos três gerações do Romantismo brasileiro: os indianistas, os ultrarromânticos e os condoreiros. Já na prosa, José de Alencar foi o principal escritor, e suas obras retratam a sociedade brasileira em seus ambientes urbanos, rurais ou ainda mitológicos, os quais buscam descrever o mito da criação do povo brasileiro na mistura entre índios e europeus.

4 ARLINDA E ROZINER

4.1 SOBRE OS TÍTULOS DOS POEMAS DAS POETAS

Primeira situação e que sobressai sobremaneira, até aos mais desatentos, é a titulação dos poemas. Enquanto que há textos sem título na poética de Arlinda e os que possuem nomes, como exemplo: *O Trinado do sabia*; *desalento*; *Despedida*; *Tudo passa*, que nos remetem aos títulos dos trabalhos literários do período romântico brasileiro, como *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, *Suspiros Poéticos e Saudades* de Domingos José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaia), *As Primaveras* de Casimiro de Abreu, e *Cantos e Fantasias* de Fagundes Varela.

Roziner já titula seus poemas de maneira forte, provocativa. É expansiva e dinâmica ao se expressar poeticamente, pois nos títulos já sentimos o clima contemporâneo do poema, apresentando-o não apenas como um poema, mas

também uma forma de protesto, de alerta. E nessa titulação particular sentimos seus "quereres" e "desquereres".

As vezes de forma objetiva, outras subjetivamente como se observa em: "Ainda assim" que nos sugestiona ao pensamento de que "apesar das desavenças, ou "intrepitudes do cotidiano", ainda assim devemos continuar nossa luta, nosso caminho, ou tentando entender o mistério, se e que há mistério, que na sua própria objetividade de título já dia dos mistérios e segredos do viver e sobreviver, que apesar de tudo parece que não é mistério, simplesmente é nosso cotidiano e das experiências que adquirimos com nossas observações e ponderações sobre o conviver em sociedade e a coragem de poucos em apresentar isso de maneira poética.

Apresentando-o não apenas como um poema, mas também como uma forma de protesto, de alerta. E, nessa titulação particular, sentimos seus "quereres" e "desquereres", às vezes de forma objetiva, outras subjetivamente como se observa em: "AINDA ASSIM" que nos sugestiona ao pensamento de que "apesar das desavenças, ou "intrepitudes" do cotidiano", ainda assim devemos continuar nossa luta, nosso caminho.

Já nos de Arlinda encontramos uma situação de época, de pudores, onde ela apresenta suas ideias, de maneira simples, casual, com uma objetividade muito sutil, refletindo e demonstrando isso ao tempo que o espaço a mulher tinha limites vários, como se no início do século XX. E isso vemos nos seus títulos "O Trinado do Sabiá", "Meus Desejos", "Dúvida", "Não sei...", "Despedida", "Desalento" e "Não me amas!".

4.2 AS PORTAS SE APRESENTAM

Interessante notar a forma em que Roziner e Arlinda se apresentam poetas, enquanto Roziner se declara o tempo todo poeta, como pode se observar em "COÁGULOS", título que se destaca, assim como o próprio poema, que se encontra transcrito abaixo, apresentando os momentos de identificação da mesma.

Nesse texto a escritora declara-se poeta e poeta da der, das dores, dos estragos que a vida nos faz (em **negrito**) e a que chamamos "lições de vida" e que juntamos tudo em uma como "enciclopédia de viver", transformada em literatura poética por ela:

COÁGULOS

*Se sou poeta de dor Foi porque, um dia
A poesia me estuprou E do coite nasceram Os meus lamentos
Que se achando poderosos Derramaram lágrimas em meus versos.
Não sou triste.
Triste é a vida Que me fez porta!
(CONSTÂNCIA, 1999, p. 121)*

Há diversos poemas que Roziner declara-se escritora e sentimos a presença marcante da mesma. Para apresentar essa faceta utilize o "PURA (IN)SIGNIFICANCIA", (transcrito abaixo com, também trechos em **negrito** para melhor compreensão do que é apresentado), nesse, como em tantos outros, há uma constante no uso do jogo de palavras, do trocadilho, fazendo um trabalho do insignificante ao significante, como ela mesma diz, escrevendo sobre si mesma, como já respondendo a quem ler que mesmo que seja comum a todos, mas para alguém é bem mais que um escrever comum, é a síntese de um viver, e para isso deve-se ter sensibilidade para com o incomum, com o inusitado, ter sensibilidade de poeta para compreender o que se diz quando não se diz, simplesmente subjetiva-se. Assim é a poeta em sua forma literária:

PURA (IN) SIGNIFICANCIA

*Fui desbotando o ontem Nas ilusórias rimas
De meus caóticos versos, Só palavras colhi.
Depois do ontem desbotado Quis dar ao presente
Uma nova tonalidade
Muito mais que palavras colhi. Sem passado
Com presente Encontrei as palavras Para me definir.
(CONSTÂNCIA, 1999, p. 120)*

Em "ESSA FALTA DE JEITO É POESIA", Roziner apresenta já no título uma forma objetiva de falar sobre seu trabalho, sua forma poética. Ela vai direto "ao assunto" e o apresenta no poema de formas simples como se escrevesse uma observação sobre de como se escrever sua poesia.

ESSA FALTA DE JEITO E POESIA

*Das coisas sem palavras Nasce a necessidade
De um rumor capaz de ser grito No momento exato do eco.
Se se mistura a fantasia,
À dor, ao desassossego, à orgia, Tudo é motivo
Ou desmotivo Para se gritar.
E o grito deve ser forte,
Apavorante, como apavorantes são os sentimentos Que o fizeram
nascer.
Se se cala
Diante de tanta atrocidade, A voz enjaulada
É dilacerada pela garganta faminta E o que resta
É só silêncio... e poesia, Essa porta-voz,
Daqueles que perderam a voz.(CONSTÂNCIA, 1999, p. 87)*

Um outro momento em que Roziner fala sobre si, vemos em "SOMBRA", quando ela se apresenta retraída, saudosa, observadora, carente, abandonada do mundo, mundo real, pois ela se encontra totalmente adaptada ao mundo subjetivo e discreto que lhe é a fonte de sua inspiração como podemos compreender no poema abaixo e os pontos marcantes em negrito maiúsculo:

SOMBRA

*Meu reflexo na parede OBSERVAÇÃO
Fala de um artista em silêncio: OBSERVAÇÃO Nas mãos, o clamor
de um abraço CARÊNCIA Nos olhos, lembranças inquietantes...
SAUDADE
Sou toda POEMA, INSPIRAÇÃO, MUNDO SUBJETIVO
Nessa merda de mundo sujo! FUGA DO MUNDO REAL Faço das
palavras silêncio, o ideal de vida OBSERVAÇÃO Em idas e voltas
Pelos labirintos do meu ser. RETRAIMENTO Nos dedos trêmulos,
Trago um cigarro, LEMBRANÇAS Fumado, queimado, SAUDADE,
FIM
Solitário, em silêncio. CARÊNCIA, SAUDADE
É que me refúgio nos versos FUGA DO MUNDO REAL Para não ser
roída em vida MUNDO REAL
Pelos vermes. MUNDO REAL (CONSTANCIA, 1999, p.89.)*

Com "EM CHAMAS", transcrito abaixo, Roziner "dá um tapa" no cidadão comum que nada faz perante as circunstâncias da vida. E o próprio título já sugere algo forte "quente" que nos arremete situação do fogo que é dinâmico e expansivo e a tudo abraça com seu abraço quente e devastador, e há, para o observador mais atento, uma situação de inversão de palavras (EM, preposição se transforma em ME, pronome do caso oblíquo), que podemos compreender da seguinte maneira: ME CHAMAS, deixando simplesmente de ser preposição

(EM) e substantivo plural (CHAMAS) relativo a fogo, passando a "ME CHAMAS", pronome do caso obliquo e 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo chamar e assim, ME CHAMAS, também faz jus ao poema, pois o mesmo é um chamado. Alguém ou alguma coisa chama. Assim é "EM CHAMAS" que em momento algum fala em fogo, exceção ao título, mas são versos que atizam a compreensão, faz um chamado, e o poema é isso: um chamado a vida.

EM CHAMAS

*Pela janela aberta Vejo retalhos de vida...Não sou nada!
Tudo é escuridão Cobrindo os meus passos...Se canto,
Canto dor em poesia, Canção vazia, vadia, Caminhando lerda No
ouvido surdo, Nos lábios calados, Nos braços cruzados
Do cidadão indiferença.E canto!
Canto antes que cheguem outros, Tantos outros loucos como eu, Em
busca de meus sonhos. (CONSTÂNCIA, 1999, p. 93.)*

Já Arlinda é tímida e intimista ao se apresentar poeta, ela simplesmente fala em um de seus poemas, constituído em três quadras que possui um "precioso relicário dos meus sonhos" onde faz anotações sobre seus sentimentos, como se observa em negrito e itálico na transcrição, logo abaixo. Nesse trabalho Arlinda se diz escritora.

Automaticamente se observa que o mesmo não possui título, já apresentando a artista em sua maneira singular de escrever. Um outro ponto marcante também na artista é o uso de iniciais maiúsculas em palavras comuns que se situam no meio dos versos e essa situação se encontra em grande parte de seu trabalho literário. O porquê disso não sei, talvez uma forma de identificação dos mesmos como de sua autoria.

Nos momentos em destaque (negrito) observa-se os seus momentos intimistas de apresentação como escritora de poemas:

*Não é vaidade, é um desejo enorme somente, Que tenho de te ver
encadernado
Meu fiel companheiro,
confidente dos meus segredos! Oh!... Meu livro amado!
Quantas vezes meus dias tristonhos suavizaste com teu meigo
encanto?Precioso relicário dos meus sonhos.*

que contém os mistérios do meu pranto! Quantas vezes chorando eu te escrevia deixando nas tuas páginas a confissão da amargura cruel que padecia no deserto de minha solidão?!...

(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, 2001, p. 81)

4.3 AO AMOR, EM POESIA

Quanto à dinâmica de Arlinda, que existe, mas de uma maneira bem peculiar, pois todos seus poemas são dedicados a uma única pessoa, seu marido, a baiana é totalmente dinâmica quando fala de seu amor por esse homem como observamos no poema transcrito abaixo.

A artista romântica e do romantismo, como se vê logo a seguir, quando enaltece e dignifica seu relacionamento, tornando-o quase um amor juvenil e eterno com "Morbeck". A escritora fala de "beijos brandos", os quais eram assistidos por sabiás, o que denota o amor romântico, pueril, doce e singelo daquele tempo. Também podemos observar sua verve romântica comparando este trabalho com o de Gonçalves Dias transcrito mais abaixo com as semelhanças enumeradas e os versos que se assemelham em negrito quando enaltece a situação de amante e amada.

O TRINADO DO SABIA¹

Escutávamos o cantar melodioso¹ do louro sabiá no arvoredado, ¹ do rumor do ribeiro vaporoso² o sabiá não demonstrava medo!

O sabiá trinava e repetia¹ sua amena canção muito saudosa, ³ depois, para o palmeiral fugia olhando o brilhar da luz esplendorosa!

Sentados no banquinho de madeira
debaixo do jameiro, entrelaçados contemplávamos a planície tão fagueira² nos beijávamos, brandamente, apaixonados!

A música dos nossos beijos escutava o sabiá parando de cantar,
nos esquecíamos que o sabiá ali estava escutando nos dois a beijar!

(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, 2001, p. 83)

CANÇÃO DO EXILIO³

Minha terra tem palmeiras. ⁴

Onde canta o Sabiá; ¹

As aves que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá.

*Nosso céu tem mais estrelas, ⁵ Nossas várzeas tem mais flores²
Nossos bosques tem mais vida, ²Nossa vida mais amores.*

*Minha terra tem primores. Que tais não encontro eu cá; Em cismar -
sozinho à noite -⁵ Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem
palmeiras,⁴ Onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte pra lá; ³
Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá;*

*Sem "qu'inda" aviste as palmeiras,³⁴
Onde canta o Sabiá.¹*

(Gonçalves Dias in.: Alguma Poesia)

Roziner já se apresenta apaixonada de maneira atual, o que caracteriza a modernização, a independência da mulher nos dias de hoje. E isto é característica marcante desta escritora contrapondo com a forma literária de Arlinda. Interessante notarmos que "os envergonhamentos" (as vergonhas) se tornaram coisa do passado de uma época de devaneios e amores sonhadores. No poema a seguir, escrito de forma direta e objetiva temos de maneira bem moderna e explicitada na arte literária de Roziner "o entregar ao amor, a paixão" muito bem expresso, como se observa nos versos em negrito.

PURALINGUAGEM

*Beijos Abraços Sussurros
E olhares despudorados Nossos corpos liam Esses códigos e sinais
E os traduziam Em êxtase
E nós nos entregávamos Um ao outro
Como fera e domador.
Não sei quem domava quem, Porque não havia vencedor... Na arena,
éramos dois
Em um só corpo e desejo,
Éramos a pura linguagem do amor.
(POESIA DO BRASIL. vol.6, p. 295)*

O que chama a atenção em Arlinda é a maneira que descreve em forma poética que descreve como se fosse um diário de vida todo seu enlace, vivência e desenlace com "Morbeck" (seu esposo). Configurando uma apresentação e o começo do amor desse homem por ela, passando pela indiferença e distanciamento até chegar ao fim. Todo o trabalho poético de Arlinda começa apresentando o envolvimento amoroso, a paixão, como se vê em "MEUS DESEJOS" (que se encontra transcrito logo abaixo e em negrito os pontos de realce da paixão) e em "O TRINADO DO SABIA" já lido acima e novamente

apresentado abaixo fragmentos que realçam a paixão e o amor do casal Morbeck.

O TRINADO DO SABIA

*Escutávamos o cantar melodioso Sentados no banquinho de madeira
debaixo do jambeiro, entrelaçados contemplávamos a planície tão
fagueira*

nos beijávamos, brandamente, apaixonados!

A música dos nossos beijos escutavao sabiá varando de cantar.

nós esquecíamos que o sabiá ali estavaescutando nós dois a beijar!

(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO. 2001, p. 83)

MEUS DESEJOS

*Quisera acompanhar-te nos caminhos, seguir-te a todo instante e a
qualquer hora,ouvirmos ao surgir a luz da aurora,*

*o melífluo trinar dos passarinhos.vagamos pela estrada da Ventura,
sem mágoas, sem martírios, sem espinhos! Quisera nas florestas
seculares,*

afrontar o gentio, astuto, esperto...

mostrar-lhe à tua frente o peito aberto,sacrificar a vida por teus males.

sorrir ante o furor de sua seta

animar-me ao clarão dos teus olhares!...

(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, 2001, p. 82)

Nesse momento, quando se lê estes poemas "O TRINADO DO SABIA", "MEUS DESEJOS" e "PURA LINGUAGEM", acontece um dos pontos de paralelismo entre as duas autoras e é como se fossem uma só, como se houvesse um pré-acordo entre ambas, como professoras dividindo o conteúdo para melhor assimilação pelo alunato, no qual uma apresenta a paixão e a outra explica como os apaixonados procedem. Cada uma a sua maneira, à sua época como se observa nos versos em negrito dos três poemas.

4.4 O AMOR FRAGMENTADO

Quando Arlinda escreve os sonetos "DÚVIDA" e "NÃO SEL..." logo abaixo, falando de um talvez possível abandono do ser amado por ela (em negrito no poema). no qual questiona o sentimento do amado (marcado com i ao início e ao fim do verso).

DÚVIDA

i Tens saudades de mim quando ausentas ii para distante ou qualquer lugar? i
Não acreditas que fico a suspirar
nestas angústias que me definham lentas?

i A dúvida me acompanha o Pensamento. i que foge de mim e vai te procurar i
na incerteza de contigo se encontrar porque deves estar feliz nesse momento!

i Tens saudades de mim que, aqui, lamento i sua ausência que me tortura o coração i escondido no meu castelo de ilusão

A vida é uma quimera, os dias passam, o coração que ama game aflita
i tens saudades de mim?... Não acredito! i
(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, 2001, p. 85)

NÃO SEI ...
i Não sei quando chegares que dizer-te, ii fitando teu misterioso olhar!
i
Não sei se digo que não sei mais querer-te,
Não sei se devo o Passado recordar!

O silencio será meu conselheiro, meu coração pulsará com languidez
i pois o meu triste e pobre companheiro ii vive comigo a soluçar. Não crês? I

Vem! Estou ansioso te esperando. não sei dizer-te o que estou passando a Ingratidão roubou minha alegria!

Não sei dizer-te o que estou passando não te direi se ainda estou te amando. levaste o meu amor naquele dia!!...
(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO. 2001. b. 86)

Roziner já é mais conclusiva e apresenta em "METADE" que a separação já ocorreu, não há floreios, nem contornos. E direta e objetiva. Como se observa na transcrição abaixo com destaque em negrito para os pontos que apresentam isso. E sonhos e ilusões apenas significam uma fuga a essa realidade, observamos isso nos versos demarcados entre si.

METADE

*Somos sempre metade...
às vezes uma metade sem razão de ser.*

Hoje sou metade ...
Você é metade ... mas nossas metades não tem explicação.

Que fiz eu para que se fosse ii sem explicação? i
i Por acaso não quis também eu i i viver nossos momentos? I

i Se éramos dois a querer, ii O que houve então? i
i Medo? i
Não creio não!

Vai me dizer que nunca foi poeta?
i Vai me dizer que nunca brincou com a solidão?

*i É tarde... com você ficará apenas a saudade ii do que
poderia ter sido... i*
i e não foi! i

i De que adianta agora tanta interrogação? i
No primeiro verso, você se afastou...
i Nem tempo tive para compor a poesia de nós em nós a
sós. i

i Por que tirou a fantasia, i
i antes que o baile terminasse? I

Você não deu tempo nem de eu me vestir para me
desnudar...

É tarde...

i E eu fico sem entender i
i o porque da interrogação. i
(POETAS DO CAFÉ, 2006, vol. 2. p. 93-94)

Ao lermos esses três poemas percebemos um outro paralelo entre Arlinda e Roziner, no qual Arlinda fala sobre seus problemas amorosos c o afastamento do ser que sempre se mantém ausente. E Roziner, séria e solícita, explica de forma poética toda essa situação de amar e ser ou não correspondida, de relacionamento de que se acaba, como parte amputada de nós que tragicamente morre, tornando-nos todos metade, e metade sem a outra metade, mas é nessa nossa metade é que nos completamos com solidão.

4.5 O FIM DE UMA PAIXÃO

Em "DESPEDIDA", percebemos a paixão de Arlinda por seu esposo, na verdade esse soneto apresenta pontos da convivência do casal Morbeck como pode se ver transcrito logo abaixo e em negrito os pontos que definem isso. E no último verso, sentimos em Arlinda, já o pressentimento que algo não ia bem, que o fim poderia acontecer, que aquela despedida relatada em forma poética como vemos, significava muito mais que uma simples despedida, havia algo mais no poema e no choro da poeta tão bem descrito poeticamente.

DESPEDIDA

*Naquela tarde fria de novembro, **tu me apertaste ao teu coração. eu soluçava em extrema comoção***
não choravas também, eu bem me lembro!

Cal nos teus braços soluçando.era imensa tua lívida emoção.
afagavas meus cabelos e me dizias: Não chores mais, vou e voltarei te amando. -

Beije tua mão que estava quente.
beije tens lábios com o coração frementeminhas lágrimas me traíram enfim!

Oh! ... Dizias não te entregues ao teu pranto, não crês como eu te adoro amo tanto"
Sim, vai, mas não te esqueças de mim!?
(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, p.84)

A situação do "algo" do poema acima (Despedida), temos a confirmação no soneto DÚVIDA", onde a artista reconhece o fim da paixão do ser amado por ela. do amor de Morbeck. como se vê poeticamente expresso abaixo (destacados com *ii* estes pontos). Também em outros trabalhos observamos essa certeza como em "DESALENTO", "TUDO PASSA" ou "NAO ME AMAS!", (transcritos abaixo com os itens que levam a compreensão do fim em negrito).

DÚVIDA

Tens saudades de mim quando se ausentas para distante ou qualquer lugar?
1 Não acreditas que fico a suspirar i nestas angústias que me definham lentas?

A dúvida me acompanha o Pensamento. que foge de mim e vai de procurar
i na incerteza de contigo encontrar i
i porque deves estar feliz nesse momento! I

Tens saudades de mim que, aqui, lamento tua ausência que me tortura o coração escondido no meu castelo de Ilusão!

A vida é uma quimera, os dias passam, o coração que ama geme aflito!...

i Tens saudades de mim?... Não acredito! i
(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, 2001. p. 85)
DESALENTO

*Se é pecado, meu Deus, eu amar tanto
a alguém que me contempla com desdém. sinto meu infeliz coração
padecer no pranto
da desventura de um amor que torturar-me minha alma vem! Perdoai
este meu grande pecado,
que suplica minh'alma amargurada! Perdoai! ... Eu vos peço contrita,
ajoelhada, deixai-me cumprir os rigores do meu fado!*

*Um sigilo me atordoia o pensamento. na sensação do meu
padecimento. no delírio de minha comoção! perdoai, meu Deus!... Se
amo tanto!
e não posso conter o martírio de meu pranto que traz a Dúvida no meu
isolado coração!!*
(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, p. 85)

TUDO PASSA

*Quando fico muito tempo a meditar nos momentos felizes que gozei
quando teus olhares contemplei sentindo meu coração a palpitar!*

*Quero esquecer-te, não quero recordar,
essas horas agradáveis que passeidas quais jamais me esquecerei
e esta lembrança vem me atormentar!*

*Se fui feliz eu não posso acreditaros meus ideais vieram me acordar
no reagir de minhas comoções!*

*Minha Musa quis meu sonho acalentar No meu sonho procurou me
afirmar
Que tudo passa – a vida é uma ilusão!! ...*
(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, p. 89-90)

NÃO ME AMAS! ...

*Não queres me amar, não te obrigo
o amor é espontâneo, nasce no coração floresce no jardim de uma
ilusão
onde o Zéfiro é seu sincero amigo!*

***Não quero que sejas meu inimigo porque te amo e sofro com
emoção sentindo do teu olhar a recordação pois teu vulto atraente
está comigo!***

*O meu Segredo a ninguém eu digo
por minha senda escabrosa eu prossigo ele é meu vigoroso
companheiro*

*Ele me traz a doce ilusão de viver contigo embora não e queira, não
obrigo
o amor que nasce no coração é o único verdadeiro.*
(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, p. 88)

Roziner, também apresenta trabalhos onde desenvolve poeticamente a situação do fim de um amor, como podemos ver transcrito, logo abaixo em “MUNDO MINÚSCULO, MAIÚSCULO MUNDO”, que fala de uma solidão (ii), um encontro (xx), e novamente a solidão (yy), como se observa nos versos em negrito e na demarcação acima mencionada.

MUNDO MINÚSCULO, MAIÚSCULO MUNDO
i Venho de um mundo minúsculo mundo caos mundo obsessão
minúsculo mundo povoado por mim e meus luars de arremesso
e medo i
x olho em teus olhos cheios de ternura e louvo o instante
em que encontrei
mesclados de desejo e ansiedade...
Mundo maiúsculo mundo xy é hoje só saudade y
venho de um mundo minúsculo...olho em meus olhos
cheios de agonia e prantoy e sinto quão grandioso foi meu minúsculo
mundo maiúsculo. y
(POETAS DO CAFÉ vol. 2, p. 92)

4.6 UM NOVO AMOR?

Em Arlinda podemos notar a situação de um possível recomeço ao amor em "SEM NOME" transcrito abaixo e ressaltado estes momentos em negrito, talvez seja somente um poema, pois não temos como afirmar. Na verdade, este poema não possui título, o nome colocado, refere-se ao poema que é escrito logo em seguida, após essa inferência, e encontra-se na última linha do último parágrafo da página 90 do livro História da Literatura de Mato Grosso de Hilda Magalhães.

Nunca pensei que no
mundo, pudesse amar
outra vez,

pois meu coração está
coberto com o manto
da viuvez.

Mas um dia, escutei
palmas, bateram no
meu portão,

fui receber quem
chegava eram o
amor e a Ilusão!

Porque vieste aqui,
eu nunca te
convidei? e
aflita
Disso zangada e
és ousado, eu bem sei!

Venho rasgar
este manto que
cobre teu
coração,
pois sei que estás
ocultando um Amor,
uma Afeição!

(HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, p. 90-91)

Quanto ao um recomeço amoroso, percebemos no trabalho literário de Roziner, no poema "SINTONIA", logo abaixo transcrito, que é apresentado de uma forma rápida e tímida, nos versos em negrito.

SINTONIA

*As vozes que em mim calam
Anunciam o prenúncio de um novo
discurso...Silencioso.
Nele me
refaço
Revisito
minha dor E
aqueço a
saudade
De um tempo em que
éramos face a interface de
um diálogo, Muitas vezes
disfônico, Orgástico,
Na maioria das vezes,
monológico, Rouco
Sussurrado
Mas único e ternamente
ontológico, Transcendental
Pelo feito do eco de duas vozes em
rápida, Muito rápida sintonia.*
(POESIA DO BRASIL vol.6, p. 296)

E nesse momento o paralelo poético entre Arlinda e Roziner faz uma inversão de valores, com a primeira se expressando abertamente sobre um recomeço como vimos em "SEM NOME" e Roziner se apresentando bastante reservada quanto a isso em "SINTONIA". Para entender isso, apresento parte da autobiografia (abaixo) de Roziner, na qual ela fala dessa timidez, desse jeito meio reservado de ser como podemos notar nas partes destacadas em negrito.

Para resumo e compreensão do trabalho literário de Arlinda Morbeck, apresento um trecho lindo (logo abaixo) de Hilda Guimarães, ao se referir a ela.

*"... Sou manteiga derretida: choro ao ver um filme, ao ver alguém chorar, ao ver alguém sofrendo alguma injustiça. Extremamente perfeccionista. Mas nem um pouco perfeita. Aprendiz sempre! **Sou tímida. Arredia. Meio bicho do mato, talvez por isso, curto a solidão, mas não sou solitária. Tento "me virar sozinha". Dizem até que sou egoísta. O silêncio é o melhor companheiro: com ele aprendo e me educo.**"*

Roziner Guimarães in.: Poesia do Brasil, v. 6. p. 291

Arlinda canta o amor e a angústia e é através destes dois emblemas que consegue desvendar, com nenhum outro poeta de sua época, a alma feminina perdida em paixões, incertezas e desilusões. (HISTÓRIA DA LITERATURA DE MATO GROSSO, p. 91)

4,7 A PROPOSTA

Assim, esse trabalho trata dos sentimentos e emoções contidas e incontidas dessas duas artistas do nosso regional literário do Vale do Araguaia, expressividades poéticas tão bem trabalhadas e apresentadas de forma natural, cada uma à sua época, à sua maneira.

Sei que este trabalho não primou para quesitos como estrutura poética, compassos e ritmos poéticos e muito menos os tão conhecidos sistemas de metrificação que encontramos tão bem detalhados e explicitados em "VERSOS, SONS, RITMOS" da Norma Goldstein ou em "SOCIEDADE, EROTISMO E MITO" da doutora e professora Célia Maria. Também não foi detalhado níveis, rimas ou figuras de efeito sonoro. Pois neste trabalho a proposta é conhecer a

resposta feminina ao desenvolvimento do sentimento e da emoção perante as mais diversas situações em que o amor à vida nos propõe. E, essas duas poetisas, melhor que ninguém, nessa parte do Mato Grosso, mais conhecida como Vale dos Esquecidos, conseguem apresentar isso usando da simplicidade, da ousadia e do conhecimento pessoal do Eros poético que cada mulher carrega dentro de si.

5 CONCLUSÃO

MISTÉRIOS

*Que compreende a razão de sorrir,
Se todo o meu sorriso faz-se por você? Que incógnita envolve esse
mistério de amar,
Se o próprio amor não é mais que um bem querer?
Que gestos são mais que palavras,
Se nas palavras reside todo o entender? Que mistério há nas negras
noites caladas,
que porventura se refugiam nas manhãs ensolaradas?
(Poetas do Café v.2. Magalhães, Priscila; 2006. p.88)*

Como todo sonho bom que se acaba ao acordar, Arlinda e Roziner são assim, lindas, fugazes, fortes, ternas, fugidias, sinceras, amantes, mães, amigas. Maravilhosas mulheres, esplendidas poetisas que brincaram e brincam com papel e tinta e nos deixam enternecidos com suas formas de explicar o cotidiano, o inusitado. A dinâmica do viver e conviver.

Toda poesia tem um fio invisível que a liga a outra poesia, dessa forma, ela se torna universal sem sair de seu lugar. E foi assim que consegui organizar este trabalho, seguindo esse lindo fio invisível que une essas duas mulheres. A forma de segui-lo? Sensibilidade. Interessante notar, também, os dois poemas que coloquei para abrir e fechar este trabalho. O primeiro, conclama a noite e o segundo solicita a manhã. Assim, acredito que tenha sido o desenvolvimento: uma noite de sonhos e de todos os mistérios que a envolve...

REFERÊNCIAS

A POSIA DA VIDA. Disponível em: <https://apoesiadavida-blog.tumblr.com/>. Acesso em 2008.

BACCA, Ademir Antônio (org.); POESIA DO BRASIL, Proyecto Cultural Sur-Brasil, Grafite Editora, Bento Gonçalves-RS:. 2007. págs. 291-296.

BARBOSA, Osmar; GRAMÁTICA SIMPLIFICADA 2ed., EDIGRAF S.A. São Paulo: 1973.

_____. VERBOS 2ed., EDIGRAF S.A. São Paulo: 1973.

CAMPOS, Jader Cerqueira; CURSO DE GRAMÁTICA 4ed., Gráfica e Editora Agenda. Campina Grande-PB: 2006.

DINIZ, Zélia dos Santos; AGUIRRE, Rute Diniz de; Orgs. Concurso de Poesia Falada e Teatro "TUDO POR ARAGARÇAS". Gráfica Multicor, Barra do Garças-MT: 2006.

FILHO, Aires da Mata Machado; ESTUDOS DE LITERATURA, Gráfica Urupês S.A. São Paulo: 1969.

GOLDSTEIN, Norma; VERSOS, SONS, RITMOS 13ª ed., Série Princípios, Ática, São Paulo: 2000.

GONÇALVES DIAS, Antônio; Nova Enciclopédia BARSA, Melhoramentos. Rio de Janeiro: 1998. vol.: 07. págs.: 157-159.

GUIMARÃES, Roziner; CONSTÂNCIA, Fundação Jaime Câmara. Goiânia: 1999.

HERMMANN, Christina Magalhães; SCHAEFER, Edith Janete; Orgs. POETAS DO CAFÉ - Antologia de Poemas v. 2 - Café Filosófico "Das Quatro" COMUNIDADE

DO ORKUT, Grafite Ltda. Bento Gonçalves-RS: 2006. págs. 91-96.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra; História da Literatura de Mato Grosso Séc. XX. UnicenPublicações. Cuiabá: 2001.

MAZZAROTTO, Luiz Fernando; REDAÇÃO E GRAMÁTICA APLICADA

LITERATURA, DCL (Difusão Cultural do Livro). 1996.

MIGUEZ, José Mário Guedes; ARAGUAIA De Rondon ao Discoporto (Histórias de um pescador). Todos direitos reservados à José Mário Guedes Miguez, Barra do Garças- MT. 1996.

REIS, Célia Maria Domingues da Rocha; SOCIEDADE, EROTISMO E MITO: A Poética Temporal de Marilza Ribeiro, Cuiabá : Entrelinhas: EdUFMT, 2006.

ROMANTISMO; Nova Enciclopédia BARSÁ, Melhoramentos. Rio de Janeiro: 1998. vol.:12. págs.:455-459.

SANTOS, Luzia Oliva dos; LITERATURA HISTÓRIA O (re)encontro com o mito, Cáceres:ed. UNEMAT, 2005.

SCOTTINI, Alfredo (compilação); DUARTE, Madalena Parisi (revisão); DICIONÁRIO PORTUGUÊS – INGLÊS - PORTUGUÊS, RR Dornelley Moore (impressão e acabamento), TODOLIVRO. Blumenau: 1999.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira; HISTÓRIA DE MATO GROSSO, Entrelinhas. Cuiabá:2002. págs. 162-164.

VARJÃO, Valdon; O GARIMPEIRO Poemas, Encardenação Santa Edwirgem, Edição Cartório de 1º Ofício, Barra do Garças-MT. 1997. Produção artesanal.

**- AVALIAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL (Rafaela Lucília Silva
Bandeira)**

AVALIAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Rafaela Lucília Silva Bandeira

Projeto de Ensino apresentado ao Curso de Pedagogia da UNOPAR - Universidade Norte do Paraná, como atividade interdisciplinar em grupo do 8º Semestre de Pedagogia.

Unidade: Cuiabá

Tutor eletrônico: Mariana Claudia G Martins

Tutor de sala: Ivete de Queiroz Porto

“A Sociedade Brasileira precisa pensar os seus rumos e para isso é necessário aprender a fazer a avaliação de seus erros e, principalmente, dos limites e contradição que devem ser superados, além de assumir seus acertos referenciais. Faz-se necessário, antes de qualquer avaliação, que o professor se autoavalie, que ele se veja no seu tempo. (Almeida, 1995: 45).

RESUMO

Este estudo trata-se de uma análise sobre a avaliação com enfoque para a avaliação do Ensino Fundamental. O objetivo é registrar e divulgar as formas atuais de avaliação e questionar a validade educacional das mesmas para o cidadão/profissional do futuro. A reflexão requer considerações sobre os conceitos de cidadania, globalização e evolução socioculturais; pois serão os paradigmas encontrados pelos alunos no futuro. Este estudo permitiu mostrar que a avaliação, fator preponderante no ensino, seja ele em qual nível for, deve ser voltada para a autoavaliação, numa ação consciente, onde o aluno queira saber como está e buscar sua melhoria e compreensão dos conteúdos e que seja uma avaliação democrática, discutível e não punitiva, sem objetivos obscuros de aprovar ou reprovar. Assim as escolas estarão cumprindo o seu papel de transmitir conhecimentos, motivar a aprendizagem, capacitar os alunos para exercerem seus papéis com consciência de cidadania e profissionalismo.

Palavras-chave: Ensino. Avaliação

INTRODUÇÃO

Um ensino de qualidade pressupõe a existência de algumas posições indispensáveis ao projeto político pedagógico da escola. Neste sentido, em

todos os Estados, a escola deverá contar com recursos humanos, físicos e materiais que auxiliem o professor no desenvolvimento do currículo, contando com os instrumentos necessários à apropriação do saber científico e tecnológico pelos alunos, indispensáveis à compreensão da realidade, bem como à inserção na modernidade.

A avaliação coloca em xeque a atuação de todo o sistema educacional, pois quase sempre ela é exercida como elemento de disciplinamento e coerção, tornando-se fator de medo, de traumas e de autoritarismo por parte do professor. O processo se dá numa relação interativa, isto é, entre sujeitos: o professor e o aluno. Assim, se fala do docente através de medidas que valorizem sua atuação. A valorização do magistério passa por sua vez pela competência profissional da educação, para que se possa exigir remuneração digna, uma vez que a qualidade de ensino relaciona-se com a qualidade do professor.

A qualidade do professor reporta a dois problemas que precisam ser discutidos e superados: de um lado a má formação na origem, e de outro a rápida desatualização, por falta de uma atualização sistemática. Desse modo é fundamental que o professor da escola pública assuma o compromisso com a atualização constante, pois a nenhum aluno, por tese e por direito pode ter seu aproveitamento prejudicado pela incompetência do professor.

A ausência de clareza, sob os fundamentos da ação pedagógica, certamente tem dificultado a percepção de que a avaliação é consequência do processo de ensinar e aprender. Ela está sempre subordinada à aquisição do conhecimento, colocado como verdade pronta e imutável da qual a avaliação é juízo final. Usa-se a avaliação para medir a capacidade do aluno em reter essas verdades. Desta forma, usa-se a pedagogia da repetição ou da reprodução que orienta a ação docente, uma vez que o professor só consegue descobrir o que o aluno foi capaz de gravar na repetição.

O mito está em o professor só aceitar aquilo que é observável. Além disso, apesar do discurso progressista a avaliação contínua tradicional.

O desafio está na percepção de que o conhecimento é uma produção do homem, e que sua apropriação se dará num processo de interação mediado

pelo professor. O desafio é ainda a mudança, cuja dificuldade está na dicotomia entre a teoria e a prática.

No entanto, estas distorções não devem servir de motivo condicionante e impeditivo do avanço pretendido pela mudança. Estas distorções devem servir como ponto de partida, para que o professor construa sua competência. Desta forma a pretensão desta pesquisa se orienta no objetivo de destacar o papel da família, sociedade e a escola no processo ensino-aprendizagem e avaliatório, considerando as transformações de cada uma em confronto com a realidade técnica e tecnológica do desenvolvimento do mundo atual.

Verificamos que a função do Orientador Educacional no que se refere à avaliação escolar é muito importante, uma vez que, apesar de ser bastante disseminada a ideia de mudanças e inovações, existem grandes resistências em aperfeiçoar o processo ensino-aprendizagem, dando maior ênfase à avaliação quantitativa do que à qualitativa.

Por isso, é necessário demonstrar aos professores que, enquanto medir é um processo descritivo, avaliar é um processo interpretativo, pois supõe julgamento a partir de uma escala de valores, onde muitas vezes o professor é desprovido de conhecimento para exercer tal processo avaliativo. É preciso que todos da Escola percebam que a atividade educativa atual deve estar voltada para o aluno como um todo, com suas qualidades e defeitos, com a construção de seu conhecimento e não ter por meta atribuir notas, mas realizar uma série de objetivos que se traduzam em termos de mudanças de comportamento dos alunos.

REVISÃO DE LITERATURA

Educação nos novos paradigmas sociais

Em 1991, Hofmann, em sua primeira obra - Avaliação: Mito & desafio. Uma perspectiva construtiva teve como objetivo, desvelar os fantasmas da prática tradicional, os alicerces teóricos que nos levam a exercer tal prática, bem como desencadear a tomada de consciência dos educadores e

administradores em geral sobre o significado da manutenção da avaliação classificatória na construção de uma escola libertadora.

Nesta época, a escola, através de seus representantes: pais, alunos e Conselho Escolar, reuniram muitas vezes para discutir e debater esse assunto e concluíram que a principal causa de evasão e repetência na Escola (de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental) era justamente a Avaliação Classificatória.

Sentindo e querendo mudanças, procuramos aprofundar e fundamentar teoricamente em vários autores que tratam desse assunto.

Lemos em Andreola (1993):

“Este deveria ser nosso desafio maior de intelectuais e de pesquisadores deste fim de século e de milênio: reinventar um conhecimento que tenha feições de beleza; reconstruir uma ciência que tenha sabor de vida e cheiro de gente, num século necrófilo, que se especializa na ciência e na arte da morte, da guerra e da destruição” (Andreola, 1993: 41).

As tentativas nesta direção ampliam-se gradativamente ao longo dos últimos anos. Há muitos e muitos personagens fazendo parte desta história, acreditando que é preciso trabalhar por uma escola que respeite o educando de todas as idades, que o acolha em suas desesperanças e desperte-lhe confiança no futuro.

Não se pode, de maneira alguma, conviver com este fantasma de falta de conclusão do curso de Ensino Fundamental, principalmente, pois este déficit educacional é uma causa cujo efeito tem descaracterizado a atribuição da escola e levado a admitir a falência do Ensino Público.

É claro que esse modelo só reforça a sociedade burguesa na sua constante luta por garantir um processo de acesso à mão-de-obra qualificada barata, mantendo-se numa situação privilegiada dentro de nosso modo de produção capitalista.

Não se pode considerar como competente uma escola que não dá conta sequer do alunado que recebe, promovendo muitos alunos à categoria de repetentes e evadidos.

“O papel das escolas em uma estrutura capitalista behaviorista é “produzir” trabalhadores que alimentam um sistema econômico desigual”. (Kaufman, 1993: 94)

O caminho para o desenvolvimento é uma educação igualitária, que acolha os filhos desta geração no futuro, conscientes do seu papel numa possível transformação. Se a criança desde logo for considerada como tendo um futuro impossível, não terá nem um tempo justo para provar o quanto se pode contar com ela.

Democratização do ensino também é dar um ensino de qualidade, consciente do dever para com a sociedade que frequenta a escola pública. E para que se possa preocupar com essa qualidade, é preciso ter uma avaliação diagnóstica, que vise a verificação dos conteúdos não apropriados, a fim de torná-los úteis ao aluno e não aquela costumeira farsa de “avaliar para nada”, onde se verifica apenas os erros e não a aprendizagem do educando.

Desta forma, não existe a preocupação mínima necessária com a promoção do aluno. Deve-se ter o compromisso de manter na escola esse aluno ingressante, porém lhe favorecendo de fato o acesso ao saber e, por conseguinte, o acesso a outros graus de ensino.

Uma outra questão que tem afastado o processo de democratização é a falta de modernidade educacional. É exatamente neste ponto que este trabalho propõe estratégias, visando à materialização de uma nova postura pedagógica.

“Poderíamos colocar como meta para a qualidade do professor a capacidade de elaborar projeto pedagógico próprio”. (Demo, 1992: 88).

Cabendo aos professores o compromisso de serem pesquisadores, Demo (1992) coloca com eficácia que professor deve ser a imagem viva do aprender, saber pensar, informar-se e refazer todos os dias o seu posicionamento. Uma pedagogia moderna exige do professor um novo procedimento que aspire a um aluno cidadão.

“Por isso, precisamos acabar com as provas mal elaboradas e avaliações quantitativas que resultam na insatisfação do aluno e na evasão escolar, comprometendo a eficiência do professor que, não conseguindo atingir objetivos propostos, manifesta o processo de sua pedagogia e sua didática. Diante disso, o professor precisa, assim, ser avaliado, não só o aluno”. (Demo, 1992: 89)

O temeroso é que a escola vem perdendo gradativamente o sentido crítico necessário à vida que se enfrenta hoje. As crianças e os jovens que frequentam as escolas não “vivem” a escola. Para muitos, a escola não está para ser respondida ou descoberta no seu dia a dia, ou mesmo para lhes auxiliar a enfrentá-la.

“Escola é escola”, a vida é diferente; para eles concepção de escola é para memorização de fatos que não adquirem significado algum ao longo de sua vida, fatos transmitidos, memorizados, esquecidos.

“Sem desconsiderar que há causas, fora da escola, que condicionam as dificuldades e insucessos dos alunos, é preciso verificar também, dentro da escola, como esta vem tratando as suas dificuldades e produzindo os seus fracassos. Reconhece-se que também na escola, por mecanismos mais ou menos explícitos, há uma prática discriminatória que acentua um processo de seleção e manutenção da hierarquia social. Aí, situa-se o processo de avaliação da aprendizagem que reflete e é um reflexo da dinâmica escolar”. (Souza, 1991: 103).

Contrariamente, qualidade numa perspectiva mediadora da avaliação significa desenvolvimento máximo possível, um permanente “vir a ser”, sem limites pré-estabelecidos, embora com objetivos claramente delineados, desencadeadores da ação educativa.

Não se trata aqui, como muitos compreendem, de não delinear ou padronizar pontos de chegada.

“Não há como não repetir que ensinar não é pura transferência mecânica do perfil do conteúdo que o professor faz ao aluno, passivo e dócil. Como não há também como não repetir que, partir do saber que os educandos tenham, não significa ficar girando em torno deste saber. Partir significa pôr-se o caminho ir-se, deslocar-se de um ponto a outro e não ficar, permanecer”. (Freire, 1992: 70-71).

Família e sociedade

A família é a base da sociedade, contribuindo para a formação da personalidade do ser humano. Cada sociedade está vivendo de acordo com seus princípios morais, religiosos, éticos, econômicos e educacionais.

Os grupos sociais integram-se formando uma complexidade de relações sociais, dentro das pequenas comunidades, até chegar às grandes e num elo transformar-se na sociedade brasileira. Recebem as influências do mundo inteiro, visto o século atual ser a era da tecnologia e ciência, onde as comunicações transformam o mundo numa aldeia global.

De acordo com Freire (1992), cada família vive sua realidade, sofrendo as influências diretas do mundo, através do contato com o mesmo diariamente, através do rádio, jornais e televisão.

A família atual modificou-se profundamente, como também a sociedade. A era industrial e tecnológica fez a família sofrer transformações radicais em seu relacionamento do lar, como a diminuição do número de filhos; mulheres integradas ao campo profissional e disputado com os homens, nas áreas de atuação, os mesmos cargos ao mesmo tempo em que os filhos são criados em creches, com babás, com os videogames e sem os pais.

Vive-se um momento em que a vida financeira é difícil, problemática na cultura inflacionária, induzindo as pessoas a trabalharem e produzirem mais. Outro fator preponderante é o fato de pais e filhos desestruturados para a compreensão, o amor, o carinho, devido ao desencontro, falta de tempo, falta de diálogo e de amor.

Na verdade, estamos vivendo a cultura do “ter” e o esquecimento do “ser”, em detrimento aos valores humanos fundamentais; é a robotização do ser humano que traz como consequências o avanço do alcoolismo, sexo livre, AIDS, prostituição e marginalidade, jovens revoltados e sem perspectivas de futuro ou compromisso com a própria formação pessoal.

Resulta também no avanço do desquite e divórcio, causando a formação da nova família, com as mulheres na chefia, mães desesperadas profissionalmente, tendo que arcar com as despesas da família e sem recursos financeiros para tal responsabilidade.

É o momento de instabilidade nos casamentos e nas relações conjugais, que resulta no aumento das famílias pobres, desestruturadas, problemáticas, dependendo de planos governamentais, sociais, para a solução de seus problemas; na desproporção das relações entre pessoas e alterações na

estrutura social, com a dispersão da família nos divertimentos, interesses e atividades.

Outro fator é o crescimento da classe trabalhadora, onde os rendimentos econômicos tornam-se resultado do trabalho individual, gerando uma crise total na família moderna: separações; desajustes na convivência diária; falta de preparação do marido para entender a promoção profissional da mulher, causando distúrbio sérios no relacionamento pais e filhos, propaganda desenfreada no sexo, erotismo e convite à desestruturação pessoal na sociedade atual, e a divisão na educação dos filhos com os grupos intermediários sociais: igrejas, escolas, associações, entre outros.

Na verdade, tudo isso gera a permissão da infiltração das influências externas no seio da família, sem condições de críticas e autocrítica, para educar os filhos de forma satisfatória.

A família, hoje, tem a crescente necessidade de ser reeducada para sua função na sociedade, pois continuará sendo a base da mesma. E se o País quiser realmente desenvolver-se, atendendo a todos os brasileiros em suas necessidades básicas e fundamentais, como cidadãos e seres humanos, terá em primeiro lugar que resgatar a família.

Só assim é que a escola poderá realmente cumprir sua função educadora e de preparação do indivíduo para o exercício pleno da cidadania, vivendo na sociedade em condições igualitárias com os demais e sendo preparado profissionalmente.

Com a família desestruturada e o poder aquisitivo cada vez menor, a população vai tomando outro rumo em relação aos valores socioculturais, vão se avultando os problemas sociais. O problema social hoje do Brasil é tão dramático, que não consegue entender que um País tão rico tenha quarenta milhões vivendo em total miséria.

Como um País, com tanta extensão de terras férteis, não produza alimentos para todos os seus habitantes? E com tanta riqueza natural, meios de produção, possa permitir que as pessoas estejam em uma situação tão dramática e sem perspectiva nenhuma?

A escola, hoje, entende que precisa sair de sua estrutura antiga, deixar de ser apenas o centro de repasse do saber elaborado e mudar toda a sua

postura, transformando-se numa agenciadora de ações para a transformação social de sua comunidade.

A família também precisa ser auxiliada em âmbito geral, através de ações tais como uma política governamental voltada para a justa distribuição da riqueza nacional, diminuindo a crescente diferença financeira das classes ricas e pobres; política salarial justa, com salários dignos, a fim de que a família possa cumprir sua função procriadora, mantenedora e educadora de seus filhos, além da redefinição de política econômica do País voltadas para os interesses e necessidades básicas do povo brasileiro e verbas maiores destinadas a programas de habitação popular, saúde, alimentação, estudos, trabalho para as classes trabalhadoras, sem esquecer do homem ao campo e as pequenas comunidades urbanas, com as condições de produção e meios financeiros de sobrevivência, impedindo que os grandes centros urbanos sofram problemas de infraestrutura e habitação, cada vez mais com pessoas desqualificadas e candidatas a viverem no desemprego, subemprego, marginalidade, prostituição, toxicomania, fome, miséria, violência e toda sorte de problemas existentes nos grandes centros: poluição, falta de transporte e moradia, falta geral de infraestrutura para sobrevivência digna e verdadeira.

Só através do trabalho intenso da Escola, Igreja, Governo, Indústrias, sociedade em geral, é que se pode proporcionar às famílias as condições de uma vida digna a qualquer ser humano.

Seja a conscientização dos meios de comunicação em geral, no sentido de resgatar a família no seio da sociedade, redefinindo ideias e posições diante dos valores e preceitos morais, sociais, religiosos e educacionais, seja através das escolas com todo o material, dependências, mobiliários, assistência social, recursos humanos preparados e eficientes, programas e currículos, renovados, métodos e técnicas atualizados e aplicáveis favoravelmente às classes populares, no sentido do resgate das famílias ao saber, a educação escolar, a preparação para convivência na sociedade.

A família brasileira, em seus aspectos gerais, necessita de amplo apoio integrado, com programas de apoio de todos os setores comunitários: Escola, Igrejas, Órgãos Governamentais, Entidade Financeira, Associações, Empresas

Privadas, buscando soluções e auxílio imediato nos aspectos da saúde, educação, nutrição, habilitação, vida familiar e planejamento familiar.

A escola, integrada aos demais órgãos, tem o seu papel fundamental em interagir plenamente aos assuntos sociais e envolver-se em um trabalho comunitário, possibilitando condições de preparação, instrução, resgate das famílias; através de encontros, palestras, cursos específicos nos assuntos mais necessitados, montagem de salas-oficinas para ensinar os jovens e adultos em trabalhos artesanais, cursos de alfabetização para jovens e adultos, cursos às adolescentes e mães sobre todos os assuntos necessários à vida prática.

Hoje, a escola precisa despertar para entender a realidade que a cerca e tornar-se útil para as famílias, onde as mesmas precisam utilizar-se dela, para reaprenderem aspectos significativos e perceberem a importância da vida escolar em uma comunidade.

“... por este caminho vai-se inventando um Brasil de populações rurais, em Brasil de migrantes sem terra, um Brasil desses a quem denominamos setores populares... e também na arte, no vestuário, na habilitação e no ganho de vida está em movimento esse desafio epistemológico para nossa produção científica.” (Freire, 1989: 88/89).

Escola e sociedade

A escola, hoje, entende que precisa sair de sua estrutura antiga, considerar as diferentes formações dos nossos alunos, entender como se dá o conhecimento nos diferentes estágios de desenvolvimento da criança e do jovem, e perceber-se em contínuo processo de conhecimento nessas questões, sujeito igualmente de tal processo.

“Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais, e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e muito menos, pensamento”. (Becker, 1993: 88/89).

A escola tem suas múltiplas ações, no sentido de desenvolver todas as potencialidades de cada ser humano e prepará-lo para ocupar o seu lugar na sociedade. E também a escola tem o papel de promover a sociabilidade de cada ser humano. É o centro diário de alunos e professores, convivendo horas em uma sala de aula, com os mais variados tipos de alunos, oriundos das várias camadas sociais e níveis de cultura diferenciados. Cada aluno precisa desenvolver a sua sociabilidade, a fim de que se prepare para enfrentar a sociedade lá fora, com todos os seus contrastes, conflitos e opressões.

A escola então, precisa adequar suas ações didático-pedagógicas, no sentido de despertar no aluno o espírito de companheirismo, o relacionamento humano com os colegas, o espírito esportivo, além de exercitar a liderança nata; a cortesia e educação no trato com as pessoas grupo social, despertando em cada um o senso de responsabilidade, honestidade, lealdade, sinceridade, altruísmo, fé e esperança, orientando-os a ter e usar uma linguagem social adequada; participação nas atividades sem inibições, de forma que possam superar os traumas, bloqueios psicológicos e dramas interiores. Além de possuir o papel fundamental de formar o aluno para viver em sociedade, fazendo o mesmo entender que há uma vida lá fora a ser vivida, que os anos passam e de repente, cada ser humano está colocando no mundo do trabalho, da sociedade geral e sua sociabilidade precisa ser altamente desenvolvida, a fim de que realmente possa:

- engrenar-se às normas e leis no campo profissional;
- respeitar as leis do trabalho, do trânsito, dos regulamentos internos, das associações, dos clubes, das igrejas, escolas e todos os grupos componentes da sociedade;
- relacionar-se de forma adequada a qualquer ambiente, situação vivida, acontecimento, dentro das relações sociais;
- viver em harmonia consigo mesmo, buscando o equilíbrio interior, a fim de que possa ser um adulto ajustado, feliz em sua vida em sociedade.

“Cultura não seria entendida apenas como aquilo que está condenado dentro dos livros e dentro de um museu. Cultura seria, também, os gestos das pessoas se esforçando nos grupos e no trabalho. Cultura seria o que se dá sentido nas relações humanas”. (Freire, 1989: 89/90).

Em maio de 1934, Lourenço Filho, fazendo a apresentação dos resultados obtidos sobre o levantamento do ensino depois da Revolução de 1930, dizia:

“O que mais impressiona não é só a taxa de criança em idade escolar fora das escolas. Para oito milhões de crianças nessas condições, não foi surpresa saber que pouco mais de dois milhões estão arroladas nas escolas. A taxa de crianças que termina o ensino fundamental não atinge 65%”. (Lourenço Filho, 1998: 59)

Passados cinquenta anos, sabe-se que a situação não diferenciou muito daquela que Lourenço Filho denunciava. Constatamos que para cada 1000 crianças que se matriculam na 1ª série do ensino fundamental, somente 438 chegam à 2ª série, 397 à 4ª série e 180 na 8ª série. Esses são dados do MEC levantados sobre o ensino do em 1974/1978. No Brasil, no decorrer dos anos, observa-se pelos altos índices de evasão e repetência que os programas educativos dos governos e órgãos de educação não têm conseguido sucesso.

A escola em questão enfoca diversos aspectos sobre o assunto com os quais concorda-se plenamente e observa-se em nível de nosso Município, a veracidade das ideias, tais como os seguintes tópicos:

- A evasão da primeira e segunda série faz com que os alunos aprendam apenas alguns rudimentos de alfabetização e, com o passar dos tempos, fora da escola, esses são esquecidos, tornando a pessoa totalmente analfabeta, engrossando ainda mais o contingente de analfabetos no Brasil.

- O sistema de ensino está implantado de tal maneira, que propicia as condições para evasão e repetência, visto não haver ação efetiva dos educadores para combater o problema.

- Pode-se constatar que há seletividade social dentro da escola. Tudo está estruturado no ambiente escolar para atender alunos com poderes aquisitivos razoáveis, trazendo de seu ambiente familiar uma série de valores, considerados importantes para a sociedade.

Observa-se que a prática pedagógica da escola não está incorporada a realidade do aluno e seu meio social e os educadores, não sabem como trabalhar com eficácia para atender hoje a realidade que o cerca.

“Sem desconsiderar que há causas fora de escola, que condicionam as dificuldades e insucessos dos alunos, é preciso verificar também, dentro da escola, como está se tratando as suas dificuldades e produzindo os seus fracassos. Reconhece-se que também na escola, por mecanismo mais ou menos explícitos, há uma prática discriminatória que acentua um processo de solução e manutenção da hierarquia social. Aí situa-se o processo de avaliação da aprendizagem que reflete e é um reflexo da dinâmica escola”. (Souza, 1991: 103)

A colocação dos autores aponta vários fatores, que vão de encontro com a realidade do processo pedagógico do ensino fundamental, evidenciando o fenômeno da evasão escolar como decorrente em grande parte de provas mal elaboradas e avaliações quantitativas que resultam na insatisfação do aluno e na evasão escolar, comprometendo a eficiência do professor que, não conseguindo atingir objetivos propostos, manifesta o fracasso de sua pedagogia e da didática.

Constata-se que a avaliação quantitativa e métodos tradicionais de ensino são as maiores causas de evasão e repetência escolar na referida escola mineira.

Enfrentando o problema da evasão e da repetência, juntos, escolas e comunidade, estão estudando a introdução de novas metodologias e fazendo uma conscientização com os pais, buscando saídas fora da escola, para enfrentar o problema da evasão e repetência. Isso chama a atenção para a necessidade de um aprofundamento da formação do professor na sua atuação profissional. E também várias atividades estão sendo desencadeadas como: formação de grupos de estudos nas escolas e interescolas, reuniões com os pais, seminários sobre educação e outros.

Os professores estão mobilizados a usarem mais os laboratórios, bibliotecas, aulas práticas e buscam novas metodologias, inclusive propondo novas formas de avaliação. Várias escolas estão dinamizando o trabalho de orientação educacional em relação à evasão escolar, reunindo os pais e as associações com observação direta nas escolas de pais e comunidades.

A educação, portanto, se levada a esta melhora do conhecimento, com a interação entre todos os elementos ligados a este conhecimento, com certeza a conduzirá a uma articulação que sugere um repensar sobre os cursos de

formação de professor. Sugere igualmente a necessidade de análise dos conteúdos, procurando a articulação do aprender, do analisar e do discutir as várias opções existentes, que permitam chegar a algumas alternativas de novas ideias que possam ser colocadas em prática dentro da viabilidade do contexto em que se encontra essa escola. Concluindo, pode-se dizer que na medida em que se quer mudar, com certeza a escola mudará, se todos os integrantes do processo encararem a situação como um desafio à criatividade, habilidades, iniciativas e predisposição pessoal. Só assim a escola será cidadã e participativa do contexto social, primando pela qualidade educacional.

Escolas e oportunidades

No Brasil atualmente, a escola pública atravessa grande crise ela refletindo a sociedade que aí está, com total desestruturação social, política, econômica e familiar. O povo brasileiro vive momentos de instabilidade política e econômica, desgovernos, erros, corrupção, máquina administrativa emperrada dos altos níveis, enfim, um quadro político que traz consequências graves, no campo social, que por sua vez recai sobre a escola atual.

Observamos que a estruturação escolar foi montada para atender alunos de uma classe média para alta, professores formados para atender alunos de nível bom e ótimo, programas educacionais específicos para essa clientela e de repente percebemos que a massa popular chegou à escola pública. A pobreza e a miséria atingiram quarenta milhões de brasileiros e hoje, a escola e sua estrutura estão insuficientes para conviver com a nova clientela escolar. E diante da nova realidade, vê-se que a escola hoje passa pela reflexão das práticas pedagógicas nela desenvolvidas.

A Constituição Brasileira de 1988 consolida o direito à educação:

“Art. 205 – “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Art. 206 – “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para acesso e permanência na escola.”

A lei existe para garantir o acesso e permanência na escola, de todos os alunos em idade escolar, da mesma forma obrigatória, dos 7 aos 14 anos de idade a todos os brasileiros, mas a realidade está bem distante de ter condições de atendê-la. No Brasil, de cada 100 alunos que ingressam neste sistema, apenas 12 alunos concluem a 3ª série do ensino médio. Se legalmente a escola é feita para todos os brasileiros, então precisa dar oportunidades a todos os alunos, independentemente de sua classe social. A constituição de 1988, em seu artigo 208, item VII dispõe.

“Atendimento ao educando no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático, escolar transporte, alimentação e assistência à saúde.”

A lei, neste item, coloca o auxílio total para o aluno carente conseguir estudar. Então, a escola deverá dar oportunidade ao aluno ingressar e permanecer nela, atendendo suas necessidades fundamentais, visto que sua estrutura familiar não é satisfatória. A escola precisa dar oportunidade do jovem preparar-se culturalmente para ser cidadão do amanhã, ou haverá maior progressão na miséria, fome, desemprego, subemprego alcoolismo, drogas, prostituição, etc. E diante da nova conjuntura faz-se necessário uma reflexão das práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola.

Hoje, tem que se conscientizar de sua nova posição diante da sociedade atual, não pode mais viver alienada de sua comunidade e meio social. Precisa entender-se como uma fonte de ação para resgatar os cidadãos em seus direitos de brasileiros, pois ela é a mola mestra que auxiliará a grande maioria a sair deste estado social miserável que vivem, onde cada pessoa terá que se auto esforçar para construir sua própria história e ocupar um lugar digno, em uma sociedade mais justa e igualitária.

Entende-se que há muitos aspectos em que a escola terá que se reposicionar, tais como: construir realmente o conhecimento para o aluno caminhar em progressão na área escola, desenvolvendo novas metodologias, de acordo com a realidade de cada educando, tendo assim uma nova concepção do progresso avaliativo. Todos os professores deverão ser

sensibilizados para uma avaliação democrática e conhecer a realidade social de cada aluno, trabalhando em conjunto a Escola, a Família e a Comunidade.

Perceber todas as deficiências e dificuldades dos professores em suas práticas pedagógicas: métodos, técnicas didáticas, manejo da sala, formas de avaliação, conhecimento da realidade social dos alunos assumindo o comprometimento com a comunidade escolar, engajando-se com a comunidade no novo processo educativo. Repensar a avaliação em conjunto com todos os professores da escola, em suas respectivas áreas de atuação, buscar a qualidade do ensino e na melhoria da qualidade de vida do aluno. Entender que apenas testes ou provas elaborados às pressas, sem consciência, apenas para preencher uma nota bimestral, precisam ser abolidas.

Professores precisam avaliar toda a prática escolar e pensar seriamente em novos mecanismos para avaliar o seu aluno, como também o resultado do seu trabalho, o sucesso ou fracasso de seus métodos e técnicas com as turmas, o manejo de sala com alunos-problema, carentes, trabalhadores, com saúde precária, etc..

Tornar uma escola que se preocupe com a permanência dos alunos de qualquer origem social, sem preconceitos, entendendo que o direito deve ser de todos e que o ensino ministrado deve abranger a todos, buscando alternativas de se ensinar, aplicar métodos, avaliar, reeducar, sendo criativa, atuante, participativa e envolvendo-se com a comunidade, onde está inserida de forma a conscientizar o corpo docente da necessidade de compreenderem que sua atuação na escola deve ser repensada, diante da nova realidade social que se apresenta.

Assim, devem ter participação social, envolvimento com a comunidade, entrosamento com os pais, busca de soluções dos problemas, entendimento pessoal com o ser humano que está para aprender, descoberta de um novo relacionamento humano dentro do ambiente escolar, compreensão de sua posição estratégica na ação global de resgate das classes populares ao saber.

Deve haver uma conscientização geral de que a escola existe para o sucesso e não para o fracasso, existe para ensinar e resgatar o saber, existe

para fazer o aluno permanecer, aprender de fato, ser avaliado com grande responsabilidade, como regra geral, mostrando eficácia escolar.

O educador está na escola para levar o aluno ao sucesso, à realização pessoal e realmente entender a importância da escola para a formação de sua personalidade e sua cidadania plena e a escola precisa acabar com a avaliação permissiva, condescendente, facilitadora, que descompromete o professor e o aluno de sua responsabilidade, podendo desenvolver e implementar ações conjuntas, tais como:

- uma discussão ampla com todos os professores, alunos e pais, sobre a realidade escolar atual, em todos os aspectos e níveis, e o levantamento de todos os problemas dentro do contexto geral escolar; buscando a formação de grupos de estudos por área;

- montando projetos de ação para atuarem de forma específica em todos os níveis e a elaboração de programas e conteúdos;

- métodos de ensino;

- modos de avaliação;

- mecanismos de observação direta dos alunos;

- modos de praticarem a interdisciplinaridade;

- trabalhos a serem desenvolvidos com a comunidade;

- encontros com os pais; reuniões pedagógicas;

- cursos aos pais;

- projetos de recuperação dos alunos com deficiências na aprendizagem;

- troca de experiências no manejo de sala de aula;

- elaboração de atividades variadas com alunos;

- formas variadas de avaliação do aproveitamento escolar; e,

- análise dos resultados obtidos no decorrer do bimestre letivo.

Proporcionar cursos aos professores sobre atualização em avaliação, nova didática na maneira de trabalho docente, enfim, uma tomada de consciência geral sobre a nova maneira de se trabalhar para mudar a escola atual, além de fazer reuniões bimestrais com os pais, para uma troca de ideias sobre os assuntos gerais da escola, busca em conjunto com os pais e professores para a solução de problemas surgidos com alunos que

apresentam distúrbios em qualquer aspecto: físico, mental, emocional, comportamental, etc..

Outras atividades devem ser planejadas, tais como: as excursões com alunos, em locais turísticos, para vivenciarem a teoria escolar, palestras, filmes, vídeo sobre assunto como: Sexo, drogas, alcoolismo, adolescência e gravidez, AIDS, relacionamento familiar, vida conjugal, namoro, etc. e a promoção de comemorações com atividades específicas: jogos, danças, ginásticas, poesias, jograis, pratos típicos, exposições de trabalhos, feira de ciências, com participação de pais, alunos, professores, equipe pedagógica e direção.

Avaliação educacional – possibilidades de conceituação

A avaliação, na última década, viveu o momento de mudança de paradigma, bastando lembrar, como mostra Gipps (1992), que a psicometria, na sua origem, se baseou na teoria da inteligência e a construção dos testes partiu de um modelo comportamental de aprendizagem, enquanto atualmente a avaliação procura se estruturar com base na compreensão das teorias da aprendizagem. Examinando-se a evolução histórica, observa-se que o seu trabalho inicial partiu de uma concepção de inteligência com uma característica inata e fixa no ser humano, e da possibilidade de medi-la por intermédio de instrumentos especialmente construídos para esse fim (Vianna, 1998).

A avaliação moderna, com vistas a fornecer elementos para a orientação da aprendizagem, parte do princípio de que o indivíduo pode desenvolver e aumentar a sua capacidade de aprender, pois a mesma vem sofrendo uma transformação radical com a mudança da cultura da prova, para a cultura da avaliação. Seus objetivos, antes restritos ao rendimento do aluno, buscam outras dimensões como as de auxiliar o ensino e orientar a aprendizagem, obter informações sobre o aluno, o professor e a instituição educacional, e servir como um instrumento para certificar a capacitação do aluno.

A avaliação é sempre um desafio, sobretudo quando nos devemos afastar de paradigmas que não mais permitem lidar com os problemas atuais, novas conceituações e posicionamentos se fazem necessários.

Nessa abordagem crítico-humanista, pensamos a avaliação cognitiva articulada com a qualidade de ensino, em busca de um aprimoramento do processo, compreendendo conteúdos significativos, integrados e dinâmicos. No paradigma que acreditamos, a avaliação vem estreitamente relacionada com participação, entendida como processo ativo, crítico, criativo, conjunto, solidário e transformador.

Em uma perspectiva inovadora, a avaliação cognitiva vem enlaçada à condição existencial do aluno, numa relação dialética cognitiva – afetiva, promovendo a aprendizagem como construção do conhecimento, constituindo-se em atividade produtiva, crítica e criativa, viabilizada, fundamentalmente pelo diálogo e pela utilização de objetivos bem elaborados.

Os objetivos do ensino devem, portanto, responder e representar comportamentos na área motora, afetiva e cognitiva. Ao construir um instrumento de medida, o professor selecionará as questões que meçam esses objetivos com precisão e eficiência, pois para cada categoria de objetivos haverá tipos mais adequados de medida.

Como os objetivos de ensino variam, é evidente que mudarão também as formas de medir esses objetivos. Na realidade, o importante é: que tipo de instrumento é melhor para medir o que se pretende medir? O critério para determinar se o instrumento de medida é bom ou mal é a adequação aos objetivos que pretende medir.

Conforme observa Azanha (1995), não existe nenhuma garantia de que ao final de um ano letivo, o professor tenha condições de avaliar se seus alunos estão ou não aptos a serem encaminhados para a próxima série.

Fica evidente nos depoimentos que os alfabetizadores apesar de não concordarem com os critérios de avaliação definidos no regimento padrão, realizam uma prática de avaliação escolar que, segundo Luckesi (1986), estipula a função classificatória do ato de avaliar com base no julgamento comparativo do aluno no grupo.

Almeida (1993), completa dizendo que “as classificações são registradas em notas e, por isso, podem ser somadas e divididas. Portanto, não constitui recurso para repensar a prática pedagógica, mas exclusivamente um meio para estratificá-la”.

Parece que os fatores mencionados, segundo Almeida (1993):

“... podem alterar os critérios de julgamento da classificação, reduzindo ou aumentando o grau de exigência, de acordo com o que o professor já “prevê” como resultado final. Nesses casos, fica descaracterizada a objetividade na avaliação, que pode estar sendo ‘minada’ por critérios subjetivos, perpassados por diferentes juízos de valor ou pré-juízos (sociais, econômicos, raciais, etc)”. (Almeida, 1993: 12)

Participação comunitária e conhecimento da avaliação

Na sociedade brasileira de hoje, um dos grandes problemas sociais, diz respeito a participação da comunidade no processo de avaliação. Os cidadãos convivem com as indecisões governamentais, com uma estrutura econômica capitalista, que visa o lucro acima de tudo e os dramas sociais para cada brasileiro, não são melhorados, pois, na lei selvagem deste capitalismo moderno, não há espaço para se resolver problemas financeiros da classe menos favorecida.

Assim, o subemprego, o salário irrisório, faz parte do jogo capitalista, em manter-se como classe dominante, na eterna luta de oprimidos e opressores, dominados e dominadores, pobres e ricos. Desta forma, temos que entender a comunidade onde está inserida a escola que convivemos, pois ela faz parte de um contexto mais amplo, gerador das distorções gerais encontradas.

A comunidade começa a participar da escola, no momento em que procura a mesma, para matricular seus filhos. E esta, cobra da escola a sua qualidade de ensino, o aproveitamento dos alunos, a redução de repetência, o bom atendimento aos alunos, as boas maneiras dos professores, a exigência pela ordem e respeito, enfim, a escola é o alvo de pais, alunos, políticos e imprensas.

Assim, todo o trabalho didático-pedagógico é questionado pela comunidade, principalmente quando há problemas com alunos, no sentido da disciplina e da reprovação ou desistência forçada de alunos-problemas, que consistem nos casos raros de adaptação ao ambiente escolar.

A comunidade, por sua vez, precisa entender que sua ação, apenas de cobrar resultados da escola, precisa ser repensada, e que uma nova postura precisa ser tomada, atualmente os alunos possuem mais problemas, pois são

frutos de uma sociedade desigual e desumana, os pais, também enfrentam sérios problemas na educação de seus filhos e na própria relação familiar.

A família sofreu profundas modificações na sociedade atual, onde os cônjuges trabalham fora, os filhos ficam com babás, em creches, ou com irmãos mais velhos.

A televisão é o ponto de encontro noturno com a família, onde a mesma penetra nos lares nem sempre com programas de bom exemplo aos jovens, e o diálogo familiar, bem como o entendimento mútuo e o relacionamento humano e fraterno, foram substituídos apenas pelo silêncio, pois não se pode deixar de assistir filmes, novelas, comerciais... o que só contribui para dificultar o papel dos pais na educação de seus filhos.

A dificuldade que a escola atual está enfrentando para agradar o aluno, despertar o seu interesse pelos estudos, fazer com que ele entenda a necessidade de aprender, está de certa forma relacionada com a dificuldade dos pais entenderem os seus filhos e despertarem neles um espírito crítico e criativo diante da nova realidade social.

Então, faz-se necessário uma união entre escola e comunidade, pais e professores, para que em conjunto, busquem soluções para os problemas educacionais dos jovens. A escola terá que ser aberta, democrática, participativa, dotada de mecanismos específicos, para atender sua comunidade seja ela como for, com todas as suas limitações e restrições.

Os pais precisarão encontrar na escola, o ponto de apoio para serem auxiliados na sua difícil tarefa de educar os filhos.

Entende-se que a comunidade auxiliará muito a escola, no sentido de fazer o aluno permanecer na mesma e também aprender o suficiente para a sua promoção satisfatória, no momento em que ele sentir e entender a sua importância como agente transformador da comunidade. A escola não pode continuar alienada dos problemas sociais e o seu papel restrito de repassar o saber elaborado, tem que acabar.

O papel da escola continuará um corpo estranho, onde a evasão e a repetência continuarão sendo os cruciais problemas escolares, principalmente numa região, onde os problemas socioeconômicos-familiares são excessivos se a mesma não mudar sua filosofia existencial.

Concluindo, pode-se dizer que atualmente a família pouco participa da escola, mas, cobra dela aquilo que não consegue fazer. A complexidade da vida moderna, a sociedade de consumo, gerando lutas de classe, a busca de melhores condições de vida, a luta da subsistência da família, leva pai e mãe a buscar muitas vezes mais de um emprego, numa sobrecarga de tempo e esforço e prejuízo a saúde e a vida. Para que os filhos não fiquem ociosos, candidatos à delinquência são enviados à escola, que passa a ser o agente da educação no lugar dos pais.

A verdade é que os pais não participam, a comunidade se afasta, e as cobranças são tantas que a escola acaba sobrecarregada no desempenho de tantas funções, onde termina por se mostrar incapaz e inadequada. Entende-se também que o professor, como qualquer agente social, também está perpassado por essas condições.

Ele precisa rever sua prática pedagógica, questionar o seu saber, aguçar a sua capacidade de livre arbítrio e mudar radicalmente para que possa atingir um novo modo de ser. Trabalhar para que seu ensinar seja eficiente, contribuindo para a competência de seus alunos. A educação, antes de se preocupar com a formação elaborada deve desenvolver o espírito de cidadania, que é o que abordaremos no item

A avaliação como aprendizagem de cidadania

(...) Quando falamos em avaliação podemos nos remeter imediatamente ao nosso país, à sociedade em que vivemos, à escola a que pertencemos, à nossa família e, também, a nós mesmos. Avaliar não é uma simples tarefa conclusiva, mas é conteúdo necessário ao desenvolvimento de um pensamento fundado em princípios éticos; avaliar é um aprendizado de cidadania.

É claro que o Brasil precisa ser avaliado pelos brasileiros e reavaliado sempre, pelos brasileiros. As últimas décadas testemunharam o fracasso de um projeto político que não incluía o povo; o fracasso de um modelo de desenvolvimento que não dava espaço à ação coletiva e à formação de sujeitos construídos para a não sujeição. “Era” um Brasil que não se avaliava enquanto nação, porque não “sabia” fazê-lo.

A sociedade brasileira precisa pensar os seus rumos e para isso é necessário aprender a fazer a avaliação de seus erros, além de assumir seus acertos referenciais. Pensar e querer uma escola inserida no nosso tempo e que aponte para além dele, é pensar e querer uma escola cidadã – formadora de alunos capazes de viver o exercício da cidadania.

(...) Então vamos avaliar a avaliação. Talvez, a nossa primeira tarefa seja perguntar ao professor o que é avaliar. Será a avaliação um instrumento destinado a medir o conhecimento dos alunos? Será um instrumento formal e cristalizado que serve para legitimar a atribuição das notas nos boletins escolares? Afinal, para que serve a avaliação e quando ela é necessária? É preciso que o professor pense sobre isso e tenha clareza sobre esse conceito.

Avaliar, antes de ser a análise de uma questão pontual, é uma síntese e, assim, precisa ser pensada como totalidade, que abarca do início ao fim uma etapa determinada. Na escola, a avaliação só tem sentido se for para o aluno um aprendizado, para que nela e na vida, ele se avalie e se autoavalie sempre e se construa dessa maneira.

(...) Quem estabeleceu que, em definitivo, que a avaliação é tarefa restrita do professor? Talvez tenha sido o ato institucional que estabeleceu que o aluno deve ser o passivo aprendiz de seus “mestres”.

Não é difícil perceber que avaliação é arbitrária, pois sempre deixará de considerar um aspecto da realidade que deveria ter sido considerado. Pois a realidade é sempre mais rica do que aquilo que captamos dela, mas, mesmo assim, é preciso que a avaliação seja feita. É por isso que avaliar é uma constante busca, um contínuo desejo de abarcar a realidade, que sempre é mais rica.

De outra forma, se avaliar não é um mero instrumento para lançar notas, mas, antes, é um aprendizado para o cotidiano de qualquer pessoa; se o professor sozinho não é capaz de avaliar e, principalmente, ao fazê-lo, corre o risco de ensinar aos alunos que a avaliação é ato de autoridade; então, é preciso trocar o segredo pela transparência.

Conforme afirma Almeida (1995):

“É necessário que a avaliação se torne mais e mais uma ação coletiva em que professor e aluno, juntos, perguntem e respondam, digam o que é “certo” e o que é “errado”, juntos digam sim e não, juntos reprovem-se, recuperem-se e aprovem-se, juntos. É preciso conceber a avaliação como espaço de argumentação, como processo ético de racionalização”. (Almeida, 1995: 15).

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE ENSINO

TEMA E LINHA DE PESQUISA

Na busca pela compreensão sobre a sistemática avaliação dentro dos novos paradigmas da educação, optamos por caminhos metodológicos que, nos informassem a situação atual adotada pelas escolas, nos fornecessem um quadro das concepções apresentadas.

JUSTIFICATIVA

É importante oportunizar ao aluno a reflexão e levá-lo a construção do conhecimento, exigindo do docente um amplo conhecimento é uma grande responsabilidade, pois favorece a utilização de novos instrumentos de trabalho, favorecendo ao aluno um ensino de qualidade superando as dificuldades de aprendizagem. O maior desafio encontrado no processo de avaliação no Ensino Fundamental - séries iniciais é a necessidade de um olhar diferenciado, o respeito ao tempo de cada um, pois cada um tem um ritmo de aprendizagem e isso precisa ser considerado. É importante, também, repensar a prática pedagógica.

Por isso, é necessário que o professor demonstre a direção metodológica, enquanto medir é um processo descritivo, avaliar é um processo interpretativo, pois supõe julgamento a partir de uma escala de valores, onde muitas vezes o professor é desprovido de conhecimento para exercer tal processo avaliativo. É preciso que todos da Escola percebam que a atividade educativa atual deve estar voltada para o aluno como um todo, com suas qualidades e defeitos, com a construção de seu conhecimento e não ter por

meta atribuir notas, mas realizar uma série de objetivos que se traduzam em mediação e formação do aluno.

PROBLEMATIZAÇÃO

A ausência de clareza, sob os fundamentos da ação pedagógica, certamente tem dificultado a percepção de que a avaliação é consequência do processo de ensinar e aprender. Ela está sempre subordinada à aquisição do conhecimento, colocado como verdade pronta e imutável da qual a avaliação é juízo final. Usa-se a avaliação para medir a capacidade do aluno em reter essas verdades. Desta forma, usa-se a pedagogia da repetição ou da reprodução que orienta a ação docente, uma vez que o professor só consegue descobrir o que o aluno foi capaz de gravar na repetição. O mito está em o professor só aceitar aquilo que é observável. Além disso, apesar do discurso progressista a avaliação contínua tradicional. O desafio está na percepção de que o conhecimento é uma produção do homem, e que sua apropriação se dará num processo de interação mediado pelo professor. O desafio é ainda a mudança, cuja dificuldade está na dicotomia entre a teoria e a prática.

OBJETIVOS

Um ensino de qualidade pressupõe a existência de algumas posições indispensáveis ao projeto político pedagógico da escola. Neste sentido, o professor/escola deve contar com os instrumentos necessários para a avaliação, indispensáveis à compreensão da realidade, bem como da inclusão. Sendo assim, o projeto objetiva ressaltar que a avaliação ainda coloca em xeque a atuação de todo o sistema educacional, pois quase sempre ela é exercida como elemento de disciplinamento e coerção, tornando-se fator de medo, de traumas e de autoritarismo por parte do professor. Devendo, ao contrário, se dar numa relação interativa, isto é, entre sujeitos: o professor e o aluno. Assim, se fala do docente através de medidas que valorizem sua atuação.

CONTEÚDOS E PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

Através da perspectiva histórica da didática foi possível observar os caminhos, evolução e problemas que a educação teve que enfrentar, e ainda enfrenta, com relação à avaliação. No início dos tempos a educação era priorizada aos nobres, mas com a evolução e transformação sócio-econômica e cultural do mundo, a educação passou a ser proporcionada aos menos favorecidos, surgindo a chamada escola pública, ou seja, escola para o povo. A escola pública, de acordo com a filosofia da época (século XVIII), passou por várias transformações até os nossos dias, umas boas, outras ruins; assim, serão essas transformações, chamadas modelos pedagógicos que representam a relação ensino/aprendizagem escolar.

Até hoje a criança deixa de ser avaliada levando em consideração seus conhecimentos prévios, o ensino passa a ser elaborado a partir desses conhecimentos, apenas com uma definição psicológica e pedagógica; pois, o processo de avaliação ainda gera uma resistência contínua do sujeito através da ação na tentativa de mudar de atividades. Mas a avaliação constituiu-se em importantíssimo instrumento na formação da criança, pois é uma atividade necessária ao seu desenvolvimento. Através da avaliação temos uma noção da realidade, e se bem trabalhada faz com que a criança construa seu aprendizado, mas também exercita a inteligência, a evolução do pensamento e de todas as funções mentais.

Trata-se de um instrumento de grande importância e que contribui para o desenvolvimento infantil, pois esse instrumento é o objeto facilitador que desperta a curiosidade, a imaginação e a invenção das crianças, estimulando o construtivismo na criança e nas suas relações sociais. Pois, para o construtivismo é necessário que o professor tome decisões, levando em conta a maneira como a criança está sentindo e pensando em cada situação.

Assim, podemos entender que o ensino começa a ter uma filosofia, realmente, voltada a aprendizagem; não a aprendizagem mecanizada, mas àquela voltada para o conhecimento do mundo através dos elementos pertencentes a esse mundo. Hoje o ensino tem uma segunda função, ou seja, a de construir o aluno enquanto sujeito de sua própria ação, por isso,

exatamente, que a metodologia está voltada para a construção social da criança entre os demais para poder construir sua lógica, seus valores sociais e morais.

JUSTIFICATIVA

O ponto chave da metodologia de uma educação está no desempenho do professor selecionar avaliações que utilizem os sentidos e a motricidade, bem como a convivência grupal no preparo das próprias operações lógicas, desde que a lógica apoia-se na coordenação geral das ações e exige, para se desenvolver a aprendizagem. O professor deverá estar consciente que na metodologia a ser empregada deverá estar implícito que o educando terá sempre alguma conduta a desenvolver e ou algum elemento do meio a assimilar. No entanto, verificando o índice de problemas acarretados por uma avaliação mal elaborada. Pois, como verificamos acima, a avaliação pode ser um objeto facilitador na aquisição do conhecimento.

OBJETIVO GERAL

Considerando a educação escolar uma prática social e cultural cuja compreensão nos coloca diante de situações desafiadoras na formação do aluno, à medida que exige um contexto interativo entre formação e ação, no qual vai além do processo de repetição automático, inconsciente e mecânico de competências práticas. Sendo assim, nosso trabalho se objetiva, principalmente, em trazer novas perspectivas para atender as dificuldades apresentadas no processo de avaliação, além de somar e compartilhar com metodologias diferenciadas.

METODOLOGIA

Ainda refletindo sobre o método, analisamos pareceres de diversos autores, tais como Ludke e André (1982) que afirmam:

“... o pesquisador não se abriga, como se queria anteriormente, em uma posição de neutralidade científica, pois está implicado necessariamente nos fenômenos que conhece e nas consequências

desse conhecimento que ajudou a estabelecer”. (Ludke e André, 1982: 05)

Neste sentido entendemos que a realidade pesquisada é uma somatória de insumos, variáveis e produto que interagem ao mesmo tempo e assim o método essencialmente quantitativo deixa passar o sentido educacional, fragmenta o objetivo proposto no estudo, que é compreender a visão geral sobre a situação real da avaliação. Conforme explica Teixeira (1997: 51), *“existe uma diferença conceitual fundamental entre compreender e explicar”*. Sant’Anna (1995: 36), esclarece que *“compreender é tomar objeto a ser investigado na sua intenção total, é ver o modo peculiar específico do objeto existir. Explicar é tomá-lo na sua relação causal”*. Neste estudo a pretensão é explicar e compreender, pois a análise é nada mais que um processo onde se verifica, explica e compreende, um determinado fato ou situação, mas tudo isso deve ser coerente com o processo de educação que é um processo dinâmico, complexo e em constante mudança, assim optamos por uma abordagem quantitativa e qualitativa. Em geral, estas abordagens contam com levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas vinculadas ao tema em questão e análise das respostas obtidas. A pesquisa bibliográfica tem como objetivo *“(...) recolher, selecionar, analisar e interpretar as condições teóricas já existentes sobre determinado assunto”*. (Cervo, 1983: 23). Para Cervo, a pesquisa exploratória:

“É uma abordagem adotada para a busca de maiores informações sobre determinado assunto de estudo. Possui um planejamento flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema”. (Cervo, 1983: 23).

A adoção da abordagem quantitativa foi adotada para viabilizar a análise, pois:

“... a análise é um processo de tratamento do objeto seja ele um objeto material, um conceito, uma ideia, um texto, etc, do qual este objeto é decomposto em suas partes constitutivas, tornando-se simples aquilo que era composto e complexo”. (Severino, 1984: 182)

Visando exercer a contento a atuação de um Orientador consciente, crítico e reflexivo, primeiramente buscamos uma abordagem quantitativa para verificar se a escola estaria avaliando de forma similar, dentro de um mesmo conceito, com as mesmas concepções e valores.

Optamos também e principalmente por uma abordagem qualitativa, onde procuramos agrupar as respostas análogas. Considerando as especificidades das ciências humanas, o estudo do comportamento humano e social deve ocorrer através de metodologia própria, uma vez que

“O emprego de modelos estritamente experimentais, por estarem baseados em um simplismo conceitual que não apreende um campo científico específico, pode conduzir a generalizações errôneas e dissimular, com o pretexto de um modelo único, o controle ideológico das pesquisas.” (Chizzotti, 1988: 69).

Assim, Ludke e André (1986) explicam:

“As questões novas vinham, por um lado, de uma curiosidade investigativa despertada por problemas revelados pela prática educacional. Por outro lado, elas foram fortemente influenciadas por uma nova atitude de pesquisa, que coloca o investigador no meio da era investigada, participando dela e tomando partido na trama da peça”. (Ludke e André, 1986: 9)

Desta forma, queremos inserir-nos no contexto Avaliação, de tal forma que possamos interpretar as respostas e, através da dialética, transferir a outros as concepções resultantes. Para Sant’Anna (1995: 36), nesta abordagem de pesquisa não há problemas a serem investigados, mas sim dúvidas que devem ser interrogadas.

“Essas dúvidas situam-se numa região de inquérito, na qual se localiza o fenômeno e que se constituirá como trajetória de pesquisa”.

Tendo o pesquisador como seu principal instrumento e o ambiente natural como sua fonte direta de dados, a pesquisa qualitativa pressupõe os termos de uma determinada unidade escolhida, como neste caso, a avaliação educacional.

PLANO DE AÇÃO

01 - CORRIDA COM OBSTACULOS

- DURAÇÃO - 4 horas.

- METODOLOGIA

A atividade CORRIDA COM OBSTACULOS, será feita em sala de aula com todas as crianças, Faremos uma roda de conversa onde estaremos explicando a atividade do dia que será dentro do projeto, oque é Olimpíadas na e como se trabalha, em seguida faremos o posicionamento das crianças em duas filas, colocando os em um atrás dos outros enfrente as garrafas Pet que estarão divididas em duas fileiras de 8 garrafas onde eles farão baliza entre elas, sendo que o grupo que acabar de percorrer primeiro entre as garrafas serão os vencedores, ou seja, os vencedores. E no período da tarde será feita a caminhada de abertura da Olimpíadas, com apresentação da banda de fanfarra da escola Pascoal Ramos e brincadeiras recreativas.

- RECURSOS METODOLÓGICOS

Garrafa Pet com Água.

02. CAUDA DO DRAGÃO

DURAÇÃO – 4 horas

METODOLOGIA

Todos os participantes ficam em pé, em uma fila indiana com as mãos na cintura um do outro, formando um dragão. O primeiro integrante da fila, representando a cabeça do dragão, terá como objetivo pegar o último da fila, que representará a cauda. Ao sinal do educador, o "dragão" passará a se movimentar, correndo moderadamente, sob o comando da cabeça que tentará pegar a cauda. Esta, por sua vez, fará movimentos no sentido de evitar que isso aconteça. A brincadeira continuará enquanto durar o interesse das crianças.

03. BISCOITINHO QUEIMADO

DURAÇÃO – 03 h

RECURSO METODOLÓGICO - Um brinquedo.

METODOLOGIA

O educador esconde um brinquedo qualquer (o "biscoitinho queimado"), enquanto os participantes estão de olhos fechados. Depois grita: "Biscoitinho queimado!", e os outros têm que tentar encontrá-lo. Quando uma criança chega perto do "biscoitinho queimado", o educador grita seu nome e fala: "Está quente!". Se estiver longe, ele grita "Está frio!". Quem encontrar o brinquedo primeiro ganha.

04. COLHER CORRENTE

RECURSO METODOLÓGICO - Colheres de sobremesa e caramelos.

METODOLOGIA

As crianças formam duas filas com número igual de pessoas. Elas ficam sentadas frente a frente, cada uma com uma colher de sobremesa. O primeiro da fila recebe na sua colher, presa com o cabo na boca, um caramelo, que deverá passar para a colher do vizinho. A brincadeira começa e, sob uma ordem dada pelo educador, cada um deverá passar o caramelo, com a colher na boca, para a colher do vizinho, sem ajuda das mãos, que devem ficar cruzadas nas costas. Toda vez que o caramelo cair, a criança pode recolhê-lo com a mão e continuar a brincadeira. Ganha a fileira que primeiro conseguir passar o seu caramelo de colher para colher até o final.

3.6 TEMPO PARA REALIZAÇÃO DO PROJETO

O tempo para realização do projeto, um semestre.

3.7 RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS

Professores e alunos, garrafa pet, colheres, caramelos, brinquedo.

3.8 AVALIAÇÃO

Será realizada através de registro individual e coletivo de cada atividade de forma processual e continua. Também serão observados o desenvolvimento das crianças dentro das atividades esportivas que serão desenvolvidas.

CONCLUSÕES

Verificamos, pois, que as avaliações não se separam do objetivo, ao contrário, se completam. Para que o professor possa saber o que o aluno necessita aprender, dentre os conteúdos elaborados, faz a avaliação diagnóstica. A partir dessa avaliação, o professor elabora seu planejamento. Ao longo do processo de ensino, faz avaliações processuais, dessa forma avalia se está conseguindo sanar as dificuldades apresentadas. Finalmente, o processo é terminado e chega-se a avaliação somatória, ou seja, o objetivo desejado foi atingido. A partir do exposto verificamos que a metodologia e/ou didática da avaliação tem a função de propiciar ao educando o desenvolvimento do raciocínio, através de reflexão sobre os assuntos trabalhados, para que ele tenha condições de analisar, comparar, solucionar problemas, inovar, aprender com os outros por meio da discussão, do debate, da troca de papéis, ele será remetido a uma profunda mudança de atitude, valorizando, respeitando a cooperação, as opiniões dos outros, sendo esse o nosso objetivo principal, pois acreditamos que por meio de conceitos, fatos e situações estaremos aptos a propiciar o resgate do aprender a aprender.

Em um quadro geral deu para sentir que existe uma grande distância entre as normas apresentadas no PCN e as executadas no “campo”. Os professores mostraram-se reticentes em termos de avaliação, o que demonstra que os mesmos não estão aptos a fazerem mudanças nos paradigmas, aceitando os sistemas existentes na escola; não questionam ao menos como foi que a escola adotou, quais critérios, entre outras alternativas. Quanto ao segundo objetivo, notadamente a diferença entre a realidade e o discurso ainda está acentuada.

Por sua vez, os professores não quiseram discutir mais sobre avaliação, tanto que houve grande número de abstenções na questão que trata das sugestões. O que é planejado, controlado e avaliado tem como referência a posição de onde o aluno deveria estar e não de onde está de fato. É o conhecimento prescritivo em que qualquer outro saber é desqualificado, reduzindo a postura do aluno à “cultura do silêncio”. Daí por que boa parte destes alunos não faz perguntas e não busca na escola um espaço para conectar e enriquecer sua realidade vivencial.

Naturalmente pudemos perceber que alguns alunos tentam furar o cerco, mas são rigidamente detidos principalmente com agressões que atacam a autoestima e alguns poucos resistem mesmo assim. Como afirma a poeta Cecília Meireles, “*o vento é o mesmo, mas sua resposta é diferente em cada folha*”. De maneira geral, ao final destas séries o aluno tem à sua frente dois mundos: um real, contraditório e ao qual pertence, e outro imaginário e estereotipado, que fixa fora do tempo e do espaço valores absolutizações que emanam das relações estabelecidas na escola. Esta, sim, alicerçada uma atitude de conformismo que apenas irá se reverter à custa de muito sofrimento social, externado por votações equivocadas, relações de servidão e sentimento de impotência diante de questões estruturais e conjunturais.

Podemos verificar que não existe uma padronização em termos de formas e critérios de avaliação e embora a maioria dos professores explique que estão sendo norteados a adotarem uma postura de autonomia, falta uma fundamentação e principalmente uma conscientização da importância da avaliação para o bom desenvolvimento do aluno.

O fracasso escolar no Brasil, segundo Penna Firme (1998), foi causado em sua maioria pelo processo avaliativo, mas não queremos culpar o professor. Preferimos acusar o processo, porém, é preciso deixar claro que o professor, em geral, não foi capacitado como avaliador na sua formação acadêmica, nem na sua prática profissional.

Todo professor deveria entender de avaliação como entende de ensino, mas isso não acontece, infelizmente. Portanto, antes de julgar o docente no seu papel de avaliador, é preciso ensinar-lhe o que não aprendeu. Acreditamos que nenhum professor é mal intencionado, é mal formado, apenas. Os

caminhos mais avançados da avaliação são os que priorizam a participação autêntica dos atores envolvidos no processo.

A propósito, foi Patton (1994) quem disse, entre suas histórias: “*Há cinco variáveis-chave absolutamente críticas no uso da avaliação. São elas, por ordem de importância: gente, gente, gente, gente e gente*”. Vale ressaltar o esforço que o Brasil vem fazendo no que se refere a regulamentar e pôr em prática a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação/ LDB (Brasil, Lei nº 9394/96), para os que têm se utilizado daqueles aspectos que apontam para a flexibilidade na composição de programas educacionais, cursos, propostas pedagógicas e decisões administrativas que se proponham a assegurar às crianças e aos jovens o direito de aprender!

Apesar das determinações das gerências educacionais, ainda é grande o número de professores que utilizam a avaliação como instrumento que se destina a um julgamento definitivo, ao invés de tê-la como um instrumento integrativo e inclusivo. Daí a função que pode adotar o Orientador Educacional, ao abordar a avaliação focalizando-a do ponto de vista da sala de aula, ou seja, no nível do processo ensino-aprendizagem. O importante é o Orientador Educacional mostrar a importância essencial da avaliação do processo ensino-aprendizagem para o educando e para o educador, procurando oferecer subsídios a todos aqueles que trabalham com a educação, ajudando-os a compreender a avaliação como um processo contínuo e, assim, melhorando a eficácia do processo ensino-aprendizagem.

Tomando as palavras de Luckesi, “a avaliação é uma meta a ser trabalhada, que, com o tempo se transformará em realidade, por meio de nossa ação. Somos responsáveis por esse processo. A avaliação é um ato amoroso”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Schimidt de. *A seletividade escolar e as relações sociais no cotidiano da escola*. Cuiabá: UFMT/ INEP, 1993.

ALMEIDA, Custódio S. de. Avaliação como aprendizagem de cidadania. In: *Revista da Educação*. Brasília: AEC, jan/mar de 1995.

ANDREOLA, Balduino A. *Dinâmica de grupo: jogo da vida e didática do futuro*. São Paulo: Vozes, 1993.

AZANHA, J. M. P. *Educação: alguns escritos*. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

_____. *Educação: Temas Polêmicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BECKER, Fernando. *Da ação à operação: O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire*. Porto Alegre: Palmarica, 1993.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1993.

CHIZZOTTI, A. *Avaliação do Ensino Superior*. São Paulo: Ciência e Cultura, 1988.

COSTA, Marly de Abreu. *Qualidade de ensino e a escola pública de tempo integral em questão*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. (Tese de doutorado).

DEMO, Pedro. *Pesquisa participante: mito e realidade*. Brasília: UNB/Inep, 1992.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1989.

GADOTTI, Moacyr. *Escola cidadã: uma aula sobre autonomia da escola*. São Paulo: Cortez, 1992.

GIPPS, C. *Beyond Testing-toward a theory of educational assessment*. London: The Falmer Press, 1992.

INTERDISCIPLINARIDADE e filosofia. Revista de Ciências Humanas, U. F. Paraíba, Jan.-mar. 1980.

KAUFMAN, Ana Maria. *Leitura; a escrita e a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KAUFMAN, J. e col. - *Teaching/Learning: Quantitative and Functtónal Analysis of Educational Performances*- In Joum. Special Educ. Jan.81.

LOURENÇO FILHO. *Nova tabuada e noções de matemática*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem: estudos e preposições*. São Paulo: Cortez, 1995.

LUDKE, Neuza e ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1982.

MELCHIOR, J. C. de. *A questão da autonomia da escola*. São Paulo: Fe-USP, 1991 (mimeo).

PENNA FIRME, Thereza. *Avaliação de Docentes e do Ensino*. U.F.R.J. e Fundação CESGRANRIO. Brasília, 1998.

PETEROSSO, Helena G. & FAZENDA, Ivani C. A. *Anotações sobre metodologia e prática de ensino na escola de ensino fundamental*. São Paulo: Loyola, 1999.

POPHAM, W. J. *Manual de avaliação: regras práticas para o avaliador educacional*. Petrópolis: Vozes, 1989.

SANT'ANNA, I. M. *Por que avaliar? Como avaliar? Critério e instrumento*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SAVIANI, Demerval. *Ensino Público e Algumas Falas sobre Universidade*. São Paulo: Cortez, 1984.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. 27. ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1993.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 1984.

SOUZA, Sandra Kátia L. Revisando a teoria da avaliação da aprendizagem. In: *Avaliação do Rendimento Escolar*. Campinas: Papyrus, 1991.

TEIXEIRA, M. A. R. M. *Professores: ação e formação: a busca de uma nova profissionalidade*. (Tese de Mestrado). São Paulo: PUC, 1997.

VIANNA, H. M. *Avaliação educacional: algumas ideias precursoras*. Educação e Seleção, 1982(a).

- MEMÓRIAS DE UMA ESTUDANTE (Rafaela Lucília Silva Bandeira)

MEMÓRIAS DE UMA ESTUDANTE

Rafaela Lucília Silva Bandeira

Relato de experiências pessoais.

Foi na década de 90, que iniciei a minha vida escolar. Naquela época começava primeiro na pré-escola. Lembro-me apenas do parquinho da escola nesta fase. Algum tempo depois passei a frequentar a 1º série, na escola “EMEB Otacílio Sebastião da Cruz”. Fiquei nesta escola até 4º série. A acolhida era de fila e cantávamos o Hino nacional todos os dias, logo depois íamos para sala de aula, e recebíamos o café da manhã geralmente era Leite com achocolatado e bolacha, outros dias substituíam o leite pelo suco. Em sala de aula a rotina era sempre a mesma todos sentados em carteiras enfileiradas. Eu adorava a hora do lanche, pois acordava muito cedo para ir à escola, então quase nunca dava para tomar café em casa. Depois passei a estudar em outra escola “E.E. Leônidas Antero de Matos”. Fui para 5º série, foi uma experiência impactante! Pois me sentia muito perdida. Eu passara ter mais de um professor. Eu tinha muita dificuldade em acompanhar a rotina de sala, a cada 30 a 40 minutos trocava de professor. Os professores eram “pavorosos” “e” eu morria de medo deles”. Mas não demorou muito superei as dificuldades. A acolhida dessa escola era bem parecida com a outra escola que estudei. O horário de entrada era 07Hs a 07Hs15. Se chegasse depois desse horário o aluno era obrigado pela diretora a voltar para casa. A escola parecia uma prisão, grades nas janelas, corredores, portões e muros altos. E não tinha quadra coberta, tínhamos de fazer as atividades de Educação Física no sol quente ou à noite. Estudei lá até a 8º série. As aulas geralmente eram dadas no quadro negro e tínhamos que copiar do quadro. Particpei de duas feiras de ciências nesta escola. Quando eu estava cursando 8º série, fui convidada a participar do grêmio estudantil. Bom eu nunca havia ouvido falar sobre o

grêmio, mas aceitei o convite. Particpei com meus outros colegas que também faziam parte do grêmio, de alguns torneios para ajudar a nossa escola. Conseguimos dois computadores para nossa escola. Foi muito satisfatório. Bom já o 2º grau eu cursei em outra escola, “E.E. Emília de Figueiredo”. A acolhida dessa escola era bem diferente quando entravamos na escola íamos direto para a sala de aula a hora do intervalo era a mesma hora do lanche. Nesta escola tinha uma radio estudantil, feita pelos próprios alunos. Bem legal, amei estudar lá. Bom fiquei lá por três anos, depois prestei vestibular na UNIC (Universidade de Cuiabá), estudei lá até o 6º semestre de ciências biológicas, mas não consegui me formar, pois eu não tive mais condições financeiras para continuar estudando, uma vez que eu não possuía bolsa estudantil. Passei alguns anos sem estudar me casei, tive uma filha e quando me estabilizei financeiramente resolvi voltar a estudar. Optei por cursar pedagogia, por que gostaria de compreender esta ciência que é “educar” e como é “ser mediador do conhecimento”.

**- OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS DA BNCC NA EDUCAÇÃO INFANTIL
(Cássia Regina Alves de Oliveira, Jucileide de Jesus Oliveira Arrais,
Marcilene Pereira Souza, Marli Scartezeni, Patrícia Juchem)**

OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS DA BNCC NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cássia Regina Alves de Oliveira
Jucileide de Jesus Oliveira Arrais
Marcilene Pereira Souza
Marli Scartezeni
Patrícia Juchem

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, também foram analisados vídeos e lives com especialistas no assunto em questão. Tem por objetivo analisar os campos de experiências da BNCC na educação infantil/creche e auxiliar os professores desta modalidade de ensino quanto a compreensão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enquanto documento normativo que define o conjunto progressivo das aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Entendendo que a BNCC, não se trata do currículo, mas, trata-se, de um documento básico, comum a todos e é nesta base que as escolas devem construir seus currículos. Neste artigo nos deteremos apenas a Educação Infantil em especial as creches, analisando como se estrutura o aprendizado, auxiliando os docentes no planejamento das suas aulas, na compreensão dos conteúdos de maneira a garantir a todos os alunos os direitos de aprendizagens contidos em cada Campo de experiências proposto pela Base, promovendo desta forma uma educação de qualidade que garanta, igualdade e equidade.

Palavras-chave: BNCC. Alunos. Educação Infantil. Criança.
Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo, tendo em vista os avanços da sociedade moderna surge então a necessidade de construir um documento com o objetivo de nortear o ensino em todo o Brasil, promovendo igualdade e qualidade do ensino.

Pode-se perceber ao longo dos anos que a educação no Brasil passou por muitas transformações sempre buscando melhorar o sistema de ensino. E

depois de muitos estudos surge a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) A base sobre a qual todas as instituições de ensino sejam públicas ou privadas deveriam alicerçar os seus currículos.

A BNCC teve três versões: a de junho de 2015, disponibilizada de setembro até março de 2016 para críticas e sugestões da comunidade; a segunda disponibilizada em maio de 2016, e a terceira, disponibilizada em abril de 2017 e homologada em 20 de dezembro, após o término pelo Conselho Nacional de Educação.

Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil.

Como citado anteriormente, a BNCC não se trata de um currículo, mas, a base para que as instituições de ensino construam seus currículos, por tanto, as Creches fase da educação infantil a qual nos deteremos neste artigo devem construir o currículo de maneira que este possa alcançar os objetivos de aprendizagens e desenvolvimento para cada faixa etária contidos em cada campo de experiência propostos pela Base, garantindo a cada aluno seis direitos de aprendizagem estruturados por meio das interações e brincadeiras.

Ao observar as dificuldades enfrentadas pelos professores desta modalidade de ensino quanto a compreensão dos conteúdos a serem trabalhados como os bebês e crianças bem pequenas, (creches) de acordo com cada Campo de Experiência, temos o objetivo de ajudá-los quanto ao planejamento e desenvolvimento das aulas, compreendendo os conteúdos a serem trabalhados em cada campo de experiência de forma que possa garantir os direitos de aprendizagem e desenvolvimento sempre respeitando as especificidades, adequando o currículo, o planejamento anual, bimestral, quinzenal etc.

Ainda de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os dois eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as **interações** e a **brincadeira**, por meio das interações com crianças e adultos as crianças irão vivenciar experiências pelas quais construirão o conhecimento

por meio de suas ações, interação e socialização. Ou seja, o aprendizado é adquirido por meio das experiências vividas pela criança. (BRASIL, 2009)

Diante do exposto pela Base, surge a necessidade de uma nova adaptação. As instituições ensino devem se adequar as normas e os professores precisam conhecer o conteúdo do documento e a forma como irão desenvolver o trabalho pedagógico.

REFERENCIAL TEÓRICO

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009)²⁷, em seu Artigo 4º, definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Assim como em documentos anteriores a criança era definida como sujeito que possui uma história, que possui direitos e que por meio das interações constroem sua identidade, pessoal e coletiva, capaz de criar e reinventar a Base reafirma e amplia esta questão, tornando mais claro como acontece o aprendizado, orientando e norteando os conteúdos a serem trabalhados garantindo os direitos e evidenciando os desejos desenvolvendo a autonomia e a cidadania, enfim, garantindo que que todos os estudantes do Brasil possam desenvolver um conjunto essencial de habilidades comuns a todos.

Competências gerais da Educação Básica

“A BNCC desempenha papel fundamental, pois explicita as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver e expressa, portanto, a igualdade educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas” (BRASIL, 2017, p.15).

Um dos objetivos da construção deste documento foi garantir a igualdade no ensino, que em todos os estados e municípios, escolas públicas e

privadas pudessem desenvolver nos alunos as mesmas habilidades, que haja o mesmo sistema de ensino sem deixar de priorizar o regionalismo.

Segue abaixo as 10 competências gerais da BCC, que são as aprendizagens essenciais para a educação básica. Para as crianças da creche, são conceitos que são apresentados dentro das experiências vividas.

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL. BNCC p.9,10)

A BNCC será orientada por dez competências, denominadas:

Competências Gerais para a Educação Básica, que devem estar presentes na formação de todos os estudantes. As competências discorrem de assuntos como: aprendizagem intelectual, investigação e reflexão crítica, resolução de problemas cotidianos, respeito à diversidade e exercício para a cidadania. (BRASIL, 2017, p. 08).

As 10 competências gerais citadas acima se tratam do que os que os alunos devem aprender ao longo de toda a Educação Básica sendo que na Educação infantil o aprendizado acontece em 5 Campos de experiências conforme (BNCC p.9, 10)

Segundo Costa, Farias e Souza (2019) a BNCC é um mecanismo que veio para alinhar o trabalho docente, porém é necessário a formação dos educadores para que tenham conhecimento sobre como organizar o currículo sem deixar de refletir sobre a realidade local.

Os autores em concordância com o trecho extraído da Resolução CNE/CP nº 2/2017, sobre a formação docente, a qual a BNCC almeja, citam que: Art. 3º No âmbito da BNCC, competência é definida como a mobilização

de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores, para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017).

Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil

Conforme (BNCC, p. 24-25) segue abaixo os direitos de aprendizagens e desenvolvimento na Educação Infantil:

- *Conviver* com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.

- *Brincar* cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

- *Participar* ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

- *Explorar* movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

- *Expressar*, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.

- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário

Como citado anteriormente na etapa da educação infantil o aprendizado acontece por meio das interações e das brincadeiras, dentro de cinco campos de experiências que precisam garantir os direitos de aprendizagens de forma a alcançar os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dentro de cada faixa etária. Tudo precisa ser acontecer de maneira planejada e organizada previamente, as atividades devem ser realizadas em espaços diversificados e com materiais diversos.

É por meio dessas experiências com o meio, com os pares e também com os adultos que as crianças aprendem a se reconhecer como sujeito, a compartilhar os espaços e os objetos disponíveis em cada momento de aprendizagem.

Objetivos de Aprendizagem e desenvolvimento conforme cada Campo de Experiência

Na (BNCC p.44-52) encontramos os Objetivos de aprendizagens e desenvolvimento conforme cada Campo de experiência. Os objetivos correspondem as habilidades que as crianças precisam desenvolver dentro de cada período conforme a faixa etária e a maturidade dos alunos. Os objetivos ou habilidades essenciais ao desenvolvimento das crianças são apresentadas por meio de códigos alfanuméricos:

Vejamos o exemplo **EI02TS01**:

- o primeiro par de letras: **EI**, corresponde a etapa da Educação Infantil;
- o primeiro par de números: **02**, corresponde ao grupo, que é definido pela faixa etária das crianças: 01 = Bebês (zero a 1 ano e 6 meses), 02 = Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), 03 = Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses);
- o segundo par de letras: **TS**, diz respeito ao campo de experiências específico a ser trabalhado: EO = O eu, o outro e o nós, CG = Corpo, gestos e movimentos, TS = Traços, sons, cores e formas, EF = Escuta, fala, pensamento e imaginação, ET = Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações;

- por fim, o último par de números: **01**, corresponde ao número sequencial da habilidade dentro da quantidade de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que existem para cada campo de experiência, grupo e faixa etária.

Ao organizar uma atividade/projeto é provável que teremos vários objetivos de aprendizagens de campos de experiências diferentes na mesma atividade, eles estão interligados, pois, o conhecimento acontece de maneira interdisciplinar a partir das experiências vividas por cada criança.

Campo de Experiências “O eu, o Outro e o Nós”

(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.

(EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.

(EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.

(EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.

(EI03EO07) Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.

Campo de Experiências “Corpo, Gestos e Movimentos”

(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.

(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.

(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência.

(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

Campo de Experiências “Traços, Sons, Cores e Formas”

(EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.

(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

(EI03TS03) Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.

Campo de Experiências “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

(EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.

(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.

(EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.

(EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.

(EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.

(EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).

(EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

Campo de Experiências “Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações”

(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.

(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.

(EI03ET03) Identificar e selecionar fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação.

(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.

(EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.

(EI03ET06) Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.

(EI03ET07) Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.

(EI03ET08) Expressar medidas (peso, altura etc.), construindo gráficos básicos.

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural (BNCC, 2017 p. 40).

De Maneira Resumida, vamos elencar como cada campo de experiência estimula as aprendizagens na Educação Infantil/creche:

O eu, o outro e o nós: Podemos dizer que este é o campo dos *relacionamentos*, onde a criança irá desenvolver a empatia (colocar-se no lugar do outro), expressão de sentimentos e ideias, reflexões sobre as suas ações, cuidados pessoais, brincar coletivamente, construção da identidade e da autonomia, respeito às diferenças, regras de convivência e consciência ambiental e cidadania. Esse campo ressalta o sentimento de pertencimento a determinado grupo, o respeito e o valor às diferentes tradições culturais.

Corpo, gestos e movimentos: Neste campo o foco encontra-se no *corpo* e suas possibilidades, por meio dos sentidos a criança ampliará o desenvolvimento motor, o equilíbrio, fortalecerá o tônus muscular, irá desenvolver atividades como: jogos de imitação, musicalização, reconhecer o próprio espaço e o do outro, capacidade de situar-se e orientar-se em relação aos objetos e as outras pessoas em um certo espaço.

Traços, sons, cores e formas: Este é o campo das *artes*, as atividades propostas irão desenvolver a coordenação motora, o ritmo, produção e discriminação de sons, a evolução do traçado (desenho, escrita), a sequência lógica e pensamento criativo, a criança irá expressar-se corporalmente e verbalmente por meio das múltiplas linguagens: verbal, corporal, sonora, visual e digital.

Escuta, fala, pensamento e imaginação: O foco deste campo está na *linguagem oral* e o relacionamento dela com a *comunicação*, organização e

expressão das ideias, reconto e dramatização de histórias, vivências de situações cotidianas, e o desenvolvimento da consciência fonológica, leitura e escrita.

Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações: campo da matemática: noção de tempo, espaços, medidas, propriedade dos objetos, classificação, seriação, transformações, percepção do meio ambiente e de eventos da natureza.

As formas como os campos de experiências organizam as aprendizagens na infância orienta o professor no planejamento e na avaliação de sua prática pedagógica diária. Além disso, esse arranjo curricular para a Educação Infantil permite a elaboração de intervenções voltadas para os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento citados anteriormente – *Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se*. Garantindo a todos o acesso aos conteúdos e aos recursos disponíveis, sempre com um olhar atento naqueles que possuem mais dificuldades de aprendizagem.

No dia a dia da escola, é fundamental que haja uma imersão da criança em vivências que lhe permitam avançar em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, é necessário promover experiências de interações com outras crianças e adultos e nas brincadeiras e interações a criança demonstra seu jeito próprio de ser e aprende a compreender as diferenças.

Finalmente, é preciso destacar e reconhecer que a organização das aprendizagens na Educação infantil por meio dos campos de experiências traz sentido e significado às situações que a criança vivencia na escola e passo a passo ela constrói seu próprio conhecimento.

Considerações finais

Ao concluir esta pesquisa percebemos que a BNCC veio para alinhar as aprendizagens essenciais e dar um norte à educação básica no Brasil. Ao analisar a maneira como o aprendizado acontece por meio dos campos de Experiências percebemos que o conhecimento se desenvolve na prática por meio das experiências vivenciadas pelos alunos quando eles brincam com

brinquedos diversos, de diversas formas e em diferentes ambientes, quando participam ativamente decidindo, se posicionando quanto as suas escolhas e também quando é estimulado a criança a explorar ambientes, movimentos, gestos, formas, jogos, brinquedos e objetos diversos.

É necessária criar oportunidades para que as crianças possam se expressar como sujeito criativo e sensível, levando-os a demonstrarem suas necessidades.

O educador por sua vez, precisa proporcionar vivencias que levem a criança a conhecer-se, construindo uma imagem positiva de si mesma, percebendo que pertence a uma família, a determinado grupo social, religioso etc.

Percebe-se que são um conjunto de experiências concretas vividas pelas crianças que vão passo a passo desenvolvendo o conhecimento de si, do outro e da sociedade em que está inserida.

Concluimos que a BNCC veio trazer uma visão melhor do que seja a Educação de maneira integral e é necessário conhecê-la profundamente e aplicá-la no processo de ensino e aprendizagem.

Bibliografia

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: 2010, p. 12. Disponível em <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em: 30/05/2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 20 de maio. 2023. disponível em [» http://basenacionalcomum.mec.gov.br/](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/)

COSTA, M. C. S.; FARIAS, M. C. G.; SOUZA, M. B. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Formação de Professores no Brasil: retrocessos, precarização do trabalho e desintelectualização docente. Movimento-Revista de Educação, Niterói, ano 6, n. 10, p. 91-120, jan./jun. 2019

Educa Criança. *Resumo dos campos de Experiências e objetivos de aprendizagem para organizar seu plano de aula*. Acesso em 30 de maio de 2023 disponível em: [Campos de Experiências e objetivos de Aprendizagem da BNCC - Educa Criança \(educacrianca.com.br\)](http://educacrianca.com.br)

Imaginie Educação. *Entenda quais são as habilidades da BNCC para a educação Básica.* acesso em 31 de maio de 2023 disponível em: [Habilidades da BNCC: veja quais são para as etapas da educação básica \(imaginie.com.br\)](http://imaginie.com.br)

Tudo sala de Aula. Habilidades BNCC educação Infantil. Acesso em 31 de maio de 2023 disponível em: [HABILIDADES BNCC EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÉ-ESCOLA \(CRIANÇAS PEQUENAS\) \(tudosaladeaula.com\)](http://tudosaladeaula.com)

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: Acesso em: 23 mar. 2017.

**- OS RECURSOS UTILIZADOS PARA CONTAR HISTÓRIAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL (Daiane Aparecida Lourenção)**

OS RECURSOS UTILIZADOS PARA CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daiane Aparecida Lourenção⁴

RESUMO:

O presente artigo é uma pesquisa bibliográfica sobre os recursos para contar histórias, sendo esses necessários para que o contador tenha sucesso ao efetuar este ato milenar, principalmente na educação infantil onde as crianças concentram por uma atividade em alguns minutos e após isso se dispersam, isso porque sempre a atenção da criança ao um determinado assunto é curto, fazendo com que o contador de história tenha domínio das técnicas para chamar a atenção do ouvinte. Sendo assim faz se necessário compreender as técnicas e os usos dos recursos para contar uma história e promover uma viagem aos pequenos pelo mundo da imaginação.

Palavras-chaves: Contação de histórias. Recursos. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Com a inserção da contação de história na sala de aula é comum se deparar com professores utilizando essa ferramenta pedagógica sem conhecer as técnicas, recursos e métodos que facilitam no momento de contar histórias, principalmente por ter um público-alvo cheio de energias e que logo se desinteressa dependendo da atividade, isso é comum com atividades longas e cansativas. Quando o professor planeja contar histórias e não utiliza recursos que chamem a atenção do aluno, em poucos instantes nenhum aluno estará sentado na rodinha de história.

⁴ Daiane Aparecida Lourenção, Licenciada em Pedagogia no ano 2015 na Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte, especializada em Psicopedagogia Institucional na mesma Instituição de ensino no ano de 2016.

Em alguns casos os professores planejam a contação apenas para seguir normas estabelecidas na instituição sem ao menos compreender os passos importantes que devem ser seguidos para contar uma história. Ao observar a importância da contação de história na vida das crianças foi despertado o interesse em fazer uma pesquisa com o seguinte objetivo: Analisar os recursos utilizados pelos professores ao utilizar esse ato milenar na sala de aula.

O foco da pesquisa foi na educação infantil partindo da ideia empírica que os professores são os que mais utilizam a contação na sala de aula, diante disso foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada nos conhecimentos dos seguintes autores – Busatto (2012), Coelho (1991), Dhome (2003) e Fonseca (2013).

Estratégias utilizadas para a contação de história

Na educação Infantil atividades lúdicas são essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem, nas instituições é fundamental ter um local colorido e aconchegante com brincadeiras diversificadas que ressalte a interação da criança com o mundo de fantasias, nessa fase a contação de história é muito utilizada e por ser uma ferramenta pedagógica requer atenção e cuidados.

O professor deve conhecer a sua turma priorizando suas necessidades e sua faixa etária, pois conforme a idade, a criança tem o interesse em ouvir diferentes histórias. Coelho (1991) descreve as características das histórias para cada faixa etária:

Pré- escolares	Até 3 anos: fase pré-mágica	Histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados) Histórias de crianças
	3 a 6 anos: fase mágica	Histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve etc.) Histórias de fadas

Fonte: COELHO. Contar histórias uma arte sem idade. 1991.

Quando o professor conhece qual é a melhor história para cada faixa etária sua busca fica mais simplificada. No caso da educação infantil, as histórias são voltadas para o universo que compõem a realidade deles. Ao levar para a sala uma história que retrata a vida de um bichinho que faz parte do cotidiano da criança, esse momento poderá ser de troca onde a criança poderá falar do carinho que sente e a história abordará fatos importantes sobre a vida dele.

A história promove momentos de envolvimento e aprendizagem, por isso o professor ao contá-la, deve adquirir certos cuidados antes e durante a história, para isso é importante frisar passos importantes desde a escolha até as atividades que poderão ser feitas através da história. De acordo com os autores Busatto (2012), Coelho (1991), Dhome (2003) e Fonseca (2013) existem técnicas que ajudarão o contador de história a realizar este ato com sucesso.

A escolha da história

Ao utilizar uma história na sala de aula é preciso fazer uma escolha sábia, para isso é necessário analisar a necessidade da criança naquele

momento - quais são os conflitos, suas dificuldades - só assim o professor terá um objetivo a ser alcançado com aquela história. Fonseca (2013) ressalta a importância de fazer as seguintes perguntas antes de escolher uma história: Para quem? Para que? - Ao obter as respostas ficará mais fácil de selecionar o texto com a faixa etária e característica da turma.

Ao escolher uma história é importante conhecê-la num todo, prestando atenção na mensagem, nos personagens e ambientes, para que ao contá-la a criança compreenda a história como ela é de fato. Na escolha é preciso se identificar com ela, saber o que pretende atingir ao levá-la para a sala de aula, só assim o professor terá sucesso ao efetuar a contação de história. Fazer uma boa escolha fará toda a diferença nesse processo e por mais que seja apenas o primeiro passo, ele se torna a base para que tudo corra bem.

Conhecendo a história

O bom contador ressalta bem as características dos personagens, sabe os momentos de falar com um ritmo mais acelerado outros mais calmos, para isso acontecer é de extrema importância conhecer bem a história. Contar história sem conhecer sua estrutura é prejudicar todo o seu trabalho. Deve-se ler e reler, estudar cada personagem e captar o que cada um tem de melhor a oferecer. Ao fazer um estudo sobre a história o professor compreenderá os pontos principais dando ênfase nos momentos certos, para Dohme (2003) uma história divide-se em quatro partes, sendo eles: introdução, enredo, ponto culminante, desfecho.

Introdução – Período inicial que situa a criança sobre os personagens, conflitos, tempo e espaço.

Enredo - são situações de confrontos e desafios, vitórias e derrotas, incertezas e descobertas.

Ponto culminante – é o ponto mais alto da história.

Desfecho – é o período que finaliza a história, resolvendo os conflitos e transmitindo a mensagem desejada.

Conhecer todas essas etapas possibilita fazer certas adaptações sem perder o sentido da história, por saber os pontos principais da história o professor poderá ter mais liberdade ao contar, sabendo os momentos de fazer

suspense, fazer pausa e de improvisar, facilitando o momento da contação. Contar a história sem conhecê-la é remar contra a maré, toda a insegurança que estará com o contador será transmitida nos movimentos e em sua voz, por isso para se ter sucesso na contação de história deve se estudá-la e conhecer cada passo, não adianta selecionar uma ótima história se no momento de contá-la o professor deixar a desejar.

RECURSOS UTILIZADOS NA CONTAÇÃO

O professor que utiliza o ato de contar história como ferramenta pedagógica pode optar pelo auxílio de recursos que chamem a atenção das crianças. Ao narrar uma história não é regra utilizar recursos auxiliares, sendo função do professor, decidir se irá usar ou não, é claro que numa história o importante não são os meios e sim o todo, por isso seja com ou sem recursos o professor deverá conduzir bem a história, enfatizando cada passo para que consiga alcançar seus objetivos. Fonseca (2013) ressalta que ao optar por utilizá-los o profissional deve escolher materiais que possam dar asas a imaginação, nesse caso o recurso é apenas uma sugestão para que o ouvinte possa fantasiar um personagem.

O segredo é saber utilizar o recurso, o professor deve analisar qual objeto poderá despertar a imaginação e usá-lo na dosagem certa. Ao optar pelo uso de recursos é preciso prepará-los com antecedência, dependendo do objeto deve treinar para que no momento da contação da história tudo ocorra perfeitamente.

Muitos professores optam por utilizar um recurso que lhe traga segurança, um exemplo disso é quando a professora vai contar a história do Chapeuzinho vermelho e utiliza a capa vermelha da personagem como recurso visual. Ela incorpora o estilo da personagem dando mais vida a história que está sendo contada. Nesse sentido o recurso é um aliado do contador por possibilitar a curiosidade da criança ao visualizar algo diferente. Existem diferentes recursos utilizados pelos professores para contar histórias, dentre eles estão:

Os Fantoches - são muitos utilizados na sala de aula. Para Fonseca (2013, p.125) [...] são aqueles bonecos, normalmente feitos com uma parte de tecido, abertos embaixo e nos quais introduzimos a mão para manipulá-los (como uma luva). Esse recurso precisa de muita atenção do contador, principalmente quando contém diferentes personagens envolvidos, normalmente trazem os personagens em miniaturas e são manipulados um de cada vez em quanto ocorrem a história, por isso são bem aceitos pelos ouvintes que ficam atentos a cada passo do contador.

O Livro - nesse caso é utilizado para mostrar as ilustrações para a criança. Segundo Coelho (1999, p.32) “Há textos que requerem, indispensavelmente, a apresentação do livro, pois a ilustração os complementa”. Alguns livros contêm apenas imagens ilustrativas, dando a possibilidade ao contador de criar uma história a partir daquelas imagens, esses livros são ótimos para incentivar a criança a contar história. É importante ressaltar que em algumas histórias é interessante não utilizar o livro como recurso, por trazerem em suas ilustrações muita informação, fazendo com que a criança não fantasie apenas acompanhe os desenhos, perdendo todo o encanto, afinal a contação vem para aguçar a imaginação.

Baús - em alguns casos são caixas enfeitadas contendo diferentes objetos que são tirados no momento certo da história. Para Fonseca (2013, p. 114) “O baú de histórias pode ser utilizado nos momentos em que o professor contar histórias ou pelas crianças. Dentro dele são guardados os objetos que farão parte da narração”. Esse recurso é muito interessante e desperta a curiosidade das crianças, por ficarem ansiosas sobre o que sairá da caixa. É interessante usar objetos que levem a criança a fantasiar, tecidos podem se tornar avião, vento ou passarinho, basta apenas o incentivo do professor.

Avental - é um recurso que traz a possibilidade do contador ir acrescentando os personagens conforme narra a história. Ao utilizar essa técnica é importante o contador ficar em pé para que todos visualizem o cenário desenhado no avental.

Todos os recursos utilizados pelos professores devem ser cuidadosamente planejados para que no momento da contação de história ele

seja uma ferramenta de apoio e não algo que atrapalhe a compreensão da história.

Como sugere os autores Busatto (2012), Coelho (1991), Dhome (2003) e Fonseca (2013) o contador tem livre arbítrio para escolher o recurso, mas isso não quer dizer que ele possa ficar preso apenas em um, quando se cria o hábito de contar histórias, principalmente na sala de aula, o professor deve utilizar diferentes meios para não ficar cansativo e perder o interesse em ouvir histórias. Nesse caso o recurso visual é apenas um convite para a imaginação, para o inesperado, e é isso que desperta o interesse das crianças na educação infantil “a curiosidade em descobrir o novo”.

Como contar história?

Um bom contador de histórias não nasce necessariamente com este “dom”, contar histórias é um ato que precisa de prática e treino, não existe uma forma pronta e acabada para realizar esse ato, mas fica a critério do contador usar as estratégias que o deixa mais confiante. Conforme cita Busatto (2002) cada contador deve seguir suas características e valorizar ao utilizar o ato. Ao optar por contar uma história, as estratégias usadas pelo contador devem ter base nos recursos que tem facilidade em manipular, é isso que contribuirá para ter sucesso ao realizar o ato. Se o contador escolhe uma história que sua mensagem central não o agrada, dificilmente esta história será captada com entusiasmo por quem a ouve.

Uma dúvida levantada quando feita a escolha da história é como o contador se posicionará enquanto conta a história se ele ficará sentado ou ficará em pé, nesse momento é importante analisar o recurso que escolheu para contar história, caso seja um recurso que precisa de movimentos, expressões faciais a melhor maneira de contar história é ficando em pé. Busatto (2002), afirma que ao contar história em pé não pode movimentar muito, pelo fato de dispersar o público, deve –se locomover conforme a história pede.

Nesse caso facilita a visualização dos ouvintes e o contador tem liberdade para se movimentar, trazendo vida para a narrativa. Acompanhar os

passos do contador instiga a curiosidade da criança em descobrir qual será a próxima ação, por isso é muito utilizado pelos contadores, principalmente se estiver em um grupo grande de ouvintes.

Contar história sentada é indicado para quem está começando integrar o ato na sala de aula. Busatto (2002, p.70) ressalta que “Contar sentado com as crianças a sua volta é outra maneira de contar, e está mais próxima da prática do contador leigo [...]”. Em muitos casos se escolhe contar a história sentada quando utiliza um recurso que não precisa de tanto espaço. Essa prática possibilita uma relação mais próxima entre o contador e os ouvintes, criando um momento descontraído e de união entre os dois.

Cada contador tem características próprias para ser empregada no momento da contação, sendo de suma importância trabalhar com os artifícios que tem facilidade, só assim fará teu papel de mediador entre o mundo da fantasia e o mundo real, entretendo e transmitindo valores que estão inclusos na história narrada. Todos estes detalhes devem ser cuidadosamente preparados para que a criança fique o tempo todo interessada pelo desfecho da história.

A criança na educação infantil

A criança nesta faixa etária precisa de estímulos para descobrir o mundo a sua volta, sendo fundamental trabalhar com a contação de história com o objetivo de despertar o aluno para o mundo da leitura, o mundo da fantasia e para isso é necessário compreender os passos importantes para contar uma história, caso pule etapas e esse processo não seja interessante para a criança, pode ocorrer um retrocesso quando esta criança se tornar um leitor. Segundo Visca apud Barbosa (1999) estes obstáculos são de caráter epistemofílico, nesse caso quando a criança cria um vínculo inadequado com o mundo imaginário, acaba criando um bloqueio aumentando as chances de ser um leitor não praticante.

Sendo assim ao levar este ato para a sala de aula, especialmente na educação infantil onde as crianças ficam apenas alguns minutos com a atenção presa em uma determinada atividade, é de extrema importância ter posse de

bons recursos visuais para que o aluno permaneça até o final do enredo interessado pelo que está sendo contado.

No caso da contação de história os recursos visuais são extremamente fundamentais para que viagem nesse mundo cheio de aventuras, para isso deve-se valorizar o tempo do aluno, Coelho (1991, p.54) afirma que a duração da narrativa depende da faixa etária e do interesse que suscita: 5 a 10 minutos para os pequeninos [...] Não prolongar a história ajuda para que não se torne um momento cansativo fazendo com que a criança perca o interesse e se disperse.

Essa dispersão é natural da criança principalmente quando o que está sendo passado não é atrativo para eles, muitas das vezes ela se torna um meio de mostrar que aquela metodologia não é interessante, e o professor precisa ter esse olhar ainda na educação infantil para que não tenha consequência na vida escolar do educando.

Como inserir a contação de história na sala de aula?

Atualmente muitos professores aproveitam a diversidade de temas oferecida pelas histórias e desenvolvem seus trabalhos pedagógicos através da interdisciplinaridade, essa riqueza de detalhes que é ilustrado nas histórias possibilita que seja trabalhado com conteúdo que devem ser abordados na sala de aula. Para Busatto (2003) a partir do conto narrado é possível trabalhar diferentes conteúdo. O ideal é que o professor tenha um bom planejamento e introduza as diferentes disciplinas com a mesma sintonia, principalmente ao utilizar como metodologia a contação de história.

Existem meios didáticos que facilitam a inserção da contação de história na sala de aula dentre eles estão: as atividades permanentes, os projetos pedagógicos e a sequência didática.

As atividades permanentes são momentos que fazem parte da rotina diária, segundo Fonseca (2013, p. 42)

Por atividade permanente entendemos uma situação que acontece de forma sistemática e possibilita a familiarização com novos conhecimentos por meio de representação constante. Tem por objetivo criar hábitos e constituir atitudes, por isso necessita ser realizada com frequência durante um tempo longo. No caso da roda

de leitura, por exemplo, sugere-se que faça com que as crianças passem a esperar por ela.

Os professores que adotam a história como atividade permanente geralmente utilizam apenas contar a história, sem nenhuma atividade através do conto, fazendo com que a próprio aluno sinta necessidade de ter um momento do dia destinado a história, isso acontece porque esse ato é prazeroso e encanta todos que ouvem.

Os projetos pedagógicos facilitam o emprego do tema da história como mediador para desenvolver outras atividades, além possibilitar que acrescente novas atividades e novos temas. Segundo RCNEI vol III (1998, p. 57)

Os projetos são conjuntos de atividades que trabalham com conhecimentos específicos construídos a partir de um dos eixos de trabalho que se organizam ao redor de um problema para resolver ou um produto final que se quer obter. Possui uma duração que pode variar conforme o objetivo, o desenrolar das várias etapas, o desejo e o interesse das crianças pelo assunto tratado. Comportam uma grande dose de imprevisibilidade, podendo ser alterado sempre que necessário, tendo inclusive modificações no produto final.

Os projetos podem variar no seu tempo de duração, podendo permanecer enquanto a turma estiver interessada. É interessante trabalhar a contação de história através de projeto quando tem um tema que abrange o surgimento de outras ideias, enriquecendo o aprendizado da criança.

As sequências didáticas são atividades relacionadas a um determinado tema, para Fonseca (2013, p. 61)

[...] são formadas por sequências de atividades ordenadas e articuladas para trabalhar e/ ou aprimorar conteúdos específicos que o professor avalia como importantes e necessários para a aprendizagem de seu grupo. Tem duração limitada de algumas semanas.

As sequências didáticas facilitam o trabalho com o gênero literário. O tema da história promove a integração de atividades que contribuem significativamente para o desenvolvimento da aprendizagem.

O professor poderá contar a mesma história semanalmente para desenvolver uma sequência de atividades. Todo dia ele reconta a história para lembrá-los e após faz uma atividade com o intuito de aprimorar o conhecimento do aluno sobre o tema da história. É claro que o professor deve respeitar o interesse da criança, caso a história não esteja mais chamando a

atenção, ele deve escolher uma nova história e planejar sua aula, o interesse do aluno deve vir em primeiro lugar.

Seja por meio de atividades permanentes, projetos pedagógicos ou sequência didática, o ato de contar histórias deve ser constante na sala de aula, principalmente com as crianças da educação infantil que são curiosas e atentas a tudo que lhe ensinam.

CONCLUSÃO

Na contação de história existem diferentes recursos a serem utilizados pelos contadores, dentre eles o livro, fantoche e avental. Quando empregado na sala de aula os professores devem estar cientes que para contar uma história não pode ficar preso apenas um recurso, ele deve estar construindo recursos conforme o enredo da história.

Nessa pesquisa foi fácil compreender por que muitos professores optam por utilizar o livro como recurso na sala de aula, por ser um recurso simples e de fácil acesso, acaba sendo cômodo ao professor utilizá-lo, mas na maioria das vezes eles deixam a desejar quando vão contar a história e fazem apenas a leitura deleite, mesmo que para o professor aquilo seja uma contação. Conforme cita Coelho (1991, p. 33) “Devemos mostrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta a parte inferior do livro, aberto de frente para o público”. Para a autora quando se conta uma história o contador deve conhecê-la e contá-la com suas palavras, nesse caso o livro é um recurso visual para o ouvinte.

Conclui que os professores não têm o interesse em conhecer as técnicas para contar uma boa história, quando optam por utilizar recursos como fantoches acabam se perdendo a apenas isso e não utiliza o tom da voz, gestos e se entregar a história como se aquilo foi vivenciado por ele, fazendo com que a criança não se empolgue em se sentar e ouvir com atenção aquela história.

Essa falta de segurança em empregar recursos diferentes em suas contação, faz com que optem por livros ou apenas a leitura deleite e assim

deixam de lado o mundo imaginário e o faz de conta de lado, sendo que são peças-chaves para a formação das crianças na educação infantil. Quando o professor tem a alegria de se fantasiar e trazer o imaginário para a sala de aula com toda certeza seus alunos terão sucesso em suas vidas porque serão criativos e livres para serem o que quiser.

Nesse caso é compreensível o porquê das crianças estarem cada vez mais desinteressadas pelas histórias contadas, é comum observar professores na creche contando história para poucas crianças enquanto as outras estão brincando em outros espaços, algumas delas se cansam de ser sempre o mesmo recurso que simplesmente não lhe atraem ficar ali sentado ouvindo história, isto acontece pelo simples fato do professor da educação infantil não ser criativo e desinibido para se fantasiar e entrar na história.

Essa escolha demonstra certa comodidade dos professores que sempre estão buscando recursos que não precisem de muito preparo, comprovando que a maioria dos professores tem dificuldade em contar histórias usando recursos diferentes, muitas vezes por falta de inibição, o que provoca a falta de envolvimento entre o contador e a história.

Percebe-se que um dos utensílios para não preparar esses recursos com antecedência é a carga de tarefas que os sobrecarregam e por isso acabam optando pelo que dá menos trabalho, é claro que qualquer material pode se tornar um personagem, e muitos recursos podem ser reutilizados, mas esses dois meios são poucos cogitados por eles, então conclui-se que o pouco tempo disponibilizado para a preparação da contação faz com que a maioria dos professores busque a praticidade, deixando de lado a sua criatividade. Infelizmente por causa disso a contação de história está sendo escassa porque os professores não se preocupam em planejar os passos certos para contar histórias, em buscar recursos e metodologias diferentes para trazer o aluno para o mundo imaginário. Se ao escolher uma história ele buscar um recurso diferenciado que prenda a atenção da criança logo a mesma será uma boa ouvinte de história, caso não ocorra é possível que essa criança cresça com uma lacuna e seu interesse pela leitura vá se perdendo com o tempo.

Atualmente o número de leitores não praticante vem aumentando ainda no ensino fundamental, é comum ver alunos com falta de interpretação por não

ter o hábito de leitura, e na maioria das vezes a causa desse desinteresse pelo ato de ler vem da falta de incentivo dos professores na educação infantil que sem ter a intenção acaba prejudicando todo o desenvolvimento do educando.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Laura Monte Serrar. **A psicopedagogia transformando a aprendizagem em prazer e o prazer em aprendizagem.** Goiânia – GO, 1999.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa**, 8.ed. -Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade.** 4. ed. –São Paulo: Ática, 1991.

DHOME, Vania D' Angelo. **Técnicas de contar histórias: pais: um guia para os pais contarem histórias para seus filhos**–São Paulo: Informal Editora, 2003.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler.** 1º reimpressão –São Paulo: Blucher, 2013.

**- UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM SALA DE
AULA PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA (Lúcio Mussi Júnior)**

UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

Lúcio Mussi Júnior

RESUMO

O ensino de línguas estrangeiras na escola é um processo que busca mais que à aprendizagem de uma língua, sendo necessário o desenvolvimento da compreensão e da apreciação de outras culturas. Para isso, a música se mostra como uma ferramenta valiosa na aproximação dos estudantes com as culturas de países hispanohablantes, sensibilizando-os de forma lúdica e envolvente, estimulando e facilitando o processo de ensino/aprendizagem. Frente a este cenário, este trabalho tem como objetivo apresentar uma revisão bibliográfica sobre a utilização da música nas aulas de língua espanhola como um meio lúdico de se expandir vocabulário, trabalhar gramática, pronúncia e de aproximação cultural entre o Brasil e os países hispanohablantes. Visando cumprir com os objetivos aqui propostos, foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica a partir de trabalhos de autores como: ALMEIDA (2011), ALVES (2018), CARDOSO (2016), CARVALHO (2016), FELIPE (2012), FERREIRA (2019), KATO (2017), LIMA (2019), NASCIMENTO (2017), PAIVA (2018), RUIZ (2012), SILVA (2012), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Espanhol. Música. Recursos Pedagógicos.

INTRODUÇÃO

O ensino de línguas estrangeiras é um processo que visa não apenas à aprendizagem de uma língua, mas também ao desenvolvimento da compreensão e da apreciação de outras culturas. Nesse contexto, a música pode ser uma ferramenta valiosa para aproximar as culturas de países hispanohablantes e do Brasil. A música é uma expressão artística que tem a capacidade de transmitir ideias, emoções e valores culturais de forma acessível e atraente. No ensino de língua espanhola, a música pode ser utilizada para sensibilizar os alunos à cultura dos países hispanohablantes e contribuir para uma aprendizagem mais significativa e motivadora.

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma revisão bibliográfica sobre a utilização da música nas aulas de língua espanhola como um meio

lúdico de se expandir vocabulário, trabalhar gramática, pronúncia e de aproximação cultural entre o Brasil e os países hispanohablantes.

Serão discutidas as vantagens e desvantagens do uso da música no ensino de língua espanhola, bem como serão apresentados exemplos de atividades pedagógicas que utilizam a música como recurso didático.

A utilização da música como recurso pedagógico no ensino de língua espanhola tem sido uma prática cada vez mais frequente nas escolas brasileiras. A música é um elemento que pode tornar as aulas mais atraentes e motivadoras, além de ajudar os alunos a desenvolverem habilidades linguísticas, tais como a compreensão auditiva, a pronúncia e a expressão oral e escrita.

Visando o cumprimento dos objetivos aqui propostos, foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica, a partir dos trabalhos de autores como ALMEIDA (2011), ALVES (2018), CARDOSO (2016), CARVALHO (2016), FELIPE (2012), FERREIRA (2019), KATO (2017), LIMA (2019), NASCIMENTO (2017), PAIVA (2018), RUIZ (2012), SILVA (2012), entre outros.

Contudo, ficou evidente a importância da utilização das atividades ligadas à música no ensino de língua espanhola, entretanto, destacou-se a necessidade de preparo e atenção por parte do professor, tanto na escolha das músicas e das práticas, bem como aplicação das mesmas junto aos estudantes, para que sejam de fato aproveitados os recursos de forma positiva e completa no ensino da língua. Haja vista que, sem os devidos cuidados tais práticas podem acabar funcionando apenas como atividades recreativas.

DESENVOLVIMENTO

Diversos estudos têm destacado a importância da música no ensino de língua espanhola em escolas brasileiras. De acordo com Carvalho (2016), a música é um recurso pedagógico que permite trabalhar diferentes aspectos da língua, como vocabulário, gramática, pronúncia e entonação. Segundo a autora, a música pode ser utilizada em diferentes momentos da aula, como introdução, desenvolvimento e fixação do conteúdo.

O uso da música como recurso pedagógico no ensino de línguas tem sido objeto de diversos estudos na área de Linguística Aplicada. Dentre os trabalhos que abordam o tema, destaca-se o de Kato (2017), que investigou a utilização da música no ensino de língua espanhola para crianças e adolescentes em escolas públicas do estado de São Paulo. Segundo a autora, a música pode ser utilizada para trabalhar o vocabulário, a gramática, a pronúncia e a entonação em espanhol de forma lúdica e efetiva.

De acordo com Lima (2019), o uso da música no ensino de língua espanhola pode ser especialmente útil para trabalhar o vocabulário, pois as letras das músicas muitas vezes apresentam uma grande variedade de palavras e expressões idiomáticas em espanhol. Além disso, a música pode ajudar os alunos a fixar o significado das palavras e expressões aprendidas de forma mais efetiva, uma vez que a música cria uma associação entre as palavras e a melodia.

Vantagens e desvantagens do uso da música no ensino de língua espanhola

A utilização da música como recurso pedagógico no ensino de língua espanhola pode trazer diversas vantagens para o processo de aprendizagem. Entre as principais vantagens, pode-se destacar:

- A música pode ser uma ferramenta lúdica e atraente para engajar os alunos e tornar a aprendizagem mais prazerosa e significativa.
- A música pode ser utilizada para trabalhar o vocabulário, a gramática, a pronúncia e a entonação de forma contextualizada e natural.
- A música pode ajudar os alunos a desenvolverem uma compreensão mais profunda da cultura dos países hispanohablantes, por meio da letra, da melodia e dos instrumentos musicais utilizados.
- A música pode ser utilizada para incentivar a criatividade dos alunos, permitindo que eles componham suas próprias músicas em espanhol.

Porém, é importante destacar que a utilização da música no ensino de língua espanhola também pode apresentar algumas desvantagens. Entre elas, pode-se destacar:

- A seleção inadequada de músicas pode levar à transmissão de valores culturais equivocados ou inapropriados.
- O uso excessivo de músicas pode comprometer o tempo dedicado a outras habilidades e competências que são igualmente importantes no ensino de língua espanhola.
- A falta de preparação do professor para utilizar a música como recurso pedagógico pode comprometer a efetividade da estratégia.

Já no que se refere à gramática, a música pode ser utilizada para ensinar a conjugação dos verbos, os pronomes, os advérbios, as preposições, dentre outros elementos gramaticais da língua espanhola. Nesse sentido, Cardoso (2016) destaca que a música pode ajudar os alunos a compreender a estrutura gramatical da língua de forma natural e contextualizada, o que facilita a aprendizagem e a fixação dos conceitos.

Outro aspecto importante da utilização da música no ensino de língua espanhola é o seu potencial para trabalhar a pronúncia e a entonação. Segundo Alves e Santos (2018), a música pode ajudar os alunos a desenvolverem uma pronúncia mais correta e natural em espanhol. Ao cantar as letras das músicas, os alunos podem praticar a pronúncia das palavras e a entonação adequada para cada situação comunicativa. Além disso, a música pode ajudar os alunos a distinguir entre as diferentes variedades do espanhol, o que é especialmente útil.

Além disso, a música também pode ser utilizada como um meio de aproximação cultural entre Brasil e países hispanohablantes. De acordo com Paiva e Barbosa (2018), a música pode ser um recurso eficiente para estimular o interesse dos alunos pela cultura dos países de língua espanhola e promover a interculturalidade.

Aproximação cultural entre Brasil e países hispanohablantes

A música é um importante meio de aproximação cultural entre o Brasil e os países hispanohablantes. Através da música, é possível conhecer e apreciar as diferentes culturas presentes na América Latina e na Península Ibérica. A música é um elemento que permeia a vida cotidiana dos países hispanohablantes, seja nos ritmos musicais populares, nas festas tradicionais, ou nas letras das músicas que expressam sentimentos e ideias.

Ao utilizar a música no ensino de língua espanhola, os alunos têm a oportunidade de se aproximar da cultura dos países hispanohablantes de forma lúdica e prazerosa. A música permite que os alunos experimentem diferentes sonoridades, ritmos e melodias, contribuindo para uma compreensão mais profunda e significativa da língua espanhola.

Além disso, a música pode ser um meio para promover a diversidade cultural e o respeito às diferenças. Ao conhecer as diferentes culturas presentes nos países hispanohablantes, os alunos podem ampliar suas perspectivas e compreender a riqueza das diferenças culturais.

Outro aspecto importante da utilização da música no ensino de língua espanhola é o seu potencial para desenvolver a competência comunicativa dos alunos. De acordo com Ferreira (2019), a música pode ajudar os alunos a desenvolverem a compreensão auditiva, a pronúncia correta das palavras e a expressão oral e escrita em espanhol. Além disso, a música também pode ser um recurso eficiente para trabalhar a compreensão textual e a produção escrita.

Exemplos de atividades pedagógicas com música no ensino de língua espanhola

Existem diversas atividades pedagógicas que podem ser desenvolvidas com o uso da música no ensino de língua espanhola. A seguir, serão apresentados alguns exemplos de atividades que podem ser adaptadas aos diferentes níveis de ensino e objetivos pedagógicos:

Análise de letra de música: os alunos podem ser convidados a analisar a letra de uma música em espanhol, identificando o vocabulário, a

gramática, a pronúncia e a entonação utilizados. Além disso, podem ser discutidos aspectos culturais presentes na letra da música.

Composição de músicas: os alunos podem ser incentivados a compor suas próprias músicas em espanhol, utilizando o vocabulário e a gramática aprendidos em sala de aula. Essa atividade pode ser realizada em grupos ou individualmente, dependendo do objetivo pedagógico.

Karaoke em espanhol: os alunos podem ser convidados a cantar músicas em espanhol utilizando a letra projetada em uma tela ou quadro. Essa atividade pode ser realizada de forma individual ou em grupo, incentivando a prática da pronúncia e da entonação.

Atividades de escuta: os alunos podem ser convidados a ouvir músicas em espanhol e identificar o vocabulário, a gramática, a pronúncia e a entonação utilizados. Essa atividade pode ser realizada em sala de aula ou como tarefa de casa.

Aulas temáticas: os professores podem utilizar a música como tema central de uma aula, abordando aspectos culturais dos países hispanohablantes, tais como música folclórica, ritmos musicais, cantores e compositores famosos, entre outros.

CONCLUSÃO

Em suma, a utilização da música no ensino de língua espanhola em escolas brasileiras pode ser uma estratégia eficiente para tornar as aulas mais atraentes e motivadoras, além de desenvolver as habilidades linguísticas e interculturais dos alunos.

A música pode ser utilizada em diferentes momentos da aula e pode ser um meio de aproximação cultural entre Brasil e países hispanohablantes. A pesquisa sobre o tema é ampla e traz diversas contribuições que enriquecem o debate sobre a utilização da música como recurso pedagógico no ensino de língua espanhola.

Assim, percebe-se que a utilização da música no ensino de língua espanhola pode ser uma estratégia pedagógica eficiente para trabalhar o

vocabulário, a gramática, a pronúncia e a entonação. Os estudos citados neste trabalho demonstram que a música pode ser uma ferramenta lúdica e atraente para engajar os alunos e ajudá-los a fixar o conteúdo de forma mais efetiva. Além disso, a música pode ajudar os alunos a desenvolverem uma pronúncia mais natural e correta em espanhol, o que é essencial para a comunicação efetiva em uma língua estrangeira.

Porém, é importante ressaltar que a utilização da música como recurso pedagógico não deve ser vista como uma panaceia para todos os problemas do ensino de línguas. É necessário que os professores tenham uma formação adequada para utilizar a música de forma efetiva em sala de aula, selecionando as músicas adequadas ao nível e interesse dos alunos, adaptando as atividades aos objetivos pedagógicos e avaliando os resultados do uso da música no ensino de língua espanhola.

É importante ainda, que o uso da música no ensino de língua espanhola seja planejado adequadamente, de forma a atender aos objetivos pedagógicos e linguísticos da aula. Os professores devem estar atentos às especificidades dos alunos e às diferentes formas de utilização da música no processo de ensino e aprendizagem de língua espanhola.

Por fim, é importante destacar que a música é um elemento cultural presente em todos os países e pode ser utilizada como uma ferramenta para a promoção do diálogo intercultural e da compreensão mútua entre os povos. Ao utilizar a música no ensino de língua espanhola, os alunos podem desenvolver habilidades linguísticas e culturais, e se aproximar dos países hispanohablantes de forma prazerosa e significativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. A música como recurso pedagógico no ensino de línguas estrangeiras. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE ESPANHOL, 15, 2011, Uberlândia. Anais... Uberlândia: ABPE, 2011.

ALVES, F. R. A.; SANTOS, F. R. A música como recurso pedagógico para o ensino de língua estrangeira. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação*, v. 1, n. 2, p. 116-127, 2018.

ARANDA, M. P. Música y didáctica del español como lengua extranjera. In: FRAGA, L.; GONZÁLEZ, M. (Orgs.). *Enseñanza de español como lengua extranjera: tendencias actuales*. Buenos Aires: Ediciones de la Universidad de Buenos Aires, 2006.

CARDOSO, A. S. S. O uso da música no ensino de língua espanhola: uma proposta didática. *Revista Cenários Linguísticos*, v. 1, n. 1, p. 14-28, 2016.

CARVALHO, D. F. Música no ensino de língua espanhola. 2016. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/41851104/artigo-musica-no-ensino-de-lingua-espanhola>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FELIPE, T. M. A música no ensino de línguas estrangeiras: um estudo sobre a sua eficácia como recurso didático. *Revista Língua & Literatura*, v. 13, n. 24, p. 75-90, 2012.

FERREIRA, J. S. O uso da música no ensino de espanhol. *Revista de Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas*, v. 8, n. 2, p. 47-56, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relm/article/view/67124>. Acesso em: 10 mar. 2023.

JOLIBERT, J. *Formação de leitores para a diversidade cultural*. São Paulo: Ática, 2002.

KATO, M. S. O uso da música no ensino de língua espanhola para crianças e adolescentes em escolas públicas do estado de São Paulo. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal de São Paulo, 2017.

LIMA, M. A. F. O uso da música no ensino de vocabulário em língua espanhola. In: L. R. P. de Oliveira; M. A. F. Lima (Orgs.). *Aprendizagem de línguas na perspectiva do letramento: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Scortecci, 2019. p. 51-63.

MIRANDA, E. A música como recurso didático no ensino de língua espanhola. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA E LITERATURA ESPANHOLA*, 5, 2009, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2009.

NASCIMENTO, M. A. O uso da música no ensino de língua estrangeira: uma revisão bibliográfica. *Revista Litterae*, v. 7, n. 1, p. 61-70, 2017.

PAIVA, D. L.; BARBOSA, E. B. O uso da música no ensino de língua espanhola: uma revisão bibliográfica. *Revista Index*, v. 5, n. 1, p. 89-103, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/index/article/view/38252>. Acesso em: 10 mar. 2023.

RUIZ, M. J. Música en el aula de ELE: actividades y recursos. Madrid: Edinumen, 2012.

SILVA, M. P.; GODOY, S. A música no ensino de língua espanhola: reflexões sobre a prática. Revista do Centro de Estudos da Linguagem, v. 20, n. 2, p. 103-118, 2012.

